

ISSN 1519 – 1958

**FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DE
UNAI**



Revista

FACTU

Ciência

ANO 16 VOLUME 29 –AGO/DEZ /2015

Publicada pela
Faculdade de Ciências e Tecnologia de Unai

Adalberto Lucas Capanema
Presidente AEPU

Maria José Lucas Capanema
Diretora Administrativa

Adalberto Lucas Capanema
Diretor Geral

José Juliano Espíndola
Diretor Acadêmico

Secretária Geral
Fabrcia Lucas de Mendonça

Contatos
Revista FACTU Ciência
Rua Rio Preto, 422 Unai – MG
CEP. 38.610-0000
Tel: 38 3676 6222

Editor da Revista
Dêner Geraldo Batista Neves

Conselho Editorial
Dêner Geraldo Batista Neves
Gabriel Moreira
Graziela Cristina Simões
Lidiane Campos dos Santos
Lilian Rodrigues Maia
Maria Aparecida de Oliveira
Michelle Lucas Cardoso Balbino
Nathalia Oliveira Martins

Revisão
Juliana Lacerda Machado

Editor de arte
Elaine Gomes Rodrigues Santiago

**Ficha catalográfica preparada pela seção de catalogação e
Classificação da Biblioteca da FACTU.**

Revista FACTU CIÊNCIA – Ano 16, n° 29 (Ago/Dez 2015). Unai:
FACTU, 2015.
Semestral
ISSN 1519 – 1958

1. Gestão. 2. Educação. 3. Saúde. 4 Agricultura

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para venda ou qualquer fim comercial. Os resultados expressos nos artigos são de inteira responsabilidade dos seus autores.

SUMÁRIO

O JOGO E SUAS POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS NO ENSINO DA MATEMÁTICA NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	05
Grasielly de Faria Rates Lenivaldo Geraldo de Souza	
A AUTOIMAGEM DE ADOLESCENTES DO MUNICÍPIO DE NATALÂNDIA-MG	24
Luciene Lourenço Mota Karine Alves Terra	
A IMPORTÂNCIA DAS CARACTERÍSTICAS EMPREENDEDORAS EM CONTABILIDADE: Um estudo de caso com os acadêmicos do Curso de Ciências Contábeis da FACTU	50
Tiago Vieira Souza Gabriel Moreira Andréia Teixeira Costa	
A UNIVERSALIDADE DO PENSAMENTO ÉTICO NA CULTURA PÓS-CONTEMPORÂNEA, PAUTADO NO BEM TRANSCENDENTAL	63
Fábio de Freitas Aguiar Dener Geraldo Batista Neves Maria Cecília Isatto Parise	
INFLUÊNCIA DO PÚBLICO FEMININO NA DECISÃO DE COMPRA DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO NA CONSTRUMATOS DE ARINOS-MG	74
Cláudia Aparecida Machado Lidiane Campos dos Santos Talita Leal da Silva	
A PERCEÇÃO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM DA ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA NO MUNICÍPIO DE CABECEIRA GRANDE-MG ACERCA DA ATENÇÃO INTEGRAL À SAÚDE DO IDOSO	86
Jessik Mayara Santos Andrade Ribeiro Renata Silveira Lúcio	
NORMAS PARA PUBLICAÇÃO	114

APRESENTAÇÃO

O Conselho Editorial da revista FACTU CIÊNCIA têm a grata satisfação de colocar à disposição de seus leitores o 29º volume da Revista Científica, referente ao segundo semestre de 2015. A Revista FACTU CIÊNCIA é o meio de divulgação de artigos científicos dos nossos sete cursos de graduação. Neste volume são apresentados artigos de autoria de membros do corpo docente e discente.

A revista FACTU CIÊNCIA consolida-se como uma dos mais importantes veículos de comunicação científica da região e o Conselho Editorial da Revista FACTU CIÊNCIA convida, mais uma vez, os estudiosos e pesquisadores da FACTU e de outras instituições a enviarem seus escritos para o próximo volume.

Tenham uma boa leitura.

Conselho Editorial da Revista FACTU CIÊNCIA

Os editores não assumem nenhuma responsabilidade por danos a pessoas ou propriedades que possam ser causados por uso das idéias, técnicas ou procedimentos contidos no material publicado nesta revista. A submissão de artigos pressupõe que estes artigos, com exceção dos resumos ampliados, não tenham sido publicados anteriormente, nem submetidos a qualquer outra publicação

O JOGO E SUAS POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS NO ENSINO DA MATEMÁTICA NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Grasielly de Faria Rates

Licenciada em Pedagogia pela Factu

Lenivaldo Geraldo de Souza

Mestre em educação e professor da Factu

RESUMO

Os desafios de aprender e ensinar Matemática são cada vez maiores, e estes têm sido um dos mais importantes aspectos a serem discutidos em pesquisas sobre Educação Matemática. Por isso, o presente estudo teve como objetivo investigar três turmas do 6º ano, do Ensino Fundamental, turno vespertino, da Escola Estadual Delvito Alves da Silva, no município de Unaí–MG, sobre o jogo no contexto da prática pedagógica do professor de Matemática. De acordo com a percepção dos alunos, os resultados indicaram que os jogos não são utilizados em aulas de Matemática, pode-se perceber também nas descrições dos alunos a vontade de vivenciar outras vezes os jogos nas aulas de Matemática. Por fim, os resultados obtidos neste estudo trazem reflexões importantes para a prática pedagógica do professor sinalizando o uso de jogos nas aulas de Matemática como um recurso que favorece a aprendizagem da disciplina, tornando-a fonte de satisfação e de prazer.

Palavras-chave: Jogos. Matemática. Prática Pedagógica. Ensino . Aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

Numa sociedade, como a de hoje, cada vez mais inserida num contexto voltado para as descobertas e inovações, tanto no campo da educação como da tecnologia, ficam evidentes as mudanças na forma de ensinar, na apresentação dos conteúdos, no uso de recursos didáticos, dentre outros. Nota-se na atual pesquisa em Educação Matemática o interesse em conhecer o leque de significações inserido na prática pedagógica do professor, revelando uma nova postura na forma de transmissão e construção do conhecimento, facilitando a aprendizagem da Matemática.

Diante deste contexto os jogos matemáticos se apresentam como um procedimento favorecedor para a prática pedagógica dos professores, os quais possibilitam aos alunos desenvolverem habilidades e competências. Além de colaborar para uma aprendizagem mais significativa e capaz de ajustar as metodologias do docente na tentativa de propor desafios aos alunos, aprofundar e ampliar conhecimentos matemáticos que despertem o senso crítico e a formação ativa e que aprimora a linguagem e o raciocínio.

No campo da Educação Matemática é notório perceber, no desvelar da ação docente, a pouca utilização dos jogos para ensinar os conteúdos matemáticos, sendo que nas séries finais do ensino básico esta realidade se intensifica.

O tema escolhido está centralizado na preocupação de investigar as percepções dos alunos dos 6º anos sobre as práticas pedagógicas utilizadas pelos educadores que lecionam Matemática em relação ao jogo, na tentativa de promover a construção do conhecimento matemático, facilitando a aprendizagem dos alunos.

Não querendo que os relatos dos alunos fossem ignorados e confiando no diálogo entre a escrita e a leitura, os alunos revelaram os sucessos e insucessos que o jogo possibilita em uma aula de Matemática. Além de pontuarem a contribuição do jogo no processo ensino e aprendizagem da disciplina..

Tendo como relevância social minimizar as dificuldades que os alunos encontram na matemática com o intuito de quebrar o medo existente em tal disciplina. Sabe-se que chegar ao fim de uma pesquisa é apenas o começo, por isso espera-se que este trabalho possa abrir espaço para novas investigações futuras.

2 INDICADORES EDUCACIONAIS: O QUE ELES NOS DIZEM A RESPEITO DA MATEMÁTICA?

O ensino da Matemática tem sido objeto de estudos, pesquisas e reflexões que contribuem para melhoria da qualidade do ensino, mas mesmo assim a aprendizagem dos estudantes encontra-se em um nível insatisfatório. É notório esta realidade ao verificar os resultados apontados pelos indicadores educacionais. O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Texeira (INEP), promove estudos e pesquisas sobre o Sistema Educacional Brasileiro. Um dos levantamentos estatísticos é o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) que avalia o desempenho dos alunos brasileiros em Língua Portuguesa e Matemática (INEP, 2007).

Em Matemática, o desempenho é avaliado por meio das habilidades relacionadas à compreensão e à capacidade do aluno para resolver problemas. É um teste aplicado em amostra de alunos do 5º e 9º anos do Ensino Fundamental e 3ª série do Ensino Médio, sendo realizado a cada dois anos. Oficialmente como ilustram Klein e Fontanive (2009), os alunos que fizeram as avaliações do SAEB 2007, de acordo com os resultados, a 4ª série do Ensino Fundamental, hoje 5º ano, menos de 24% dos alunos alcançou o nível adequado para esta série; já o 8ª série do Ensino Fundamental, hoje 9º ano, e a 3ª série do Ensino Médio, cerca de 14% e 10% conseguiram atingir o nível adequado para a série.

O Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA); cuja finalidade principal é produzir indicadores sobre a efetividade dos sistemas educacionais, avaliando o desempenho de alunos na faixa dos 15 anos. Retrata os resultados do Brasil, em 2003, em Matemática, foram de 356 pontos, enquanto em 2006 foram de 370 pontos. Pôde-se perceber um avanço de 14 pontos. Ainda, de acordo com o relatório do PISA 2006, mesmo assim, com este pequeno avanço o Brasil continua no último grupo, ocupando a 52ª posição dentre os 57 países avaliados (BRASIL, 2008).

Diante dos resultados apontados pelos indicadores educacionais e mediante os programas de avaliação, pode-se perceber que ainda há muito que se fazer para minimizar os cenários de insucesso que permeiam o ensino e a aprendizagem da Matemática.

3 A PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA ENSINAR MATEMÁTICA

De acordo com D'Ambrosio (1989, p.15) “Sabe-se que a típica aula de matemática [...] ainda é uma aula expositiva, em que o professor passa para o quadro negro aquilo que julga importante”. Assim, a aprendizagem fica alicerçada em aulas sistematizadas e descontextualizadas, com ações conservadoras.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais, “a atividade matemática escolar não é “olhar para coisas prontas e definitivas”, mas a construção e a apropriação do conhecimento pelo aluno, que se servirá dele para compreender e transformar sua realidade.” (BRASIL, 1997, p.19). Os alunos precisam ser estimulados a contestar, ser incentivados a encarar novas situações.

O professor pode contribuir para que o aluno pense de forma integrada, principalmente quando ele prioriza inovações na prática pedagógica, fazendo com que a sala de aula não seja apenas o lugar onde os alunos simplesmente aprendam a executar e fazer aquilo que foi ensinado pelo professor, mas que seja o local de construção do conhecimento. Reconhecendo o papel relevante, do professor, na arte de ensinar, Delors (2004, p.152) descreve:

os professores têm um papel determinante na formação de atitudes- positivas ou negativas perante o estudo. Devem despertar a curiosidade, desenvolver a autonomia, estimular o rigor intelectual e criar as condições necessárias para o sucesso da educação formal e da educação permanente.

Por isso, refletindo a respeito do pensamento de Delors, pode-se perceber que o papel do professor deve ultrapassar os limites da sala de aula, favorecendo a construção da identidade do aluno, estimulando a criatividade e autonomia. Entretanto, somente será conquistado se o ensino da Matemática for oferecido de maneira diversificada, sem alienação dos currículos e programas, no qual o professor deixa de ser o detentor do saber e passa a ser um consultor de ideias.

Tal influência dos conteúdos aplicados pelo docente pode propiciar contribuições para a formação dos alunos, desenvolvendo nestas “novas capacidades de criar, criticar, questionar e aprender de forma mais significativa, bem como novas maneiras de viver e conviver” (MORAES, 2007, p. 215).

4 RECURSOS DIDÁTICOS: UM APOIO PARA A INSTRUMENTALIZAÇÃO DO ENSINO

Na tentativa de buscar estratégias de ensino que sejam mais eficazes, sugerem-se os recursos didáticos como instrumentos que podem ser utilizados na prática pedagógica do professor. Souza (2007, p. 111) retrata que o “recurso didático é todo material utilizado como auxílio no ensino-aprendizagem do conteúdo proposto para ser aplicado pelo professor a seus alunos.”

É relevante mencionar que os recursos didáticos devem buscar eficácia no processo de ensino, onde o professor deve preparar-se constantemente para o trabalho com diferentes metodologias. Demo (2005, p. 60) acrescenta que “é fundamental repensar o compromisso com a aprendizagem, introduzindo atentamente o dever de se cuidar da aprendizagem do aluno”. Além disso, valorizar as estratégias de ensino, os recursos e as metodologias utilizadas para o desenvolvimento do educando, reconhecendo-as como ferramentas essenciais para favorecer a aprendizagem matemática em diferentes níveis de escolaridade.

As relações do ensino da Matemática com o cotidiano pode ser trabalhada mediante as vivências pedagógicas em que o professor seja capaz de criar novas estratégias de ensino, ampliando os recursos em sala de aula, possibilitando uma aula mais proveitosa para a classe. Pais (2006, p. 28) ressalta que “para fazer isso, é preciso buscar dinâmicas apropriadas para intensificar as possibilidades de interação do aluno com o conhecimento”, mediante recursos que despertem a curiosidade, que estimulem

uma aprendizagem eficaz. Vale ressaltar que os recursos utilizados para ensinar e aprender Matemática por si só não contribuem para o desenvolvimento de competências. O papel do professor como mediador neste processo é relevante para a assimilação dos conteúdos.

D'Ambrosio (1989) baseou-se nas ideias de Liben (1987), retratando que o uso de computadores e a utilização de novas tecnologias desenvolvem nos alunos a autoconfiança para criar e fazer Matemática, onde os alunos deixam de adquirir conhecimentos prontos, para enveredar pela construção de novos conceitos. Para o autor, os jogos matemáticos podem ser utilizados para resgatar o lúdico, e incentivar o pensamento lógico matemático através da valorização de estratégias, estimativa e cálculos mentais.

5 O JOGO COMO RECURSO RELEVANTE NAS AULAS DE MATEMÁTICA

Huizinga (*apud* ROMERA; *et al.*,2007) conceitua o jogo como uma atividade livre, desprendida de seriedade e exterior a vida cotidiana, mas que é capaz de absorver o jogador por completo de maneira intensa. É uma atividade desprovida de interesse material, ou lucrativo, com uma prática seguida de ordens e regras, dentro dos limites espaciais e temporais. Na concepção de Venâncio e Freire (2005, p.42-43), “todo jogo é organizado com base em regras [...] que podem ser explícitas, implícitas, flexíveis ou rígidas, porém, são fixas, obrigatórias e respeitadas por todos os jogadores.” Diante das definições e conceitos apresentados sobre o jogo pode-se sintetizar os caminhos percorridos nesta pesquisa com as ideias de Macedo, Petty e Passos (2005, p. 105, minha ênfase):

Jogar não é simplesmente apropriar-se das regras. É muito mais que isso! A perspectiva do jogar que desenvolvemos relaciona-se com a apropriação da estrutura, das possíveis implicações e tematizações. Logo, não é somente jogar que importa (embora seja fundamental!), mas refletir sobre as decorrências da ação de jogar, para fazer do jogo um recurso pedagógico que permita a aquisição de conceitos e valores essenciais à aprendizagem.

Quando os autores apontam que jogar vai além da apropriação das regras, fica evidente uma combinação entre o estímulo à criatividade, a socialização, a construção de conhecimentos que os alunos adquirem no ato de jogar, pois jogar é relevante, mas refletir sobre a ação de jogar para estimular a aprendizagem enriquece o trabalho do docente. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), são várias as maneiras e os recursos para se ensinar Matemática, e o jogo estão inserido dentro destas possibilidades, facilitando a aprendizagem dos conteúdos e contribuindo para a reflexão sobre a prática pedagógica do professor.

Conforme sustenta Pastells (2009, p. 11), “o jogo é um recurso de aprendizagem indispensável nas aulas de matemática e que no contexto escolar deveria se integrar ao programa de forma séria e rigorosa”. Seguindo a linha de pensamento do autor é evidente que o entretenimento e a diversão encontrada no jogo, permite o desenvolvimento intelectual e social, mesclando a Matemática com um corpo de conhecimentos rigorosos e estruturados para a aquisição de conteúdos e também lúdico e livre para garantir o desenvolvimento de habilidades individuais.

Neste sentido os jogos são muito valiosos, pois despertam os estímulos da inteligência das crianças, de forma pedagógica segundo Borin (2007, p. 9) possibilita “diminuir os bloqueios apresentados por muitos de nossos alunos que temem a

matemática e sentem-se incapacitados para aprendê-la”. Conforme Macedo, Petty e Passos (2000), as atitudes dos alunos em situação de jogo são positivas e estabelecem a aquisição de conhecimentos sendo fundamental considerar o desenvolvimento e a aprendizagem que o aluno adquire no ato de jogar.

Corroborando com o assunto, Ribeiro (2008) pontua que os jogos evidenciam momentos de inovação, minimizando o ensino voltado para as atividades rotineiras, como por exemplo: resolução de listas de exercícios. Também, os jogos podem estimular mudanças desafiadoras nos educandos e garantir o desenvolvimento de cidadãos críticos, reflexivos e inventivos.

Dessa forma, o jogo pode ser visto como um agente favorável para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor do aluno, que propiciam prazer e adrenalina ao jogador, pois enquanto o jogo acontece ocorrem muitas transformações, mudanças, alternativas, e várias possibilidades de jogadas, gerando maior tensão, devido às incertezas, a imprevisibilidade, ou seja, “ele é todo movimento, propiciando em meio ao acaso um ambiente instável, totalmente propício e facilitador para o aprendizado.” (VENÂNCIO; FREIRE, 2005, p. 43).

Ensinar por meio de jogos é um caminho para o educador desenvolver aulas mais interessantes, descontraídas e dinâmicas, [...] despertando ou estimulando a vontade de frequentar com assiduidade a sala de aula e incentivando o desenvolvimento nas atividades, sendo agente no processo de ensino e aprendizagem, já que aprende e se diverte, simultaneamente (SILVA, Mônica, 2005).

Os alunos sentem prazer ao jogar, pois ao mesmo tempo em que o jogo é lúdico, é sério, e talvez aí apresente inúmeras características que envolvem o jogador, tais como: ordem, transformação, desordem, movimento, tranquilidade, ritmo, variações e entusiasmo (VENÂNCIO; FREIRE, 2005). De acordo Silva Maria (2005), por meio destas manifestações é que jogo torna-se tão valioso para a promoção de uma aprendizagem diferente e significativa. Diante deste contexto, fica evidente que os jogos possuem “uma estrutura matemática a ser descoberta pelo aluno que, assim se torna um agente ativo na construção do seu próprio conhecimento matemático.” (MENDES, 2009, p.25).

6 RESOLUÇÃO DE PROBLEMA E JOGOS DE ESTRATÉGIAS

A perspectiva metodológica da resolução de problemas está inserida em uma proposta de ação pedagógica, mediante uma situação-problema. Diante deste contexto, Smole, Diniz e Milani (2007) ressaltam que o aluno é convidado para combinar os conhecimentos adquiridos, além de decidir as maneiras de usá-los, possibilitando solucionar a questão proposta. Segundo as autoras, a maioria dos alunos que não se identificam com o ensino tradicional da Matemática encontra na resolução de problemas momentos de investigação que fornecem espaço para a valorização da criatividade e da confiança.

A resolução de problemas é uma metodologia de ensino em que o educador propõe ao estudante situações que enfatizam a exploração de novos conceitos e a investigação, visando à aquisição de conteúdos matemáticos através das situações que estimulam a curiosidade no qual o professor lança um problema e deixa os alunos livres para encontrarem diferentes procedimentos para solucioná-lo, com a finalidade de observar as diferentes estratégias que eles usam para responder um problema sem as instruções formais apresentadas pelo professor (D’AMBROSIO; 1989).

Em se tratando do jogo de estratégias Grandó (2000, p. 52) revela que eles “são aqueles que dependem única e exclusivamente do jogador para vencer”, onde o jogador elabora uma estratégia de maneira, que não dependa da sorte para vencer o outro.

Nos jogos de estratégia (busca de procedimentos para ganhar) parte-se da realização de exemplos práticos (e não da repetição de modelos de procedimentos criados por outro) que levam ao desenvolvimento de habilidade específicas para a resolução de problemas e os modos típicos do pensamento matemático.” (BRASIL, 1998, p. 47).

Aborda-se, assim, que para vencer o jogo será necessária uma estratégia do jogador que seja diferente das demais já utilizadas, na qual ele deverá obter novos procedimentos em cada partida para garantir a vitória. Neste sentido, Grandó (1995) aponta que não basta jogar para criar estratégias, é necessário observar o jogo, prever as jogadas do adversário, levantando hipóteses, e trabalhando para corrigir as jogadas “erradas”, buscando estratégias que o levem o jogador a vencer o jogo, fazendo assim uma reflexão sobre cada jogada.

7 SUCESSOS E INSUCESSOS PERCEBIDOS NO ATO DO JOGO

O jogo inserido no contexto escolar traz grandes vantagens para a aprendizagem dos alunos, porém quando são mal organizados pelo educador o jogo pode trazer desvantagens que influem a aprendizagem (GRANDO, 2000). A introdução e desenvolvimento de conceitos contribuindo, para que o aluno aprenda a desenvolver estratégias de resolução de problemas, sendo desafiados constantemente pelos jogos.

O jogo se faz importante também para que estes aprendam a tomar decisões e avaliá-las, percebendo se foi a escolha correta ou não, onde aprendam a dar significação para os conceitos aparentemente incompreensíveis. A participação ativa do aluno na construção do seu próprio conhecimento, favorece o desenvolvimento da criatividade, do senso crítico, da competição saudável, e da observação, além de várias formas de utilização da linguagem e do resgate do prazer e ludicidade (GRANDO, 2000).

Porém, em contrapartida às vantagens surge uma questão pouco atrativa e as vezes, até desconhecida pelos professores, as desvantagens. Estas também foram reveladas por Grandó (2000). Segundo a autora, se o jogo for mal utilizado pelo professor este pode possuir um caráter puramente aleatório, tornando-se um “apêndice” em sala de aula, onde os alunos jogam e se sentem motivados, mais não sabem por que jogam e nem como o jogo proporcionará sua aprendizagem. O tempo também é uma das maiores desvantagens, pois ao lidar com o jogo o aluno deve ter tempo suficiente para se familiarizar e aprender a jogar, gastando assim maior tempo nas aulas.

Além disso, ensinar todos os conteúdos através do jogo torna as aulas como verdadeiros cassinos, fazendo-as sem sentidos para os alunos, os jogos devem ser trabalhados, mas não em todas as aulas. Outra desvantagem descrita por Borin (*apud* MALUTA, 2007, p. 28) durante o jogo se refere ao barulho que “segundo ela é inevitável na situação do jogo, pois somente através de discussões é possível chegar a resultados convincentes. [...] A autora argumenta que o barulho diminui se os alunos tiverem hábito de trabalharem em grupo.”

É bom reconhecer que estas desvantagens não podem ser consideradas como um empecilho para se trabalhar com os jogos, mas que por meio delas o professor aprende a moldar as atividades procurando minimizá-las no momento de realizar o seu planejamento.

8 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica e de campo, com abordagem em métodos mistos, ou seja, quantitativa e qualitativa. Com o intuito de que o pesquisador tenha uma experiência direta com os participantes da pesquisa, utilizando-se de questionários e técnicas de observação, foi realizada também uma pesquisa de campo para que o pesquisador possa perceber e interpretar o que ocorre com os participantes no momento da realização da mesma (GiL, 2002). O universo da pesquisa foi a Escola Estadual Delvito Alves da Silva em Unaí-MG com 96 alunos nos 6º anos do ensino fundamental no período vespertino, distribuídos em três turmas: Amarelo, Verde e Azul. O 6º ano, Amarelo tinha 33 alunos, o 6º ano Verde tinha 32, alunos e o 6º ano Azul possuía 31 alunos.

Os dados foram coletados por meio do instrumento construído pelo pesquisador, composto por duas partes. O questionário (I) que em sua página inicial constava de uma ficha de identificação, inclui o nome da escola e os dados sócio-biográficos dos participantes, tais como: sexo, série e idade, além de quatro perguntas fechadas. O questionário (II) também possuía uma ficha de identificação, além de três questões fechadas, uma questão que indicava uma escala de avaliação das percepções dos alunos sobre o jogo e suas contribuições no contexto da Matemática e uma questão aberta.

Foi comunicado que os alunos iriam participar de jogos matemáticos em suas aulas. A professora aceitou que a atividade de pesquisa fosse desenvolvida em sua sala de aula e manifestou interesse em conhecer as opiniões dos alunos a respeito desta pesquisa. Para a análise dos dados obtidos, utilizou-se o programa SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*) 19.0. Foi calculada a frequência numérica e em alguns itens a frequência percentual. Também foi utilizada o Microsoft Excel 2010 para a construção dos gráficos, figuras e tabelas dispostos neste trabalho.

No que diz respeito à questão aberta e considerando a diversidade das informações coletadas, bem como o desejo de que as descrições dos participantes da pesquisa pudessem ser relatadas de forma significativa, optou-se por incluir a análise de conteúdo. Tal análise reveste-se de um conjunto de técnicas que facilitam o estudo das comunicações entre os sujeitos, valorizando a transmissão do conteúdo da mensagem por meio da linguagem oral ou escrita (BARDIN, 1994).

Com base no que foi apresentado, foram trabalhados dois jogos, o dominó das frações e o trimú. Vale ressaltar que estes jogos foram utilizados nas aulas de Matemática dos participantes dessa pesquisa. Seguindo os ensinamentos de Starepravo (2009), o trabalho com jogos apresentados aqui, oferece oportunidades para que os alunos estabeleçam relações entre os números e o conhecimento matemático.

O dominó das frações, segundo Smole, Diniz e Cândido (2000) é um jogo que favorece a compreensão das diferentes representações de frações. Ele pode ser jogado por um grupo de quatro pessoas, tem como recurso principal as peças do dominó de frações. Regras:

- Os jogadores decidem a ordem e quem começa a jogar.
- Embaralham as cartas e distribuem igualmente entre os jogadores.
- O primeiro jogador coloca um de seus dominós sobre a mesa.
- O segundo jogador deve colocar uma peça que tenha uma das “pontas” igual a das peças já colocadas na mesa. Se não tiver passa a vez.

Vence o jogo aquele jogador que conseguir bater, ou seja, colocar todos os seus dominós na mesa em primeiro lugar.

Enquanto o Trimú, descrito por Lima e Vila (1995) na obra intitulada “ Atividades Matemáticas que Educam: em Ensino Fundamental”, tem como objetivo facilitar o aprendizado da tabuada e o processo de multiplicação mental. Além disso, enfatiza a multiplicação e o acúmulo de pontos, familiarizando os alunos com uma tabela baseada na divisão de unidades, dezenas e centenas, e na posição de cada rodada. Este jogo retrata o valor da resposta encontrada que é acumulada, ao término das peças, vence quem fez mais pontos.

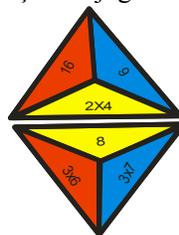
O material utilizado são peças triangulares envolvendo multiplicações. O objetivo principal é ser o primeiro a terminar as peças e conseguir o maior número de pontos. É jogado em duplas.

Regras:

- Distribuir as peças igualmente entre todos os jogadores; o primeiro a jogar será aquele que ficou com a peça que tem o número 6 em um dos lados e marca 6 pontos na primeira jogada; o próximo deve colocar uma peça encostada na que está na mesa, fazendo corresponder uma multiplicação com o seu resultado.
- Quando o jogador coloca a peça, ele ganha os pontos iguais ao resultado da multiplicação que completou.

Exemplo: aqui o jogador ganhou 8 pontos

Figura 1 – Simulação do jogo Trimú



Fonte: Lima e Vila, (1995)

- Cada jogador joga uma peça e anota os seus pontos num quadro como a apresentada a seguir:

Quadro 1 – Quadro de unidades, dezenas e centenas

Centenas	Dezenas	Unidades	
			1º rodada
			2º rodada
			3º rodada
			4º rodada
			5º rodada
			Total de pontos

Fonte: Lima e Vila, (1995)

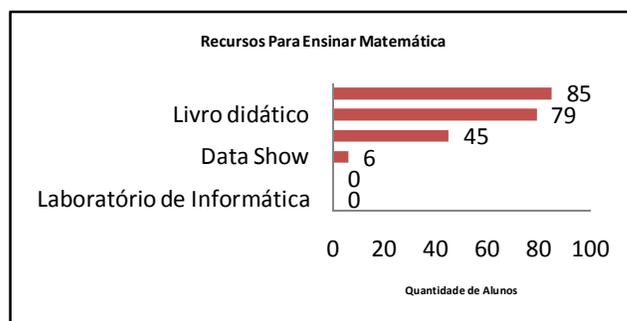
- Quem não tiver uma peça que sirva para jogar, perde a vez para o próximo jogador.
- O jogo para quando acabarem as peças do primeiro jogador; o vencedor é quem fez mais pontos.

9 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

9.1 PERCEPÇÕES DOS ALUNOS SOBRE OS RECURSOS UTILIZADOS PELO PROFESSOR PARA ENSINAR MATEMÁTICA

A tendência de recursos tradicionalistas esta cada vez mais frequente, no qual os livros e exercícios, como aponta Smole, Diniz e Cândido (2007) são utilizados nas aulas de Matemática como principal recurso didático. Esta revelação dos autores foi confirmada nesta pesquisa. Ao observar o gráfico (1) a seguir, pode-se notar que 85 alunos indicaram que o quadro é o recurso mais utilizado pelo professor de Matemática, 79 alunos apontaram o livro didático, enquanto 45 alunos pontuaram as listas de exercícios. De acordo com Ribeiro (2008), o quadro e os exercícios são recursos necessários para as aulas de Matemática, mas o professor pode inovar suas aulas com outros recursos.

Gráfico 1- Recursos Para ensinar Matemática



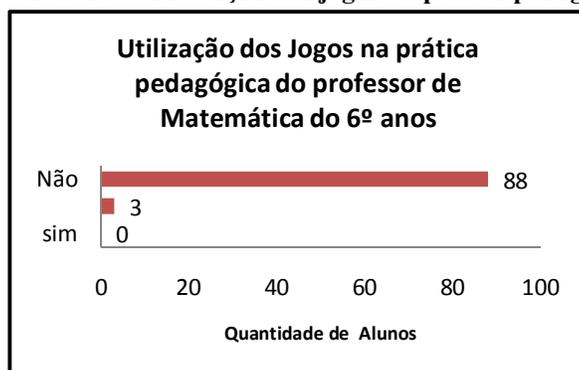
Fonte: Elaborado pelo autor, 2012.

O uso de computadores e de novas tecnologias como aponta D'Ambrósio (1989) contribuem para o desenvolvimento da autoconfiança para criar e fazer Matemática. Nesta pesquisa, de forma menos expressiva observou-se que o data Show é pouco utilizado pelo professor e a televisão e o laboratório de informática não foram recursos utilizados em sala de aula.

9.2 UTILIZAÇÃO DOS JOGOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR DE MATEMÁTICA DOS 6º ANOS DA ESCOLA ESTADUAL DELVITO ALVES DA SILVA

Sabe-se que os jogos, como relata Grandó (2000), auxiliam o professor no processo ensino e aprendizagem da Matemática, seja na introdução de um conceito, seja na revisão de teorias, além de inovar as aulas. E mesmo diante da relevância deste contexto, é demonstrado no gráfico (2), mediante a percepção dos alunos do 6º anos que os jogos são recursos pouco utilizados nas aulas de Matemática. Seis (06) alunos ficaram indecisos, mas pôde-se perceber de forma expressiva que 88 alunos indicaram que os jogos não estão presentes na prática pedagógica do professor de Matemática.

Gráfico 2- Utilização dos jogos na prática pedagógica

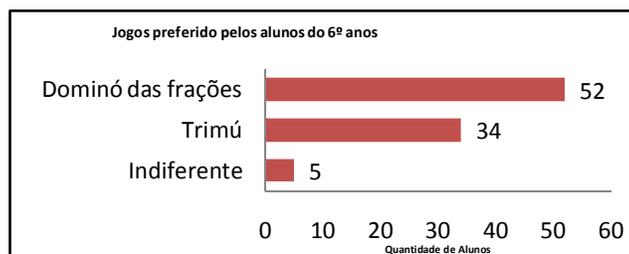


Fonte: Elaborado pelo autor, 2012.

Foi questionado aos alunos participantes desta pesquisa, caso fossem utilizados os jogos nas aulas de Matemática, se eles gostariam de vivenciar o uso deste recurso. Apenas 1 aluno respondeu não e 90 demonstrou interesse em utilizar os jogos nas aulas, outros 5 estavam ausentes. Diante desta vontade de jogar nas aulas de Matemática, os alunos estão demonstrando, como descreveu Behrens (2005) a necessidade de novas estratégias e recursos que possam minimizar as práticas conservadoras e tradicionais utilizando algo novo que contribua com a produção do conhecimento.

Nesta pesquisa foram aplicados dois jogos em aulas de Matemática, o dominó das frações e o trimú. Estes jogos de estratégias e resolução de problemas contribuíram para que os alunos expressassem suas opiniões e ideias à pesquisadora sobre o significado do ato de jogar com atividades relacionadas à Matemática.

Gráfico 3 - Jogos preferidos pelos alunos do 6º anos



Fonte: Elaborado pelo autor, 2012.

No gráfico (3) foram reveladas as preferências dos alunos do 6º anos em relação aos jogos aplicados. Pode-se notar que 52 alunos escolheram o dominó das frações, algumas transcrições revelam o porquê desta escolha:

“ O dominó das frações é divertido pois ajuda a entender as partes.” (Aluno do 6º ano verde)

“ Jogar o dominó das frações é mais interessante, pois ajuda a comparar frações com figura. (Aluna do 6º ano amarelo)

“ O jogo dominó das frações me ensinou os tipos de frações.” (Aluno do 6º ano azul)

“ As frações ficaram mais fáceis com o dominó.” (Aluno do 6º ano amarelo)

Trinta e quatro alunos optaram pelo trimú e 5 responderam indiferente. Algumas transcrições revelaram a satisfação dos alunos pelo trimú.

“ As peças se encaixam formando o resultado da tabuada” (Aluna do 6ª ano amarelo)

“ O trimú ajuda a pensar e trabalha com triângulos” (Aluna do 6ª ano verde)

“ Apesar de ter dificuldade em tabuada, gostei das jogadas” (Aluno do 6ª ano azul)

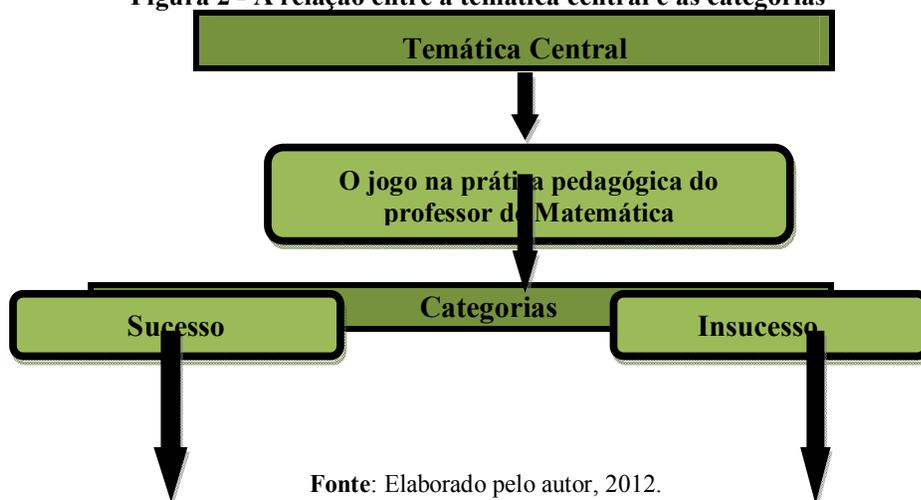
“ Jogar trimú é desafiante, ganhei.” (Aluno do 6ª ano verde)

Os relatos dos alunos estão pontuados na ideologia de Venâncio e Freire (2005) ao mencionar que os alunos sentem prazer ao jogar e estão envolvidos pelas inúmeras características que envolvem o jogador no ato do jogo, dentre algumas: ordem, transformação, movimento, tranquilidade, variações, aprendizado e entusiasmo. Vale evidenciar que Trimú se caracteriza como um jogo de resolução de problemas, talvez por isso menos apreciado pelos alunos. Neste jogo o professor deixa os alunos jogarem espontaneamente, visando à aquisição de conteúdos matemáticos, os quais busquem estratégias para fazer mais pontos e vencer o jogo.

9.3 SUCESSOS E INSUCESSOS REVELADOS PELOS ALUNOS QUE SINALIZAM OS FATORES QUE JUSTIFICAM OU NÃO A APLICAÇÃO DOS JOGOS COMO PROPOSTA METODOLÓGICA NO ENSINO DA MATEMÁTICA?

Na tentativa de compreender os sentimentos expressos pelos alunos participantes desta pesquisa, mediante os relatos positivos e negativos sobre os jogos, optou-se por agrupar as palavras e frases similares descritas na questão aberta, “Se você pudesse escolher, estudaria com jogos nas aulas de Matemática mais vezes? Por quê?”. Estas descrições foram organizadas e separadas de acordo com as ideias de Bardin (1994) e Moraes (1999). Formaram-se duas categorias para melhor expressar uma correlação entre a teoria e a temática central (Figura 2).

Figura 2 - A relação entre a temática central e as categorias



Fonte: Elaborado pelo autor, 2012.

Os sucessos e insucessos, descritos nas frases dos alunos do 6º anos, relacionados à temática central podem ser apreciados como sinônimos de vantagens e desvantagens que o jogo proporciona na prática pedagógica do professor de Matemática. Em se tratando dos sucessos, Smole, Diniz e Cândido (2007) indicam que o jogo é um recurso relevante para facilitar a aprendizagem. Esta situação é pode ser ilustradas pelas descrições a seguir:

“Porque a aula fica mais divertida com os jogos as pessoas aprendem mais fácil.”(Aluno do 6º ano amarelo)

“Porque eu gostei dos jogos e pode ajudar quem tem dificuldade, as aulas ficam muito melhores.” (Aluno do 6º ano azul)
“Porque os jogos estimulam o aprendizado do aluno.” (Aluno do 6º ano azul)
“Pois foi legal e eu acabei conhecendo um jogo que eu não conhecia, e vale a pena assistir a aula.” (Aluno do 6º ano verde)
“Pois a gente entende mais e aprende mais.” (Aluno do 6º ano amarelo)
“Porque me ensina algumas coisas que eu não sei com facilidade.” (Aluno do 6º ano verde)
“Porque é mais fácil aprender com jogos.”

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), o jogo é considerado um recurso desafiador, gerando interesse e prazer no aluno. Assim, Silva Mônica (2005) e Pastells (2009) acrescentam que o jogo é um agente favorável para o ensino e a aprendizagem, pois os alunos aprendem e se divertem, além de propiciar aulas mais dinâmicas e interessantes, que podem influenciar até mesmo na assiduidade dos alunos na escola. Isso pode ser observado nos seguintes relatos:

“Porque é muito legal a gente pode jogar e aprender ao mesmo tempo.” (Aluno do 6º ano azul)
“Porque é mais divertido e você aprende mais rápido e as aulas ficam melhores.” (Aluno do 6º ano amarelo)
“Porque a gente aprende mais brincando.” (Aluno do 6º ano verde)
“Pois é uma maneira mais divertida de estudar. A aula fica mais interessante.” (Aluno do 6º ano azul)
“Pois ajuda o desenvolvimento da memória e ajuda a rapidez da inteligência.” (Aluno do 6º ano amarelo)

Os ensinamentos de Ribeiro (2008) indicam que os jogos são recursos que podem minimizar com as atividades rotineiras estabelecidas dentro do ambiente escolar, estimulando mudanças que garantem aos alunos exercerem sua autonomia, tornando-se cidadãos críticos e reflexivos em suas ações. Borin (2007) retrata que o jogo contribui para o desenvolvimento do raciocínio, auxiliando na concentração, organização, atenção e na criatividade do aluno. De acordo com as ideias de Grandó (2000), o jogo desenvolve a capacidade de perguntar, de procurar soluções e repensar situações. Já, Dante (2000) anuncia que o jogo pode tornar as aulas mais interessantes, dando base Matemática para os alunos e ensinando-os a enfrentar novas situações e pensar produtivamente. As ideias de Ribeiro (2008), Borin (2007), Grandó (2000) e Dante (2000) também estão presentes nesta pesquisa, descritas nos relatos a seguir:

“Pois eu acho que matemática não é só conta, tem que ter um pouco de jogos sobre matemática.” (Aluno do 6º ano amarelo)
“Porque com essas brincadeiras a gente se desenvolve.” (Aluno do 6º ano azul)
“Desperta o interesse matemático de um modo mais interessante, além de aprender mais fração, entre outros.” (Aluno do 6º ano verde)
“Seria muito bom se realmente ocorresse mais vezes, pois sai da mesmice de só copiar.” (Aluno do 6º ano amarelo)
“Porque as aulas sem os jogos ficam muito entediada.” (Aluno do 6º ano azul)
“E bom brincar e aprender brincando.” (Aluno do 6º ano verde)
“Porque a gente ia se diverte mais e aprende a pensar melhor” (Aluno do 6º ano azul)
“Porque senti que aprendi mais rápido e é divertido.” (Aluno do 6º ano azul)

Diante de tantas frases que indicaram satisfação e concordância pelo jogo no ensino da Matemática, pode-se verificar, de forma menos expressiva, que alguns alunos descreveram frases que envolviam sentimentos negativos. A saber:

“Porque o barulho, a desorganização e movimentação das cadeiras me perturba.” (Aluno do 6º ano verde)
“Porque tenho dificuldades com regras e perco, perder é ruim.” (Aluno do 6º ano amarelo)

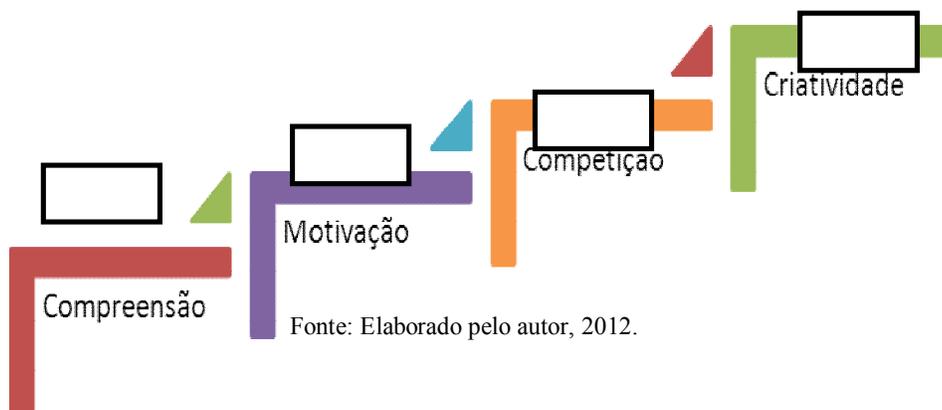
“ Porque não gosto de jogar com outro colega.” (Aluno do 6º ano azul)

Para Borin (*apud* MALUTA, 2007), o barulho pode ser considerado uma desvantagem, mas ele é inevitável, pois sem o barulho não há motivação do aluno. Assim tanto o professor como o aluno devem encará-lo como uma forma construtiva para a aprendizagem, além disso, a autora argumenta que à medida que os jogos são aplicados com mais frequência os alunos habitam com eles e aprendem a fazer mais silêncio.

Para conhecer por meio de uma palavra o sentimento negativo e positivo expresso pelos alunos em relação ao jogo nas aulas de Matemática, foram respondidas por eles duas questões. A saber: “Destaque apenas uma palavra que melhor expresse seu sentimento positivo no momento do jogo?” e “Destaque apenas uma palavra que melhor expresse seu sentimento negativo no momento do jogo?” Quando os alunos estão destacando apenas uma palavra, eles estão demonstrando o que realmente o jogo, nas aulas de Matemática, representa num contexto geral, a partir de um momento específico, o ato de jogar.

A descrição acerca dos pontos positivos e negativos dos jogos nas aulas de Matemática constitui um dos materiais relevantes desta pesquisa, pois apresenta os sentimentos dos alunos no momento do jogo. Quanto à questão: “Destaque apenas uma palavra que melhor expresse seu sentimento positivo no momento do jogo?” Pode-se notar, (Figura 3) que a criatividade foi descrita por 46% dos alunos e a competição 27%. De forma menos expressiva, mas não menos importante a compreensão foi indicada por 7% dos alunos e a motivação por 19%.

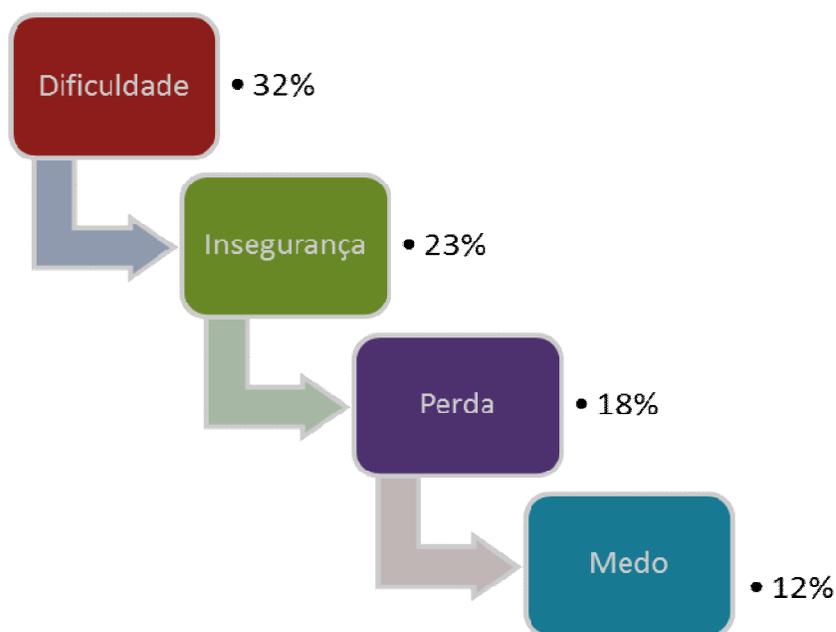
Figura 3 - Sentimento positivo revelado no ato de jogar.



Estes resultados estão em consonância com a pesquisa de Grandó (1995) intitulada “Os jogos e suas possibilidades metodológicas no processo ensino aprendizagem da Matemática” verificou que o jogo facilita a aprendizagem, além de desencadear momentos de autonomia, socialização, criatividade, interesse e envolvimento natural do aluno no momento da competição.

Em se tratando das respostas descritas na questão: “Destaque apenas uma palavra que melhor expresse seu sentimento negativo no momento do jogo?” Pode-se notar, (Figura) que a dificuldade foi descrita por 32% dos alunos e a insegurança por 23%. Com menor intensidade foi revelada a perda, indicada por 18% dos alunos e o medo pontuado por 12%.

Figura 4 - Sentimento negativo revelado no ato de jogar.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2012.

Utilizando das ideias de Cunha (2007) para inferir sobre os sentimentos negativos que o jogo proporcionou, a autora relata que o medo pode estar relacionado às dificuldades vivenciadas pela criança, por não assimilarem os conteúdos e as operações matemáticas. Além disso, o medo pode desencadear insegurança que eles possuem em si mesmo, e acumulam em si estes sentimentos que necessitam ser minimizados, mediante a autoconfiança que o jogo proporciona.

Vale mencionar que estas desvantagens não podem ser consideradas como um empecilho para se trabalhar com os jogos, mais que por meio delas o professor aprenda a moldar as atividades e estratégias, procurando minimizá-las no momento do jogo.

9.4 O JOGO É UM RECURSO QUE CONTRIBUI PARA APRENDIZAGEM DA MATEMÁTICA DOS ALUNOS, MINIMIZANDO AS DIFICULDADES QUE PERMEIAM ESTA DISCIPLINA?

Para tentar contemplar com êxito esta pergunta, faz-se necessário observar as opiniões descritas pelos alunos participantes da pesquisa, nos quatro itens, da tabela (1) ao responder a seguinte questão: “Após ter vivenciado o uso dos jogos no contexto da Matemática, você:”

Tabela 1 - Escala de avaliação dos alunos sobre o uso dos jogos em Matemática.

Após ter vivenciado o uso dos jogos no contexto da Matemática, você:	Discordo	Indeciso	Concordo
1. Aprendeu melhor os conteúdos matemáticos?	8 (8,9%)	12 (13,3%)	70 (77,8%)
2. Gostou mais da disciplina Matemática?	4 (4,4%)	7 (7,8%)	79 (87,8%)
3. Superou algumas dificuldades matemáticas?	15 (16,7%)	12 (13,3%)	63 (70,0%)
4. Nada influenciou no que diz respeito à Matemática?	82 (91,1%)	5 (5,6%)	3 (3,3%)

Fonte: Elaborado pelo autor, 2012.

Sobre o item 1 “Aprendeu melhor os conteúdos matemáticos”, o nível de concordância foi de 77,8%; 8,9% alunos discordaram e 13,3% ficaram indecisos. Na tese de Grandó (2000) intitulada “O Conhecimento Matemático e o Uso de Jogos na Sala de Aula”, os resultados estão em consonância com os desta pesquisa, pois, segundo a autora o jogo, além de contribuir para compressão dos conteúdos matemáticos pode conferir ao ensino da Matemática momentos de alegria, envolvimento e descontração.

A primeira pergunta do questionário (I). “Você gosta da disciplina Matemática? O item 2 “Gostou mais da disciplina Matemática” vem acrescentar descrições de concordância que complementam as ideias expressas pelos alunos ao responder a questão(1) do questionário (1). A saber, 87% dos alunos concordaram ter gostado mais da disciplina Matemática, 4,4% discordaram e 7,8% ficaram indecisos.

No tocante ao item 3 “Superou algumas dificuldades matemáticas? Ficou evidente que 70% dos alunos superaram alguma dificuldade Matemática. Quinze alunos discordam que foram superadas as dificuldades; enquanto 13,3 % ficaram indecisos ao opinarem pelo item. E importante neste momento os ensinamentos de Borin (2007) ao afirmar que o jogo é um recurso que reduz os bloqueios que os alunos apresentam ao trabalhar com Matemática.

E por fim, ao analisar o item 4 “Nada influenciou no que diz respeito à Matemática?” Pode-se perceber que 3,3% concordaram; 5,6% ficaram indecisos; e 91,1% dos alunos discordaram que os jogos aplicados em sala de aula não influenciaram em situações inerentes à disciplina. Este fato só veio confirmar a importância que o jogo faz no ambiente educativo, uma vez que ao jogar também se pode aprender.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se pensar pode ser divertido e natural, apreciar a matemática também o pode. A observação das peculiaridades da matemática pode se tornar um incentivo ao seu estudo. Desafios contidos em situações lúdicas, como jogos e brincadeiras, podem ajudar a criança não só a construir seu

conhecimento matemático, mas a sentir-se desafiada por problemas e enigmas. (CUNHA, 2007, p. 155)

Escolhe-se esta epígrafe por considerar que a produção teórica e empírica deste estudo mostra um cenário povoado de percepções e relatos dos alunos sobre o uso do jogo na sala de aula no desvelar da prática educativa do professor de Matemática. Como bem diz Cunha, são desafios que levam a criança a construir o conhecimento matemático tornando-se um incentivo ao seu estudo.

Nesta trajetória, a caminhada foi árdua, mas povoada por momentos de entusiasmo, esclarecimentos e superação. O importante é que durante o percurso ficou evidente que os apontamentos dos alunos, sobre os jogos no cenário da Matemática, indicaram elementos os quais servirão de auxílio para o professor de Matemática refletir sobre sua prática pedagógica, contribuindo para o aprendizado do aluno. Na tentativa de minimizar os insucessos que permeiam a prática pedagógica dos professores de Matemática, diversas propostas foram evidenciadas por autores citados nesta pesquisa, como por exemplo: a utilização dos jogos matemáticos de uma forma criativa e prazerosa que pode minimizar o tradicionalismo existente no âmbito escolar. Observou-se, a partir dos jogos vivenciados pelos alunos em sala de aula, que houve melhor aprendizado dos conteúdos matemáticos, além do que os alunos afirmaram ter gostado mais da disciplina de Matemática, superando algumas dificuldades.

Além das contribuições observadas para a turma, podemos abordar que esta pesquisa também é bastante relevante para a formação acadêmica do curso de pedagogia, pelo fato de que como futuros educadores devemos procurar melhorias para a aprendizagem dos alunos, encontrando nos jogos e em diferentes recursos didáticos um apoio para a instrumentalização do ensino, que favoreça no desempenho e crescimento do nível educacional.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, PT: Edições 70, 1994.
- BEHRENS, Marilda Aparecida. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.
- BORIN, Júlia. **Jogos e resolução de problemas**: uma estratégia para as aulas de matemática. 6.ed. São Paulo:CAEM-IME-USP, 2007.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: matemática**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.v.3.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: matemática 5ª a 8ª séries**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental **Matemática**: orientações para o professor, Saeb/Prova Brasil, 4ª série/5º ano, ensino fundamental. – Brasília, DF: MEC/INEP, 2009.

_____. **Primeiros resultados:** Médias de desempenho do SAEB/2005 em perspectiva comparada. Brasília: MEC/INEP, 2007. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/download/saeb/2005/SAEB1995_2005.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2008.

_____. **PISA 2006:** Competências em ciências para o mundo de amanhã. São Paulo: Moderna, 2008. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/download/internacional/pisa/PISA2006-Resultado>>; acesso em: 04 mai. 2012

D'AMBROSIO, Beatriz S. **Como ensinar matemática hoje?** Temas e Debates. SBEM. Ano II. n.2. Brasília, 1989. p. 15-19. Disponível na internet em: <http://educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/MATEMATICA/Artigo_Beatriz.pdf>; acesso em: 04 mai. 2012.

DANTE, Luis Roberto. **Didática da resolução de problemas de matemática.** 10. ed. São Paulo: Ática, 1998.

_____. **Formulação e resolução de problemas de matemática:** teoria e prática. São Paulo: Ática, 2009.

DELORS, Jacques et al. **Educação:** um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

DEMO, Pedro. **Aprendizagem no Brasil:** ainda muito por fazer. Porto Alegre, RS: Mediação, 2005.

_____. **Professor do Futuro e Reconstrução do Conhecimento.** Rio de Janeiro: Vozes, 2005. (Coleção Temas Sociais)

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRANDO, Regina Célia. **O conhecimento matemático e o uso de jogos na sala de aula. Dissertação** – (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, SP, 2000. (224 folhas)

_____. **O jogo e suas possibilidades metodológicas no processo ensino-aprendizagem da matemática.** Dissertação – (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, SP, 1995. (175 folhas)

KLEIN, Ruben; FONTANIVE, Nilma. Alguns indicadores educacionais de qualidade no Brasil de hoje. **São Paulo em perspectiva.** São Paulo, Fundação Seade, v. 23. n.1, pag. 19 - 28. Jan./Jun. 2009. Disponível na internet em: < <http://www.seade.gov.br>>; acesso em : 14 mar. 2012.

MACEDO, Lino de; PETTY, Ana Lúcia Sícoli; PASSOS, Norimar Christe. **Aprender com jogos e situações-problema.** Porto Alegre,RS: Artmed, 2000.

_____. **Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar.** Porto Alegre, RS: Artmed, 2005.

MALUTA, Thais Pariz. **O jogo nas aulas de matemática:** possibilidades e limites. 2007. 73f. Graduação - (curso de pedagogia) – Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/~pedagogia/novo/files/tcc/236888.pdf>> acesso em: 20 jun. 2012.

MENDES, Iran Abreu. **Matemática e investigação em sala de aula:** tecendo redes cognitivas na aprendizagem. 2. ed. São Paulo: Livraria da Física, 2009. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=iRdAuNIICkC&pg=PA133&dq=matematica+e+investiga%C3%A7%C3%A3o+em+sala+de+aula&hl=ptBR&sa=X&ei=OtzATrAO6Hk6QHko3fCg&ved=0CE0Q6AEwAA#v=onepage&q=matematica%20e%20investiga%C3%A7%C3%A3o%20em%20sala%20de%20aula&f=false>> acesso em: 14 mar. 2012.

PAIS, Luiz Carlos. **Ensinar e aprender matemática.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006.

PASTELLS, Àngel Alsina I. **Desenvolvimento de competências matemáticas com recursos lúdico-manipulativos:** para crianças de 6 a 12 anos. Curitiba, PR: Base Editorial, 2009.

RIBEIRO, Flavia Dias. **Jogos e Modelagem na Educação Matemática.** Curitiba, PR : Ilepex, 2008.

ROMERA, Liana et al. **O lúdico no processo pedagógico da educação infantil:** importante, porém ausente. Porto Alegre: Movimento, v.13, n. 02, p.131-152, maio/agosto de 2007. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/3550>> acesso em: 16 mar. 2012.

SILVA, Maria José de Castro. A importância do jogo a aprendizagem da matemática. **Revista Educação.** v. VIII / n. 8. Anhanguera Educacional, 2005. Disponível em: <<http://www.sare.anhanguera.com/index.php/reduc/article/view/181/177>> acesso em: 14 mar. 2012.

SILVA, Mônica Soltauda. **Clube da matemática:** jogos educativos. 2.ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

SOUZA, Salete Eduardo de. **O uso de recursos didáticos no ensino escolar.** Arq. Mudi, 2007. Disponível em: <<http://www.mudi.uem.br>> acesso em: 20 jun. 2012.

SMOLE, Kátia Stocco; DINIZ, Maria Ignez ; CÂNDIDO, Patrícia Terezinha . - **Jogos de Matemática:** de 1º a 5º ano. Porto Alegre: Artmed, 2007. (Cadernos do Mathema Ensino Fundamental)

SMOLE, Kátia Stocco; DINIZ, Maria Ignez de Souza Vieira; CÂNDIDO, Patrícia Terezinha (orgs). **Brincadeiras infantis nas aulas de matemática.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. (Coleção matemática de 0 a 6 anos)

SMOLE, Kátia Stocco; DINIZ, Maria Ignez; MILANI, Estela. **Jogos de Matemática:** de 6° a 9° ano. Porto Alegre: Artmed, 2007. (Cadernos de Mathema - Ensino Fundamental)

STAREPRAVO, Ana Ruth. **Mundo das Ideias:** Jogando com a matemática: números e operações. Curitiba, PR : Aymar, 2009.

VENÂNCIO, Silvana; FREIRE, João Batista (orgs.). **O Jogo Dentro e Fora da Escola.** Campinas/SP: Autores Associados, apoio: Faculdade de Ed. Física da UNICAMP, 2005. (Coleção Educação Física e esportes). Disponível na internet em:<
<http://books.google.com.br/books?id=2txoyRnqcoEC&printsec=frontcover&dq=o+jogo+dentro+e+fora+da+escola&hl=ptBR&sa=X&ei=QtvAT92iMeJ6gGnoNTfCg&ved=0CD0Q6AEwAA#v=onepage&q=o%20jogo%20dentro%20e%20fora%20da%20escola&f=false>> acesso em: 14 mar. 2012.

A AUTOIMAGEM DE ADOLESCENTES DO MUNICÍPIO DE NATALÂNDIA-MG

Luciene Lourenço Mota

Mestre em Enfermagem e professora da Factu

Karine Alves Terra

Bacharel em Enfermagem pela Factu

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo conhecer percepção de adolescentes do sexo feminino sobre a autoimagem em relação às mudanças corporais ocorridas na puberdade. Este trabalho se caracteriza como um estudo descritivo e quantitativo, com a realização de pesquisa de campo com adolescentes do sexo feminino, matriculadas na Escola Estadual Alvarenga Peixoto, no município de Natalândia – MG. A pesquisa teve como amostra 20 adolescentes do sexo feminino, nas idades entre 12 e 16 anos, sendo 4 alunas com cada idade, totalizando 10% das adolescentes matriculadas no turno vespertino. A escolha da amostra se deu de forma aleatória, sendo escolhidas 4 alunas de cada turma. O instrumento da pesquisa consistiu em um questionário com 11 questões estruturadas e os dados foram tratados e demonstrados através de gráficos. A partir dos resultados detectou-se que 70% das adolescentes entrevistadas com alguma frequência, sentem-se em desvantagem com seu físico, quando comparam com o físico de outras pessoas, 65% das entrevistadas sentem medo de engordar, 60% das adolescentes evitam usar determinadas roupas que delineiam o corpo e 35% das entrevistadas se sentem mal em relação à imagem refletida em espelhos e vitrines. Realizada a análise desta pesquisa e diante dos resultados, pôde-se perceber que a maioria das adolescentes entrevistadas possui insatisfação com a autoimagem corporal. Este estudo alcançou os objetivos esperados, demonstrando e sugere-se um melhor acompanhamento dos adolescentes pela equipe de saúde do município, para terem assim uma melhor qualidade de vida e um maior aproveitamento da fase da adolescência, além de uma abertura para novas pesquisas abrangendo maiores amostras.

Palavras-Chave: Autoimagem. Percepção. Adolescentes.

1 INTRODUÇÃO

A adolescência é um período de transição da infância para a fase adulta, sendo um período muito conturbado, cheio de descobertas, novas rotinas, novas escolhas, e é considerado um momento crucial para a formação psicológica do futuro adulto.

A adolescência é uma fase que rompe o tempo infantil e vai em direção ao amadurecimento da fase adulta. Existe uma preocupação dos jovens em relação à aparência, e isso reflete na imagem que eles têm de si mesmos, a imagem corporal, e quando estão insatisfeitos com sua aparência, isso pode levar a diversos fatores que os prejudicarão ao longo de sua vida.

A imagem corporal é a forma como o indivíduo se vê, como a mente dele se projeta, é a representação mental do próprio corpo, levando-o a pensar que as outras pessoas o veem da mesma maneira que ele se projeta.

Conhecer a experiência vivida pelos adolescentes quanto à aceitação das transformações ocorridas no período da puberdade é fundamental para auxiliá-los a enfrentar com racionalidade tal período. Dados estatísticos demonstram um elevado índice de transtornos depressivos em adolescentes, o que pode estar relacionado com as modificações corporais, psicológicas, emocionais ocorridas nessa fase de transição. Enquanto adolescente, a autora deste trabalho vivenciou frustrações quanto a sua

autoimagem durante a puberdade, diante disso a mesma sentiu-se estimulada a escrever e conhecer mais sobre o assunto.

Este trabalho tem como objetivo geral conhecer a percepção de adolescentes do sexo feminino sobre a autoimagem em relação às mudanças corporais ocorridas na puberdade. E como objetivos específicos: identificar se a percepção da autoimagem prejudica a convivência e a socialização das adolescentes; verificar o grau de satisfação das adolescentes quanto a sua autoimagem; investigar a aceitação e conscientização das adolescentes quanto às mudanças corporais; verificar as possíveis estratégias utilizadas pelas adolescentes na aceitação da autoimagem corporal.

2 ADOLESCÊNCIA E PUBERDADE

Segundo Oliveira et al (2008) a adolescência é uma etapa evolutiva peculiar ao ser humano, considerada o momento crucial do desenvolvimento do indivíduo, marcando não só a aquisição da imagem corporal definitiva, como também a estruturação final da personalidade. Brasil (1990) considera adolescente quem está na faixa etária entre 12 e 18 anos de idade.

Na visão de Macedo, Gobbi e Waschburger (2009) a adolescência é uma idade da vida que reúne a experiência de rompimento em relação ao tempo infantil e o movimento em direção ao crescimento há um tempo futuro. Esses movimentos psíquicos serão extremamente importantes no sentido de viabilizar o desprendimento do já vivido e o acesso àquilo que é desejado, mas também desconhecido e temido. Assim, é preciso renunciar, perder algo, para adentrar nesse novo território.

É no período da adolescência que começam as descobertas de um mundo até então desconhecido, os hormônios estão florescendo, o corpo sofre transformações, causando assim dúvidas, às vezes medo, do que está acontecendo com seu corpo. O início da puberdade provoca modificações rápidas no tamanho e estruturas corporais. Estas mudanças físicas são acompanhadas de modificações interiores.

A mudança de criança à adolescente gera uma mudança radical na identidade do adolescente, e segundo Seron e Milani (2010) essa nova identidade surge quando o adolescente é capaz de aceitar simultaneamente, as mudanças flutuantes, isto é, seus aspectos de criança e o enfrentamento do desconhecido.

Outeiral (1994) afirma que uma das tarefas essenciais da adolescência é a estruturação da identidade, que embora comece a ser “construída” desde o início da vida do indivíduo, é na adolescência que ela se define e se encaminha para um perfil tornando esta experiência um dos elementos principais do processo adolescente.

Macedo, Gobbi e Waschburger (2009) destacam que o corpo ocupa um lugar de destaque sempre que é abordada a adolescência. Nesse sentido, o corpo adolescente evidencia manifestações da mudança e explicita diferenças concretas e psíquicas em relação à infância, constituindo-se em um território privilegiado de expressão.

Frente a todas essas mudanças da adolescência, a imagem corporal também precisa ser reformulada. A imagem corporal ou esquema corporal é a representação mental do próprio corpo, o modo como ele é percebido pelo indivíduo. Compreende não só o que é percebido pelos sentidos, mas também as ideias e sentimentos referentes ao próprio corpo, em grande parte, inconscientes. (SCHILDER, 1999).

2.2 IMAGEM CORPORAL E AUTOIMAGEM

Santos e Sawaia (2000) salientam que imagem corporal é a figura mental ou a percepção que alguém faz ou tem de seu corpo e afirma que é por meio da imagem

corporal que o indivíduo mantém um equilíbrio interno enquanto interagem com o mundo.

Corroborando Schilder (1999) acrescenta que a imagem corporal é o desenho que o indivíduo forma em sua mente a respeito de seu corpo, ou seja, é a forma com ele se vê. Deste modo a imagem corporal é a representação mental do corpo, isto é, a forma de ver e pensa em relação ao corpo, e a forma que o indivíduo acredita que é visto pelos outros.

A imagem corporal é um constructo psicológico que se desenvolve por meio de pensamentos, sentimentos e percepções das pessoas sobre sua aparência geral, das partes do corpo e das estruturas e funções fisiológicas. No entanto, essas percepções podem ou não corresponder à realidade. (HART, 2003).

Para Lopes (2007) o conceito de imagem corporal é multidimensional, inclui pensamentos, percepções e sentimentos conscientes e inconscientes que caracterizam o corpo do indivíduo como algo único e diferente de todos os outros.

A imagem corporal é constituída daquilo que o indivíduo enxerga no espelho, em que o mesmo estrutura uma figuração mental para si. Esse corpo constituído pelos sentidos da audição, visão, tato, percebe-se de modo singular e pode assimilar sua imagem corporal de maneira positiva ou negativa – tornando-se dependente da aprovação do outro para sentir-se dentro dos padrões estéticos. (GUIMARÃES, 2007).

Na opinião de Castilho (2001) a imagem corporal exerce papel mediador em todas as coisas, desde a escolha de vestimentas, passando por preferências estéticas, até a habilidade de empatizar com as emoções dos outros. Enfim, entre as diversas maneiras que o indivíduo possui para pensar a respeito de si mesmo, nenhuma é tão essencialmente imediata e central como a imagem de seu próprio corpo.

Schilder (1999) diz que a imagem corporal pode ser entendida pela imagem do corpo formada na mente do indivíduo, envolvida pelas sensações e pelas experiências imediatas, é parte da nossa identidade.

Dias (2008) aponta que o indivíduo constrói sua autoimagem, baseado em suas percepções, suas experimentações, suas projeções. A imagem pressupõe criação e imaginação, sendo, portanto, vulnerável a influências externas, do ambiente, do outro ou de um contexto social específico.

Silva e Lange (2010) acreditam que a imagem corporal está sendo difundida de forma estereotipada, e a pessoa que não se enquadra no padrão socialmente imposto pela sociedade sente-se inferiorizada.

Segundo Cash (1993 apud Lima, 2009), a imagem corporal refere-se também às experiências psicológicas de alguém sobre a aparência do seu corpo, sendo que o descontentamento em relação a determinados aspectos do corpo, que muitas vezes levam a uma imagem corporal negativa, resulta de uma ênfase cultural e de um estigma social, como por exemplo, a obesidade.

Secchi (2006) afirma que a feiura é atualmente uma das formas mais presentes da exclusão social feminina. Novaes e Vilhena (2003) ressaltam o quanto a imagem da mulher continua associada à beleza, havendo cada vez menos tolerância para desvios nos padrões estéticos socialmente estabelecidos. Tendo por base a gordura como estigma da feiura, estas autoras apontam para os processos de exclusão vividos por aqueles que nela se enquadram.

Considerando tratar-se de uma representação, Schilder (1999) afirma que a imagem corporal integra os níveis físico, emocional e mental em cada ser humano, com respeito à percepção de seu corpo.

Para Lopes (2007) a distorção da imagem corporal pode ser definida como forma de distúrbio afetivo, cognitivo, comportamental ou perceptual que é influenciado

direta ou indiretamente por aspectos da aparência física e afirma que todo adolescente tem na sua mente um corpo idealizado, que quanto mais seu corpo foge daquilo que acha ideal, maior será a possibilidade de entrar em conflito, o que pode influenciar em uma autoestima negativa, podendo ser um fator de risco para o desenvolvimento de depressão, baixa autoestima e comportamentos de distúrbios alimentares na criança e adolescente.

Acrescenta Lima (2009) afirma que a percepção corporal está ligada ao valor que os adolescentes dão a si mesmos, eles têm que passar a existir dentro de si mesmos, pois assim, estarão abertos a atender as solicitações de seus corpos

Segundo Gomes (1994), os problemas com a imagem do corpo podem progredir de uma moderada insatisfação a uma preocupação extrema com a aparência, levando a baixa autoestima e os casos mais graves, podem desenvolver uma imagem corporal negativa, conhecida como Distúrbios da Imagem Corporal, que podem causar imensos prejuízos na vida desse futuro adulto, que inclui prejuízos na vida social, na vida profissional, além disso, pode causar muito sofrimento. Levam os indivíduos a depreciarem sua própria imagem os fazendo pensar que são vistos com hostilidade e desprezo pelos outros.

Corroborando Lima (2009) destaca que adolescentes com autoestima baixa costumam ter de si mesmos uma imagem corporal desfavorável, não se entendem, não gostam de si e preferem voltar à atenção a competitividade do mundo externo, e isso reflete o nível de clareza e consciência, quanto mais a pessoa for dominada e presa à sua autoimagem, mais difícil será de ser livre para conviver no mundo das diversidades. Silva e Lange (2010) acrescentam que devido à insatisfação com a imagem corporal, os indivíduos podem um estado de tristeza recorrente, que pode isolá-los do convívio coletivo.

A não aceitação da própria aparência induz o indivíduo a pensar que os demais a sua volta também não o aceitam, podendo gerar descontentamento com a aparência e baixa autoestima. (AURICCHIO, 2007).

As mudanças na puberdade das mulheres são mais dramáticas do que as dos homens, visto que elas têm mais dificuldade em se adaptar à sua autoimagem e como consequência, as adolescentes do sexo feminino apresentam uma maior probabilidade de revelarem baixa autoestima e depressão quando comparados com o sexo masculino, quando levado em consideração as diferenças das mudanças nos dois sexos. (DOMINGUES; DOMINGUES, 2007).

2.3 INFLUÊNCIA DA SOCIEDADE E DA MÍDIA NA CONSTRUÇÃO DA AUTOIMAGEM CORPORAL

Tavares (2003) afirma que somos pressionados em numerosas circunstâncias a concretizar, em nosso corpo, o corpo ideal de nossa cultura. Para que a sociedade nos aceite, temos que seguir o padrão de beleza por ela sugerido, o que pode gerar insatisfação com nossa imagem, que podem vir a fugir desse padrão.

Valença e Germano (2009) acrescentam que todo adolescente tem em sua mente um corpo idealizado. Quanto mais este corpo se distanciar do real, maior será a possibilidade de conflito, comprometendo sua autoestima. As adolescentes, mesmo quando estão no peso adequado ou abaixo do peso ideal, costumam se sentir gordas ou desproporcionais, o que se denomina de distorção da imagem corporal.

Indaga Beling (2008) que ter uma boa aparência não significa ter uma imagem corporal positiva, pois isto depende de outros fatores, como o estado de espírito e a visão da vida. Porém, os indivíduos possuem crenças e atitudes quanto à visualização da

beleza e estética, que influenciam o modo como estes se caracterizam e se relacionam com os outros. Tais conceitos e percepções, bem como o significado da aparência na vida, são aprendidos através do ambiente, das vivências e da cultura, que padroniza o que é ou que não é atraente.

Destaca Pereira (1999) que toda a publicidade à volta do corpo perfeito faz-nos sentir que os verdadeiros responsáveis pelo nosso corpo somos nós, sendo assim, temos de valorizá-lo e investir nele. Apelando assim a um consumo não só de produtos, bem como do próprio corpo. O corpo é visto por muitas pessoas como o cartão de visita de cada um. Isso se deve à importância exacerbada pela aparência e preocupação em alcançar o corpo ideal.

Discorre Coelho e Fagundes (2007) que a mídia, a família e os amigos influenciam os indivíduos a cuidar de seus corpos e transmitem um padrão de corpo perfeito que nem sempre é compatível com o biótipo do indivíduo. Essas pressões sociais despertam o desejo de adequação da aparência, ou seja, de estar nos padrões de beleza aceitos socialmente. Neste caso, quando o objetivo não é alcançado, acaba gerando descontentamento e insatisfação com seu próprio corpo.

Beling (2008) acrescenta que a insatisfação corporal parece ser uma constante presente, especialmente na vida das mulheres de sociedades ocidentais, com o aumento das pressões socioculturais para a magreza no sexo feminino, difundidos através da mídia, levando em consideração que as adolescentes são influenciadas por diversos fatores, como o desconhecimento, falta de preparo e as mudanças que acontecem rapidamente em suas vidas, que se seguem unidos aos estereótipos e a expectativa social na formação da imagem corporal.

Os autores citados concordam que a mídia tem influência direta no psicológico de adolescentes, expondo um padrão de beleza aceitável, incentivando estes adolescentes a entrarem no padrão de beleza estabelecido para serem aceitos pela sociedade, sem serem excluídos ou rejeitados por sua aparência.

3 METODOLOGIA

Este trabalho se caracteriza como um estudo descritivo e quantitativo, com a realização de pesquisa de campo com adolescentes do sexo feminino matriculadas em uma escola da rede pública estadual no município de Natalândia – MG.

Foi realizada uma pesquisa de campo onde a amostra consistiu em alunas com idade entre 12 e 16 anos. No total foram 20 alunas participantes do estudo, sendo 4 alunas com 12 anos, 4 alunas com 13 anos, 4 alunas com 14 anos, 4 alunas com 15 anos e 4 alunas com 16 anos, representando aproximadamente 10% do total de adolescentes do sexo feminino matriculadas na respectiva escola, no turno vespertino. A escolha da amostra se deu de forma aleatória, sendo escolhidas 4 alunas de cada turma.

O instrumento de pesquisa consistiu em um formulário contendo 11 questões estruturadas, utilizando o *Body Shape Questionnaire* – BSQ adaptado.

Com a autorização da direção da escola, aproveitou-se uma reunião entre os pais/responsáveis para a divulgação do estudo, momento em que foi entregue pela pesquisadora às pesquisadas e seus responsáveis, antes da aplicação do questionário, duas cópias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), de forma individual, sendo explicado o sigilo e a segurança quanto ao anonimato, onde os dados pessoais de identificação não seriam divulgados. O questionário foi aplicado às participantes entre os dias 05 e 09 de maio de 2014, nas dependências da referida escola.

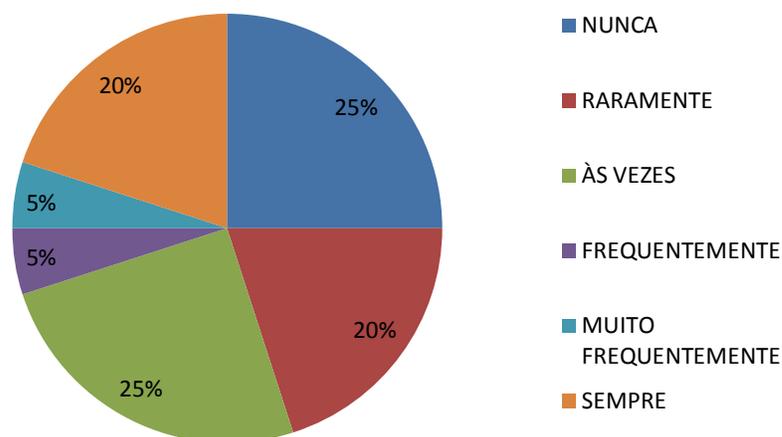
A análise de dados foi realizada por meio do programa de computador Excel, compreendendo uma análise estatística, com a elaboração de 11 gráficos demonstrativos dos resultados da coleta de dados.

Este estudo poderá servir como embasamento para os Profissionais da Área da Saúde e da Educação de Natalândia – MG, a fim de incentivar os mesmos a elaborar estratégias que proporcionem apoio às adolescentes.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao se questionar às adolescentes sobre o nível de preocupação com a forma física e a vontade em fazer dieta devido a insatisfação física, obteve-se os seguintes resultados.

Gráfico 1 – Distribuição das adolescentes quanto à preocupação com a forma física e a necessidade de fazer dieta



Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Neste gráfico, 20% das entrevistadas responderam que sempre estão preocupadas com sua forma física a ponto de sentir que deveriam fazer dieta, já 5% responderam que sentem necessidade de fazer dieta muito frequentemente, outras 5% responderam que frequentemente sentem necessidade de fazer dieta, 25% responderam que isso acontece às vezes, 20% responderam que essa vontade de fazer dieta acontece raramente e somente 25% responderam nunca sentiram necessidade de fazer dieta por causa da forma física.

A maioria das adolescentes, representando uma soma de 75% das entrevistadas que demonstram sentir preocupação com seu físico, mesmo que não seja sempre, evidenciando que muitas adolescentes não são satisfeitas com sua imagem corporal. Somente quatro dessas adolescentes afirmam não se sentirem preocupadas com a forma física.

Secchi, Camargo e Bertoldo (2009) afirmam que na sociedade brasileira atual, não estar bonita pode constituir-se em grave fracasso, levando à perda da autoestima e à

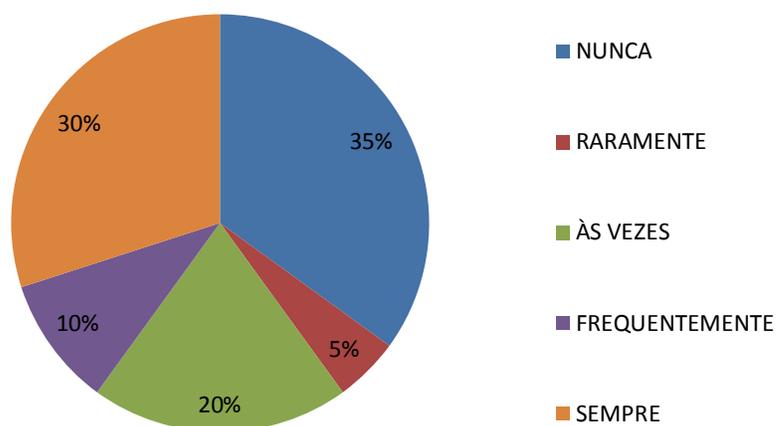
insegurança, e que a dependência da autoestima feminina na aparência, torna as mulheres mais vulneráveis à imagem corporal negativa e aos seus efeitos negativos. Os autores afirmam ainda que em estudos realizados no Brasil e em outros países, a insatisfação com seu corpo é generalizada, caracterizando descontentamento com a imagem corporal como um fenômeno típico da sociedade ocidental.

Segundo Damasceno et al (2003) a mídia, a família e os amigos condicionam os indivíduos a cuidar de seus corpos, para que acompanhem o padrão estabelecido por eles, direcionando esses indivíduos aos desejos, hábitos, cuidados e descontentamentos com a aparência visual do corpo.

A insatisfação com a forma corporal e a fixação pela magreza fazem com que mulheres restrinjam em sua dieta alimentos importantes em busca do emagrecimento, ocasionando sérios problemas comportamentais e de saúde. (TRIBESS, 2006).

A disponibilidade de dietas da moda citadas na mídia visando o emagrecimento rápido é cada vez maior e a adesão à elas também. No entanto estas dietas tornam-se falíveis, pois não levam em consideração o cotidiano das pessoas e tampouco seus hábitos alimentares. (MAHAN; ESCOTT-STUMP, 2005).

Gráfico 2 – Distribuição das adolescentes entrevistadas quanto ao medo de engordar



Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Quando perguntadas se sentem medo de ficarem gordas, 30% responderam que sempre tem medo de ficarem gordas, 10% responderam que frequentemente, 20% responderam que às vezes, 5% responderam que raramente e 35% responderam que nunca sentem medo de ficarem gordas.

O gráfico da evidencia que grande parte das adolescentes, totalizando 65% das entrevistadas que apresentam medo de ficarem gordas, ou seja, de fugirem do padrão de beleza que têm mentalmente idealizado.

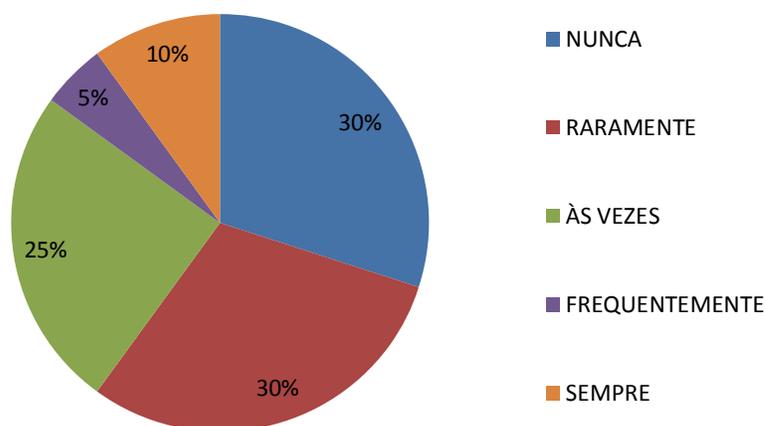
Russo (2005) afirma que a imagem que se cria do corpo acaba sendo determinada por questões sociais, evidenciando assim as questões individuais. Corroborando Saikali et al (2004) acrescenta que indivíduos insatisfeitos com a imagem

corporal podem vir a adotar comportamentos alimentares anormais e práticas inadequadas de controle de peso em busca de um corpo ideal.

Pelegrini (2008) acrescenta que a vida moderna, que ao mesmo tempo proporciona conforto resultante do avanço tecnológico, age negativamente quando contribui para o aumento do sedentarismo e do excesso de peso. A adoção de um estilo de vida sedentário e o aumento da prevalência de excesso de peso pode estar relacionada a uma maior insatisfação com a vida.

Corroborando Conti, Frutuoso e Gambardella (2005) afirmam que os meios de comunicação, a influência da sociedade, da família e amigos, instigam a busca incessante por um padrão de corpo ideal associado às realizações e felicidade entre as principais causas da imagem corporal.

Gráfico 3 – Relação das adolescentes que observam o físico de outras pessoas visando comparação



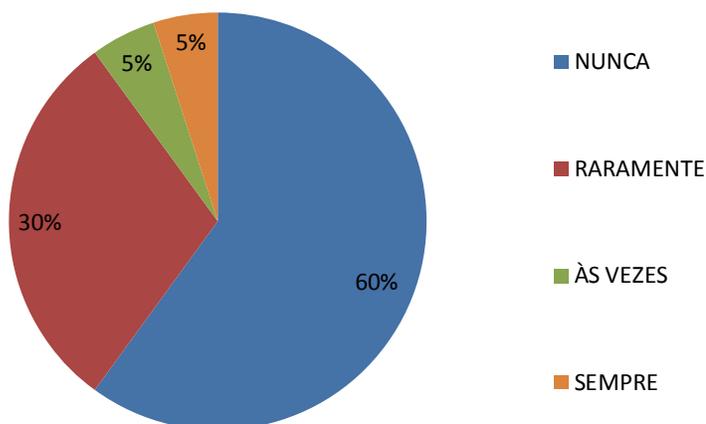
Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Quando questionado se as adolescentes se sentem em desvantagem quando se comparam com outras pessoas, os dados obtidos foram 30% nunca, 30% raramente, 25% às vezes, 5% frequentemente, e 10% responderam que sempre se sentem em desvantagem física em relação aos outros.

Analisando os dados obtidos neste gráfico, somente uma pequena parte afirmou não se sentir em nenhum momento em desvantagem quando compara seu com o de outras pessoas, mas se pode observar que a maioria, somando um total de 70% das entrevistadas que se sentem em desvantagem quando comparam seu físico, demonstrando não estarem satisfeitas com sua aparência, por não ter o corpo que acreditam ser o ideal.

Almeida et al (2005) afirma que segundo o modelo imposto pela sociedade atual, o qual corresponde a um corpo magro em que na maioria das vezes não são levados em consideração os aspectos relacionados à saúde e a constituição física da população, o padrão distorcido da beleza acarreta em um número cada vez maior, de mulheres que se submetem a estratégias extremas, como o excesso de exercício físico, as dietas variadas, ao uso de diuréticos, laxantes e drogas para perderem peso. No entanto esses fatores podem levar a comportamentos precursores de patologias como a bulimia, anorexia e transtornos do comportamento alimentar.

Gráfico 4 – Distribuição das adolescentes que sentem-se gordas quando estão despidas



Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

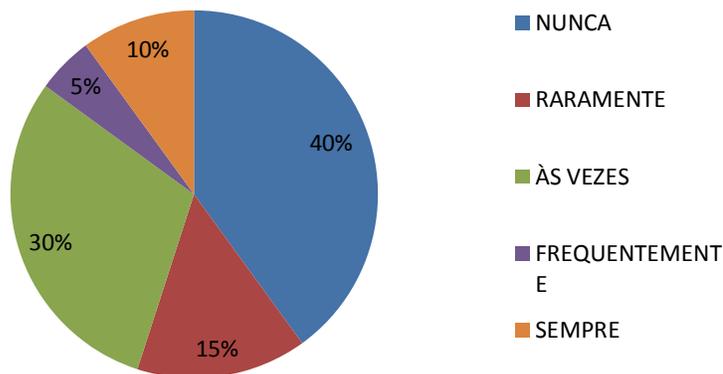
Quando o questionamento foi se quando estão nuas, por exemplo, durante o banho, as fazia se sentirem gordas, 60% das entrevistadas relataram nunca se sentirem gordas quando se veem nuas, 30% relataram se sentirem assim raramente, 5% se sentem assim às vezes e 5% se sentem gordas sempre que estão nuas.

Os dados analisados apontam que boa parte dessas adolescentes, totalizando 40% que se sentem gordas quando se encontram despidas, evidenciando que as mesmas não aprovam sua aparência física.

Drudi (2002) aponta que a abordagem psicanalítica concebe a imagem corporal como a unidade da percepção interna e externa em que o indivíduo se desenvolve com o investimento emocional do progenitor, introjetando o sentimento de aconchego ou de rejeição que o influenciará em sua estruturação física e psicológica. Constrói-se a imagem de corpo com base no desejo imaginário de se possuir uma aparência que possa ser aprovada pelo outro.

Para Damasceno et al (2006), a imagem corporal é construída de maneira multidimensional, expressando as representações internas do indivíduo sobre sua aparência física a partir da interação com o outro. O julgamento favorável ou desfavorável sobre a imagem corporal é criado por crenças e valores culturais que causam impacto na vida de quem não tem a aparência aceita pelo padrão de beleza estabelecido pela sociedade.

Gráfico 5 – Relação das participantes que evitam usar determinadas roupas que delineiam o corpo



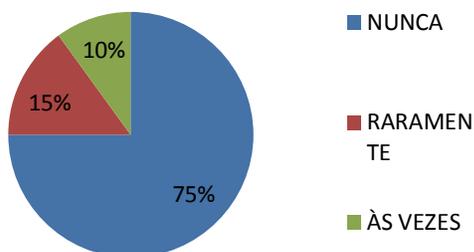
Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Quando questionadas se têm evitado usar roupas que fazem notar as formas de seu corpo, somente 40% das entrevistadas afirmaram nunca tiveram esse problema quanto ao uso de roupas assim, porém 10% afirmaram evitar sempre usar roupas que mostram a forma do corpo, 5% das entrevistadas relataram evitar frequentemente esse estilo de roupa, 30% evitam às vezes, e 15% raramente evitam usar roupas que delineiam o corpo.

A maioria das adolescentes entrevistadas, somando 60%, evitam vestir roupas que delineiam seu corpo, preferindo assim roupas mais largas, que escondem suas curvas, demonstrando não se sentirem à vontade com sua forma física.

As adolescentes sentem o desejo de usar as roupas da moda, mas em algumas situações, por não se julgarem atraentes ou por não se enquadrarem dentro dos padrões de beleza estabelecidos pela sociedade, se sentem envergonhadas, e acabam optando por um número maior no tamanho das roupas, para esconder seus corpos. (FERRIANI, 2005).

Gráfico 6 – Distribuição das adolescentes que evitam eventos sociais devido à insatisfação quanto ao físico



Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

O questionamento sobre deixar de participar de eventos sociais por se sentirem mal em relação a seu físico, a maioria das entrevistadas, 75%, nunca se deixaram de participar de nenhum ambiente por sua aparência física, porém 10% afirmaram que às vezes deixam de sair por causa do seu físico, e 15% raramente deixam de frequentar eventos sociais por causa da sua aparência física.

Parte das adolescentes entrevistadas, sendo uma soma de 20%, por não aprovarem sua aparência física, se privam de ir a eventos sociais, prejudicando assim sua interação com outras pessoas e conseqüentemente se abstêm de ter momentos de lazer, de descontração.

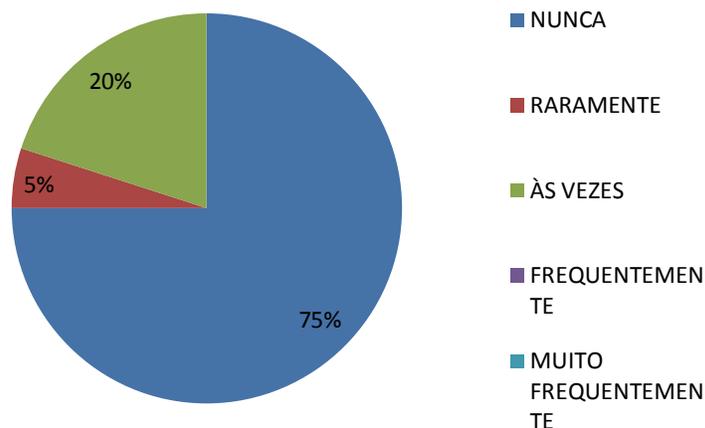
Hart (2003) afirma que a presença da insatisfação com si próprio pode estar relacionada ao tipo de percepção e aos sentimentos que o indivíduo tem em relação à própria imagem corporal os quais podem intimidar na busca por seu objetivo, bem como distorcer sua real imagem do corpo.

Segundo Stice (2002), sociólogos têm proposto processos que promovem atitudes e comportamentos, e um deles é o reforço social, que se refere ao processo por meio do qual as pessoas internalizam atitudes e se comportam mediante aprovação dos outros, um exemplo disso, seria um adolescente, que para conseguir se sentir aceito pelo meio em que vive, segue uma dieta caso perceba que a mídia glorifica o corpo esbelto e magro e critica pessoas com excesso de peso.

Serrano et al (2010) defende que se o adolescente não tem o corpo ideal, eles se privam do convívio social. Becker (2000) afirma que esse fator também contribui para baixa autoestima, isolamento social, depressão.

Felippe e Santos (2004) acreditam que uma das conseqüências do modelo estético estabelecido pela sociedade atual, além de privar o indivíduo que está fora desse padrão de ter um convívio social, pode causar também dificuldade de ingresso no mercado de trabalho.

Gráfico 7 – Proporção das adolescentes que já sentiram vergonha do seu corpo



Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

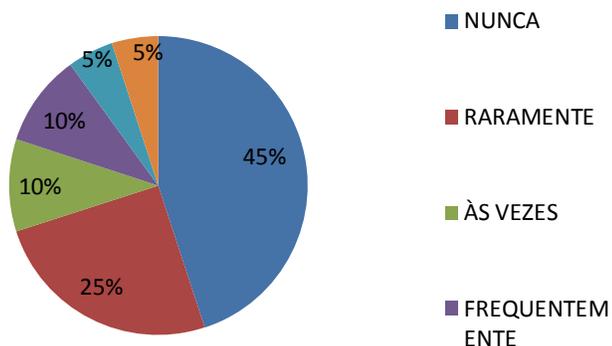
Quando a questão é a vergonha de seu corpo, a maioria declarou não sentir vergonha de seu físico, representando 75%, porém 5% responderam que raramente se

sente envergonhada pelo seu tipo físico, e 20% afirmaram que se sentem envergonhadas às vezes.

A maioria das adolescentes relatou não sentir vergonha de seu físico, porém uma parte dessas adolescentes, que representam 25% das entrevistadas, sentem vergonha de sua aparência, podendo assim prejudicar seu convívio social. Se compararmos o gráfico atual com o quinto gráfico, pode-se observar uma pequena contradição, pois em sua análise, a maioria das adolescentes afirma evitar vestir roupas que delineiam seus corpos, pois não são satisfeitas com sua aparência física.

Quando se sentem envergonhadas pela sua aparência física, as adolescentes podem acabar se fechando para a vida social. Saikali (2004) afirma que as adolescentes que possuem a autoimagem negativa, têm receio de ver sua própria imagem corporal, justificado pela vergonha que sentem de si mesmas, manifestando rejeição, bem como uma interferência direta da não aceitação do corpo com relação ao fator psicoemocional destes adolescentes.

Gráfico 8 – Distribuição das participantes que relacionam o físico atual com falta de autocontrole



Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Quando questionadas se as adolescentes acham que seu físico decorre de uma falta de autocontrole, somente 45% das entrevistadas nunca pensam que seu físico decorre da falta de autocontrole, mas 5% afirmaram que sempre tem esse pensamento, 5% se sentem assim muito frequentemente, 10% frequentemente, 10% às vezes e 25% raramente, demonstrando que a maioria tem a convicção de que seu físico provém de uma falta de autocontrole, mesmo que raramente.

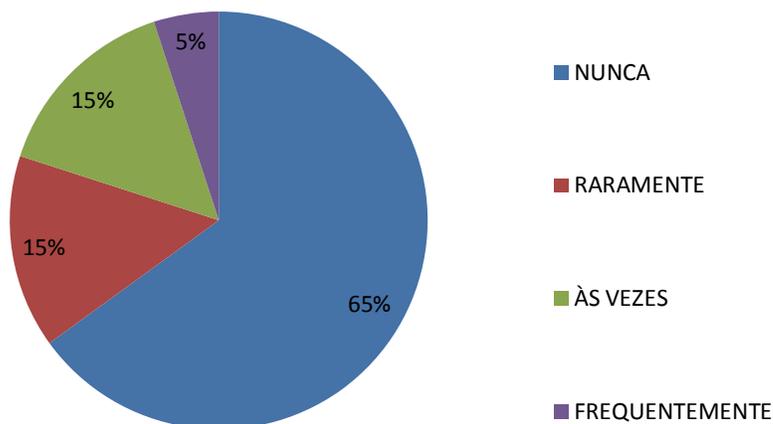
A maior parte das adolescentes, sendo um total de 55% das entrevistadas, afirmam acreditar que a aparência física que possuem provém da falta de controle que possuem sobre si mesmas, evidenciando que não se sentem com a aparência física adequada para o que consideram belo.

Quando a adolescente não se vê dentro do padrão de beleza imposto pela sociedade, ela não se sente bonita diante do outro, isso pode acarretar uma perda da autoestima e insegurança. É importante que o indivíduo que está acima do peso, mude seus hábitos de vida, propondo uma modificação na ingestão alimentar e o aumento da atividade física, com a expectativa da motivação. (SEGAL, 2002).

Para Halpern (1993), a chance do indivíduo se tornar obeso, depende do que ele come e do quanto come e gasta as calorias. Acrescenta Muller (2001) que a adolescência é uma etapa da vida que apresenta intensas transformações no processo de

crescimento e desenvolvimento, e desta forma, a obesidade se torna ainda mais problemática quando surge nessa idade, e um dos momentos mais críticos para o aparecimento da obesidade, é no início da adolescência.

Gráfico 9 – Distribuição das adolescentes que ao se veem no espelho se sentem mal em relação à imagem refletida



Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

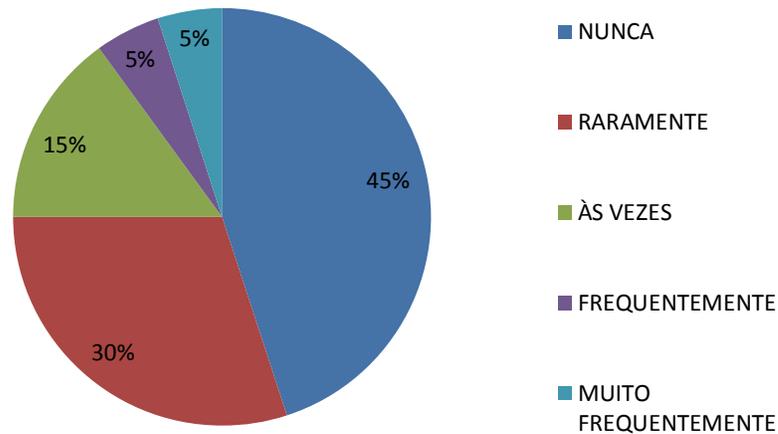
Ao se questionar às adolescentes se quando elas veem seu reflexo num espelho ou em uma vitrine de uma loja, as fazia se sentirem mal em relação ao seu físico, grande parte das entrevistadas, 65%, nunca se sentiram mal em relação ao seu reflexo, 15% assinalaram que se sentem mal com seu reflexo raramente, 15% às vezes se sentem mal quando olham para seu reflexo, e 5% (1) se sentem mal frequentemente em relação ao seu reflexo.

Algumas adolescentes, sendo uma soma de 35% de entrevistadas, afirmaram não se sentirem bem quando se veem em alguma imagem refletida, sendo espelhos ou vitrines, demonstraram estarem insatisfeitas com seus corpos que não possuem a aparência física que realmente desejam.

Segundo Saikali (2004), estudos demonstraram que os adolescentes se recusam a ver sua imagem refletida em espelhos, pois sentem receio, e este medo está na visualização da sua própria imagem corporal, devido a sentimentos de vergonha, rejeição do seu corpo, a não aceitação em relação ao fator psico-emocional do adolescente.

Para Guimarães (2007) a imagem corporal é constituída daquilo que o indivíduo enxerga no espelho, o que estrutura uma figuração mental para si próprio, podendo assimilar sua imagem corporal de maneira positiva ou negativa, se tornando dependente da aceitação do padrão de beleza prezado pela mídia e pela sociedade.

Gráfico 10 – Distribuição das adolescentes que evitam situações de exposição física



Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

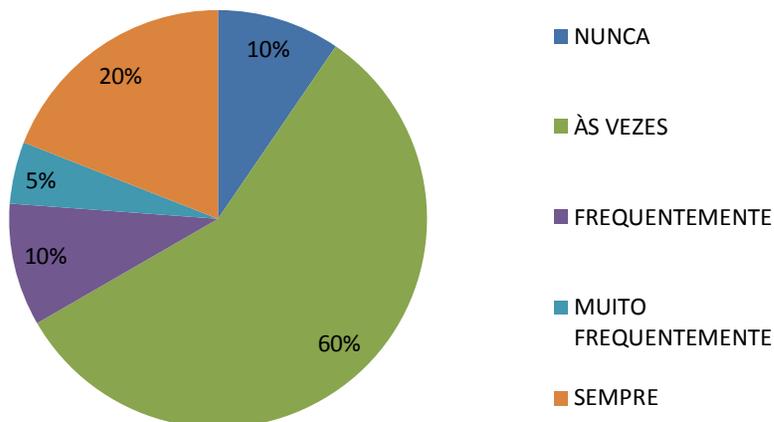
Quando questionado se as adolescentes evitavam situações nas quais as pessoas poderiam ver seu corpo, como em vestiários ou banhos de piscina, 45% das entrevistadas não tem nenhum problema quanto à exposição de seu corpo, seja em vestiários ou piscinas, mas a maioria das entrevistadas relata que evitam essas situações de exposição, sendo que 30% evitam raramente, 15% evitam a exposição do corpo às vezes, 5% evitam frequentemente e 5% evitam muito frequentemente a exposição do corpo.

Uma soma de 55% das entrevistadas, o que representa a maioria, por não se sentirem a vontade com sua aparência, evitam momentos de lazer, devido o constrangimento por sua aparência física.

As adolescentes, que têm a visão distorcida estão susceptíveis ao sentimento de vergonha da exposição do seu corpo, se abstendo de práticas de lazer, como por exemplo, ir à piscina, em ambientes onde seu corpo fica exposto. (FERRIANI et al, 2005).

Corroborando, Menossi e Lima (2000) afirmam que as pessoas que não se enquadram nos padrões de normalidade impostos pela mídia e pela sociedade, possuem uma insatisfação corporal, que os leva a dificuldades nas relações interpessoais, profissionais e de lazer. Ferriani et al (2000) acrescentam que na sociedade contemporânea, é sinônimo de competência e sucesso, enquanto o excesso de peso representa preguiça, falta de controle e relaxamento.

Gráfico 11 – Relação das participantes que ao se preocupar com a aparência física sentem vontade de fazer exercícios



Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Quando questionadas se a preocupação com o físico as fazia sentir necessidade de fazer exercícios, apenas a minoria, 10% responderam que nunca sentem essa necessidade de fazer exercícios físicos, 60% responderam que às vezes sente essa necessidade, 10% responderam que frequentemente sentem essa necessidade de praticar exercícios físicos, 5% responderam que muito frequentemente sentem essa necessidade e 20% responderam que sempre sentem necessidade de fazer exercícios físicos por estarem preocupadas com sua aparência.

Analisando os dados, pode-se observar que grande parte das entrevistadas, somando um total de 90%, relata sentir necessidade de praticar exercícios físicos, por se preocuparem com sua aparência, evidenciando que não se sentem satisfeitas com sua aparência.

Cordás (2004) afirma que a baixa autoestima e a distorção da imagem corporal são as principais componentes que reforçam a busca pelo emagrecimento, levando à prática de exercícios físicos, jejum, uso de laxantes e diuréticos de uma forma intensa.

Para Becker (2000), muitos jovens têm uma insatisfação crônica com seus corpos, o que os leva à preocupação de estarem com os corpos esculturais a todo custo, através de exercícios físicos intensos.

Para Tavares (2003) a atividade física deve proporcionar ao indivíduo vivências que possibilitem um desenvolvimento de sua imagem corporal, o tornando consciente de seus próprios sentimentos e reações fisiológicas em relação ao corpo e à atividade, respeitando os limites e possibilidades de seu corpo.

O exercício físico provoca alterações positivas na imagem corporal, além de elevar a autoestima e propiciar que o indivíduo veja a si mesmo como uma pessoa capaz de realizar mudanças significativas em sua vida. Neste sentido os adolescentes que possuem uma boa autoestima, conseguem visualizar mais facilmente o sucesso, enquanto aqueles que duvidam de suas realizações, de sua própria eficiência, podem mentalizar e até antecipar um possível fracasso. (BIAZUSSI, 2008).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados encontrados no presente trabalho mostraram que grande parte das adolescentes possui insatisfação com a imagem corporal. Vale salientar que neste trabalho a hipótese consistia na ideia de que as adolescentes eram insatisfeitas com a autoimagem corporal. Tal hipótese foi confirmada, porém há ressalva de que esse pensamento não abrange o total de entrevistadas.

Na introdução deste estudo, o problema em questão remetia saber qual a percepção de adolescentes de Natalândia – MG sobre a sua autoimagem em relação às mudanças corporais ocorridas na puberdade. Em resposta a esse questionamento, os resultados revelaram que a maioria das adolescentes possui insatisfação com a autoimagem corporal.

O objetivo geral era conhecer a percepção de adolescentes do sexo feminino sobre a autoimagem em relação às mudanças corporais ocorridas na puberdade, e o estudo respondeu os objetivos de forma satisfatória, como se pode observar no desenvolvimento do estudo.

Em relação ao objetivo específico de identificar se a percepção da autoimagem prejudica a convivência e socialização das adolescentes, no sexto gráfico, sobre as adolescentes que evitam eventos sociais devido à insatisfação quanto ao físico e o gráfico dez, sobre a exposição física das adolescentes mostram que parte dessas adolescentes se sentem tão insatisfeitas com sua aparência, chegando a evitar participarem de eventos sociais e de até frequentar ambientes como piscinas, que exigem uma vestimenta mais expositiva, prejudicando a capacidade de se relacionar com outras pessoas, de interagir com o ambiente, ou até procurarem lazer, por não terem a aparência desejada.

A aceitação das adolescentes quanto às mudanças corporais é verificada nos segundo e no oitavo gráfico que abrangem o medo de engordar e a relação da aparência com a falta de autocontrole. Nos dois gráficos, a maioria das adolescentes demonstram medo e insegurança quanto às mudanças que podem ocorrer durante essa fase que estão vivenciando, principalmente o medo evidente de ganharem peso.

O grau de satisfação das adolescentes quanto à autoimagem é evidenciado no primeiro, terceiro, quarto, quinto, sétimo e nono gráficos, onde são abordados a preocupação quanto a forma física, a comparação com o físico de outras pessoas, a insatisfação com o corpo quando estão despidas, o uso de determinadas roupas que delinham o corpo, a vergonha que sentem de seu corpo, e o que sentem em relação à sua imagem refletida em espelhos e vitrines. A observação de todos esses gráficos revela que o objetivo foi alcançado, evidenciando que em relação a todos estes questionamentos, grande parte das adolescentes se sente constrangida com a aparência, não possuindo a autoimagem corporal positiva, ficando clara a insatisfação que sentem em relação ao corpo, deixando de se vestirem da maneira que sentem vontade, de sentirem vergonha do próprio corpo, e até evitarem até se olhar no espelho por não se sentirem felizes com o que está sendo ali projetado.

Ao verificar as possíveis estratégias utilizadas pelas adolescentes na aceitação da autoimagem corporal, é observado em todos os gráficos que as adolescentes preferem se retrair quando não se sentem à vontade com sua aparência, deixando de frequentar ambientes em que teriam contato com muitas pessoas ou ainda locais em que se usam poucas vestimentas, além de evitarem vestir roupas da moda por medo de evidenciarem as curvas de seus corpos, e ainda é evidenciado que sentem ainda vontade de recorrer a dietas e exercícios físicos para alcançarem o objetivo de ter um corpo com o padrão de beleza que julgam ser o ideal.

Este estudo alcançou os objetivos esperados e sua realização possibilitou maior conhecimento sobre a satisfação de adolescentes em relação à sua autoimagem e o quanto é importante o acompanhamento e apoio psicológico dessas adolescentes pelo profissional da saúde, para terem assim uma melhor qualidade de vida, um maior e melhor aproveitamento dessa fase da adolescência que estão vivendo.

Sugere-se ainda novos estudos sobre a temática, envolvendo uma amostra maior, outras faixas etárias ou ainda outros municípios do noroeste de Minas Gerais, procurando um maior número de opiniões, pois é sabido que existe uma grande possibilidade de eventos a serem ainda explorados em relação a autoimagem. Valendo ainda ressaltar uma grande necessidade de acompanhamento de profissionais da saúde relacionado ao aspecto psicológico de adolescentes, para uma melhor e maior interação e socialização dos mesmos.

REFERÊNCIAS

ABREU, C. N. de; FILHO, R. C. Anorexia nervosa e bulimia nervosa – abordagem cognitivo-constructivista de psicoterapia. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, SP, v. 31, n. 4, p. 177-183, set. 2004.

ALMEIDA, C. M. E. de; OLIVEIRA, M. R. M. de; VIEIRA, C. M. A relação entre a imagem corporal e obesidade em usuárias de unidades de saúde da família. **Revista Simbio-Logias**, v.1, n. 1, p. 111-121, maio. 2008.

ALMEIDA, N. A. G. et al Percepção de tamanho e forma corporal de mulheres: Estudo exploratório. **Psicologia em Estudo**, [s.l.], v. 10, n.1, p. 27-35, nov. 2007.

ALVARENGA, M. S.; SCAGLIUSI, F. B.; PHILIPPI, S. T. Consumo e padrões alimentares de pacientes com bulimia nervosa antes e depois de tratamento multiprofissional. **Revista Brasileira de Nutrição Clínica**, São Paulo, SP, v. 19, n. 4, p. 170-177, dez. 2004.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-IV-TR: Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais**. 4. ed, Porto Alegre: Artmed, 2002.

ANDRADE, L. H. S. G.; VIANA, M. C.; SILVEIRA, C.M. Epidemiologia dos transtornos psiquiátricos na mulher. **Revista de Psiquiatria Clínica**. [s.l.], v. 33, n. 2, p. 43-54, 2006.

ANDRÉ, C. Questão de autoestima. **Mente e Cérebro**, São Paulo, SP, n. 164, p. 48, set. 2006.

AURICCHIO A. M. Procedimentos estéticos: percepção do cliente quanto ao esclarecimento para a tomada de decisão. **Revista Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, SP, v. 41, n. 1, p. 13-20, mar. 2007.

BAPTISTA, M. N.; ASSUMPÇÃO JR., F. B. **Depressão na adolescência: Uma visão Multifatorial**. São Paulo: EPU, 1999.

- BECKER J. R. B. **Manual de Psicologia aplicada ao Exercício e Esporte**. Porto Alegre: Nova Prova. 2000.
- BELING, M. T. C. **A autoimagem corporal e o comportamento alimentar de adolescentes do sexo feminino em Belo Horizonte, MG**. 2008. 165 f. Dissertação de Mestrado - (Mestrado em Ciências da Saúde) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte – MG, 2008.
- BIAZUSSI, R. **Os benefícios da atividade física aos adolescentes**. Artigo de iniciação Científica. Instituto de Biociências, UNESP. Rio Claro, SP, 2008.
- BORGES, A L. V; FUJIMORI, E. **Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica**. São Paulo: Manole, 2009.
- BOUCHARD, C. **Atividade física e obesidade**. Barueri: Manole, 2003.
- BRANCO, L. M.; CINTRA, I. P.; FIBERG, M. Adolescente gordo ou magro: realidade ou fantasia? **Nutrição Brasil**, São Paulo, SP. v. 5, n. 4, p. 189-194, jul./ago. 2006.
- BRANDEN N. **Autoestima no trabalho: como pessoas confiantes e motivadas constroem organizações de alto desempenho**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069/90. Brasília: CBIA, 1990.
- CAMPAGNA, V. N; SOUZA, A. S. L. de. Corpo e imagem corporal no início da adolescência feminina. **Boletim da Academia Paulista de Psicologia**. São Paulo, SP, v.55, n.124, p. 9-35, jan/jun. 2006.
- CANALE, A; FURLAN, M. M. D. P. Depressão. **Arq Mudi**, Maringá, PR, v. 10, n. 2, p. 23-31, 2006.
- CARDOSO, L. R. D. Psicoterapias comportamentais no tratamento da depressão. **Psicologia Argumento**, Curitiba, PR, v. 29, n. 67, p. 479-489, out/dez. 2011.
- CARVALHO, A. M. de. **Satisfação Corporal, Autoestima, Autopercepção Física e Imagem Corporal dos Instrutores de Fitness**. 2003. 64 f. Monografia - (Graduação em Educação Física) – Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Coimbra, MG, 2003.
- CASTILHO, S. M. **A imagem corporal**. 1.ed. Santo André, SP: Esetec, 2001.
- CIAMPO, D; CIAMPO, I. R. L. D. Adolescência e imagem corporal. **Adolescência e Saúde**, Rio de Janeiro, RJ. v. 7, n. 4, p. 55-59, out/dez 2010.
- CLAUDINO, A. de M; BORGES, M. B. F. Critérios diagnósticos para os transtornos alimentares: conceitos em evolução. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, SP. v. 24, p. 7-12, dez. 2002.

- COELHO, E. J. N.; FAGUNDES, T. F. Imagem Corporal de mulheres de diferentes classes econômicas. **Revista Motriz**, Rio Claro, SP, v.13, n. 2, p. 537-543, mai/ago, 2007.
- CONTI, M. A. et al Anorexia e bulimia – corpo perfeito versus morte. Relato de experiência. **O mundo da saúde**, São Paulo, SP, v. 36, n. 1, p. 65-70, 2012.
- CONTI, M. A; FRUTUOSO, M. F. P; GAMBARDELLA. A. M. D. Excesso de peso e insatisfação corporal em adolescentes. **Revista de Nutrição**, Campinas, SP. v. 18 n.4, p. 491-497, 2005.
- CORDÁS, T, A. Transtornos alimentares: classificação e diagnóstico. **Revista Psiquiatria Clínica**. São Paulo, SP. v. 31, n. 4, p. 154-157, 2004.
- CORDÁS, T. A.; NEVES J. E. P. das. Escalas de avaliação de transtornos alimentares. **Revista de Psiquiatria Clínica**. São Paulo, SP, v. 26, n. 1, 1999.
- CORSEUIL, M. W. et al Prevalência de insatisfação com a imagem corporal e sua associação com a inadequação nutricional em adolescentes. **Revista de Educação Física/ UEM**, Maringá, PR, v. 20, n. 1, p. 25-31, jan/mar. 2009.
- CURI, G. I; JÚNIOR, C. R. B. Prevalência de distorção da imagem corporal em mulheres eutróficas com sobrepeso e obesas frequentadoras de academia de ginástica. **Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento**, São Paulo, SP, v. 5, n. 23, p. 17-23, jan/fev. 2011.
- CURY, A. **A ditadura da beleza e a revolução das mulheres**.1. ed. São Paulo: Sextante, 2005.
- DAMASCENO, V. O. et al Imagem corporal e corpo ideal. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, [s.l.], v. 14, n. 2, p. 81-94, 2006.
- DAMASCENO, V. O. et al Tipo físico ideal e satisfação com a imagem corporal de praticantes de caminhada. **Revista Brasileira de Medicina e Esporte**, [s.l.], v.11, p.181-186, 2005.
- DI PIETRO, M; SILVEIRA, D. X. da. Validade interna, dimensionalidade e desempenho da escala Body Shape Questionnaire em uma população de estudantes universitários brasileiros. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, SP, v. 31, n. 1, p. 21-24, mar. 2009.
- DIAS, H. F. P. **Autoimagem e Obesidade**: uma abordagem neuropsicológica cognitiva. 2008. 223 f. Dissertação – (Mestrado em Cognição e Linguagem) – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, 2008.
- DOMINGUES, M. R. C; DOMINGUES, T. L. C. **Adolescência: mudança e definição**. [S.l.:s.n], 2007. Disponível em: <<http://www.unisaesiano.edu.br/encontro2007/trabalho/aceitos/CC21882553802.pdf>>. Acesso em: 12 de julho de 2014.

DOMÍNGUEZ, S. M; RODRÍGUEZ, A. V. 2010, Campinas. Características clínicas e tratamento dos transtornos do comportamento alimentar. In: CABALLO, W. E; SIMÓN, M. A. **Manual de psicologia clínica infantil e do adolescente: transtornos específicos**. São Paulo: Santos, 2010.

DRUDI, V. M. Corpo e imagem corporal. **A imagem corporal da mulher obesa: O estudo comparativo entre as imagens corporais de mulheres obesas que possuem relacionamento amoroso e das que não o possuem**. 2002. Monografia – (Graduação em Psicologia) – Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2002.

DUCHESNE, M.; APPOLINÁRIO, J.C. Tratamento dos Transtornos Alimentares. In: RANGÉ, Bernars. **Psicoterapias Cognitivo-Comportamentais – Um diálogo com a psiquiatria**. São Paulo, SP: Artmed, 2011.

DUNKER, K. L. L.; PHILIPPI, S. T. Hábitos e comportamentos alimentares de adolescentes com sintomas de anorexia nervosa. **Revista de Nutrição**, Campinas, SP. v. 16, n. 1, p. 51-60, jan./mar. 2003.

FÁVERO, E; MACHADO, A. P; SCHAURICH, A. P. Transtornos alimentares: Anorexia e Bulimia Nervosa. **Disciplinarum Scientia**. Série: Ciências Biológicas e da Saúde, Santa Maria, RS, v. 3, n. 1, p. 95-104, 2002.

FERNANDES, A. C; FERREIRA, K. R; CABRAL, S. M. S. C. **O papel do enfermeiro na saúde do adolescente**. s/a. Disponível em: <http://fio.edu.br/cic/anais/2009_viii_cic/Artigos/07/07.48.pdf>. Acesso em: 10 de outubro de 2014.

FERNANDES, A. E. R. **Avaliação da imagem corporal, hábitos de vida e alimentares em crianças e adolescentes de escolas públicas e particulares de Belo Horizonte**. 2007. 144 f. Dissertação - (Mestrado em Medicina) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2007.

FERNANDES, M. H. **Transtornos alimentares: anorexia e bulimia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

FERRAZ, A. L. L. **Auto Percepções, Auto Estima, Imagem Corporal e Ansiedade Físico Social: Estudo Comparativo entre Instrutoras e Alunas de Fitness**. 2006. 275 f. Monografia – (Graduação em Educação Física) – Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Coimbra, 2006.

FERREIRA, T. H. S; FARIAS, M. A; SILVARES, E. F. de M. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. **Estudos de psicologia**, Natal, RS, v. 8, n. 1, p. 107-115, abr, 2003.

FERRIANI M. G. C. et al Autoimagem corporal de adolescentes atendidos em um programa multidisciplinar de assistência ao adolescente obeso. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, Recife, PE, v. 5, n. 1, p. 27-33, 2005.

- FERRIANI M. G. C. A percepção de saúde para adolescentes obesos. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, DF, v. 53, n. 4, p. 537-543, 2000.
- FIATES, G. M. R.; SALLES, R. K. Fatores de risco para o desenvolvimento de distúrbios alimentares: um estudo em universitárias. **Revista de Nutrição**, Campinas, SP. v. 14, Suplemento, p 3-6, 2001.
- FIGUEIREDO, N. M. A. de. **Método e Metodologia na Pesquisa Científica**. 3.ed. São Paulo: Yendis, 2009.
- FILHO, José Carlos Castelo Branco. **A construção da identidade: Tentativa de empreender um diálogo sobre a temática**. Brasília – DF, [s.l.], s/a. Disponível em: <<http://castelobrancopsi.com/pdf/construcao-da-identidade.pdf>>. Acesso em: 05 de março de 2014.
- FUREGATO, A. R. F. et al Depressão e autoestima entre acadêmicos de enfermagem. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, SP, v. 33, n. 5, p. 239-244, 2006.
- GREVET, E. H; CORDIOLI, A. V; FLECK, M. P. A. **Depressão maior e distímia: diretrizes e algoritmo para o tratamento farmacológico**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- GOMES R. A. Análise de dados em pesquisa qualitativa. 1994. Petrópolis. In: MINAYO M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 4. ed. Petrópolis: Vozes; 1994.
- GONÇALVES, C; CAMPANA, A; TAVARES, M. Influência da atividade física na imagem corporal: Uma revisão bibliográfica. **Revista Motricidade**, [s.l.], v. 8, n. 2, p. 70-82, jun. 2012.
- GUIMARÃES, G. Obesidade e fatores emocionais. 2007. Goiânia. In: FERNANDES C. I. **Obesidade: E suas múltiplas conseqüências** . Goiânia: UCG, 2007.
- GUERREIRO, D. P. das N. V. **Necessidade Psicológica de Autoestima/ Auto-Crítica: Relação com o Bem-Estar e Distress Psicológico**. 2011. 114 f. Dissertação – (Mestrado Integrado em Psicologia) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011.
- HART, E. A. Avaliando a imagem corporal. 2003. Barueri. In: TRITSCHLER, K. **Medida e avaliação em Educação Física e esportes de Barrow & McGee**. 1. ed. Barueri: Manole, 2003.
- INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER - INCA. **Inquérito Domiciliar sobre Comportamentos de Risco e Morbidade Referida de Doenças e Agravos não Transmissíveis**. Brasil, 15 capitais e Distrito Federal, 2003. Disponível em: <<http://www.inca.gov.br/inquerito/docs/sobrepesoobesidade.pdf>>. Acesso em: 05 de maio de 2014.
- KNOBEL, M. A síndrome da adolescência normal. 1981. Porto Alegre. In: ABERASTURY, A; KNOBEL, M. **Adolescência normal: Um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1985.

LIMA, D. P. de. **Estudo relativo à autoimagem corporal em adolescentes de diferentes níveis socioeconômicos**. 2009. 111 f. Dissertação – (Mestrado em Ciências da Educação) – Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2009.

LIMA, K. F.; KNUPP, K. A. Cuidados de enfermagem na prevenção da anorexia na adolescência: como identificar fatores predisponentes. **Revista meio ambiente e saúde**, [s.l.], v.2, p.166-180, 2007.

LIMA, N. L. de; ROSA, C. de O. B; ROSA, J. F. V. Identificação de fatores de predisposição aos transtornos alimentares: anorexia e bulimia em adolescentes de Belo Horizonte, Minas Gerais. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, RJ, v. 12, n. 2, p. 360-378, 2012.

LOPES, M. **Insatisfação Com A Imagem Corporal Em Adolescentes**, Segundo o Estado Ponderal. 2007. 54 f. Monografia – (Graduação em Nutrição) – Faculdade de Ciências da Nutrição e Alimentação, Porto, 2007.

MACEDO, M. M. K; GOBBI, A. S; WASCHBURGER, E. M. P. Marcas corporais na adolescência: impossibilidades de simbolização. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, MG, v. 15, n. 1, p. 90-105, abr. 2009.

MAHAN, L. K.; ESCOTT-STUMP, S. Alimentos Nutrição e Dietoterapia. In: GALLACHER, M. L. **Vitaminas**. 11. ed. São Paulo: Roca, 2005.

MANESCHY, I. Q. IKETANI, S. R. 2002. 28 f. **Adolescência: uma perspectiva crítica**. Monografia – (Graduação em Psicologia). Belém, PA, 2002.

MANN, J; TRUSWELL, A. S. **Os Transtornos Alimentares: Anorexia Nervosa, Bulimia Nervosa e TASOE**. Nutrição Humana. 3 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.

MENDONÇA, R. **Transtornos Alimentares: NUTRIÇÃO** um guia completo de alimentação, práticas de higiene, cardápios, doenças, dietas, gestão. 1 ed. São Paulo, SP: Rideel, 2010.

MICHELON, L; CORDEIRO, Q; VALLADA, H. Como diagnosticar e tratar Depressão. **Revista Brasileira de Medicina e Pediatria Moderna**, São Paulo, SP. v. 65, n. 12, p. 15-25, dez. 2008.

MULLER R. C. L. Obesidade na adolescência. **Pediatria Moderna**, São Paulo, SP. v. 37, p. 45-48, mai. 2001.

MINISTÉRIO DA SAÚDE – Biblioteca Virtual do Ministério da saúde. **Obesidade e Desnutrição**. (s/a). Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/obesidade_desnutricao.pdf>. Acesso em: 04 de maio de 2014.

MENOSSE MJ, Lima RAG. A problemática do sofrimento: percepção do adolescente com câncer. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, SP. v. 34, n. 1, p. 45-51, 2000.

MOSQUERA, J. J. M. et al Universidade: Autoimagem, Autoestima e Autorrealização. **UNirevista**, São Leopoldo, RS, v. 1, n. 2, p. 1-13, abr. 2006.

NAHAS, M. V. **Atividade física, saúde e qualidade de vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo**. 5. ed. Londrina: Midiograf, 2010.

NASCIMENTO, M. C; RODRIGUES, M. C; KIDO, M. M. **Transtornos Alimentares: Anorexia e Bulimia**. Centro de Ciências Biológicas Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento Psicologia Clínica na Análise do Comportamento. Universidade Estadual de Londrina. (s/a). Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-estudo/analisedocomportamento/pages/arquivos/TRANSTORNOS%20ALIMENTARE_S_BULIMIA%20ANOREXIA.pdf>. Acesso em: 07 de março de 2014.

NOVAES, J. V.; VILHENA, J. De cinderela à moura torta: sobre a relação mulher, beleza e feiura. **Revista Interações**, v. 8, n. 15, p. 9-36, 2003.

OLIVEIRA, T. C. de; CARVALHO, L. P; SILVA, M. A. da. O enfermeiro na atenção à saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, DF, v. 61, n. 3, p. 306-311, mai/jun. 2008.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento: CID-10**. Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Obesidade: prevenindo e controlando a epidemia global**. Relatório da Consultadoria da OMS, Genebra, (2004)

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Obesidade: prevenção e gestão da epidemia global: relatório da OMS**. Consulta sobre obesidade. Genebra, 2008

OSÓRIO, L.C. **Adolescente hoje**. 2 ed., Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

OUTEIRAL J. O. **Adolescer: estudo sobre adolescência**. 1. ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1994.

PEDROSO, R. da S. BOEIRA, T. B. **Percepções adolescentes sobre seus corpos no espelho**. 2008. 73 f. Monografia – (Graduação de Enfermagem) – Centro de Educação Bigaçu, Bigaçu , 2008.

PETRONE, A. R. R. A relação enfermagem adolescente. 2001. Rio de Janeiro. In: MAAKAROUN, M. de F; SOUZA, R.P; CRUZ, A. R. **Tratado de adolescência: um estudo multidisciplinar**. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1991.

PHILIPPI, S. T; ALVARENGA, M. **Transtornos alimentares: uma visão nutricional**. 1. ed. São Paulo: Manole, 2004.

PINHEIRO, A. P. **Insatisfação com o corpo, autoestima e preocupações com o peso em escolares de 8 a 11 anos de Porto Alegre.** 2003. 137 f. Dissertação – (Mestrado em Medicina) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

POLLOCK, M; WILMORE J. H. **Exercícios na saúde e na doença: avaliação e prescrição para prevenção e reabilitação.** 2. ed. Rio de Janeiro: Medsi, 1993.

RAMOS, F. R. S. Bases para uma re-significação do trabalho de enfermagem junto aos adolescentes. 2001. Brasília. In: **Adolescer: compreender, atuar e acolher.** Associação Brasileira de Enfermagem. Brasília, [s.n.] 2001.

REIS, S. A. dos. **Imagem corporal em pacientes com transtornos alimentares: Um auxílio no tratamento através da Educação Física.** 2010. 63 f. Monografia – (Graduação em Educação Física) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2010.

REPETTO, G. Histórico da obesidade. 1998. São Paulo. In: HALPERN A.; GODOY MATOS A.F.; SUPPLY H. L.; MANCINI C. e ZANELLA M.T. **Obesidade.** 1. ed. São Paulo: Lemos, 1998.

ROSA, Laurimar da Silva; SILVA, Mariluze Ferreira de A. e. Emoções e estado de ânimo: a causa do distúrbio da depressão. **Revista Metávola**, São João Del Rei, MG. v. 1, n. 12, p. 87-96. 2010.

SAIKALI, C. J. et al Imagem corporal nos transtornos alimentares. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, SP. v. 31, n. 4, p. 164-166. 2004.

SALVE, Mariângela Gagliardi Caro. Obesidade e peso corporal: riscos e consequências. **Movimento e Percepção**, Espírito Santo de Pinhal, SP. v. 6, n. 8, p. 29-48, jan/jun. 2006.

SANTOS, V. L. C. de G; SAWAIA B. B. A bolsa na mediação estar ostomizado – estar profissional, análise de uma estratégia pedagógica. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, SP. v. 8, n. 3, p. 40-50, jul. 2000.

SAPOZNIK, A.; ABUSSAMRA, E. V.; AMIGO, V. L. Bulimia Nervosa: Manifestações clínicas, curso e prognóstico. 2005. São Paulo. In: CLAUDINO, A. M.; ZANELLA, M. T. **Guias de Medicina Ambulatorial e Hospitalar.** Transtornos Alimentares e Obesidade. São Paulo: Manole, 2005.

SECCHI, K.; CAMARGO, B. V.; BERTOLDO, R. B. Percepção da imagem corporal e representações sociais do corpo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, DF, v. 25, n. 2, 2009.

SECCHI, K. **Representação social e imagem do corpo feminino.** Florianópolis. 2006. 167 f. Dissertação – (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2006.

SCHILDER, P. **A imagem do corpo.** 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SEGAL, A. Técnicas de modificação de comportamento do paciente obeso: Psicoterapia cognitivo-comportamental. 2002. São Paulo. In: HALPERN, A; MANCINI C. M. **Manual de obesidade para o clínico**. 1. ed. São Paulo: Roca, 2002.

SERON, C. MILANI, R. G. A construção da identidade feminina na adolescência: um enfoque na relação mãe e filha. In: V MOSTRA INTERNA DE TRABALHOS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA CESUMAR – Centro Universitário de Maringá. **Resumo dos trabalhos**. Maringá, PR. 2010.

SERRANO, S. Q. et al Percepção do adolescente obeso sobre as repercussões da obesidade em sua saúde. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, SP. v. 44, n. 1, p. 25-31, 2010.

SILVA, D. et al Avaliação da insatisfação corporal e da autoestima em crianças e adolescentes com diagnóstico de obesidade VS uma comunidade escolar. **Revista Portuguesa de Endocrinologia, Diabetes e Metabolismo**, v. 1, p. 23-31. 2009.

SILVA, G. L. da. **Percepção da Imagem Corporal em Mulheres com Depressão**. 2008. 161 f. Monografia – (Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) – Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP, 2008.

SILVA, G. L. da; CARAMASCHI, S. **Sexualidade e corporeidade: imagem corpora em mulheres com depressão**. [s.l.]: Unesp. (s/a).

SILVA, G, dos R; CRUZ, N. R. da; COELHO, E. J. B. Perfil nutricional, consumo alimentar e prevalência de sintomas de anorexia e bulimia nervosa em adolescentes de uma escola da rede pública no município de Ipatinga, MG. **Nutrir Gerais, Revista Digital de Nutrição**, Ipatinga, MG. v. 2, n. 3, p. 1-15, ago/dez. 2008.

SILVA, G. A. da; LANGE, E. S. N. Imagem Corporal: a percepção do conceito em indivíduos obesos do sexo feminino. **Revista Psicologia Argumentativa**, Curitiba, PR. v. 28, n. 60, p. 43-54, jan/mar. 2010.

SIQUEIRA, H. M. de S; OLIVEIRA, L. M. M. de. CUNHA, L. C. A. **Anorexia Nervosa: A doença do século**. II SEMINÁRIO DE PESQUISAS E TCC DA FACULDADE UNIÃO DE GOYAZES. Trindade, GO. 2011.

STENZEL, L. M. A influência da imagem corporal no desenvolvimento e na manutenção dos transtornos alimentares. 2003, Porto Alegre. In: NUNES, M. A; APPOLINÁRIO, J. C; COUTINHO, W. **Transtornos alimentares e obesidade**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

TAKIUTI, A. D. et al **Saúde da adolescente**: manual de orientação. Febrasgo, 2001.

TAVARES, M. da C. G. C. F. et al Avaliação perceptiva da imagem corporal: História, Reconceituação e Perspectivas para o Brasil. **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá, PR. v. 15, n. 3, p. 509-518, jul/set. 2010.

TAVARES, M. da C. G. C. F. **Imagem Corporal: Conceito e Desenvolvimento**. 1 ed. Barueri : Manole, 2003.

TAVARES, T. B; NUNES, S. M; SANTOS, M. de O. Obesidade e qualidade de vida: revisão da literatura. **Revista Médica de Minas Gerais**, Belo Horizonte, MG. v. 20, n. 3, p. 358-366, 2010.

TEODORO, Wagner Luiz Garcia. **Depressão: corpo, mente e alma**. 3ª Ed. Uberlândia, [s.n.], 2010.

THURM, B. E. **Perfil da percepção corporal e a insatisfação corporal em mulheres com transtornos alimentares** - Uma proposta de intervenção corporal. Tese – (Doutorado em Educação Física) – Universidade São Judas Tadeu. São Paulo, 2012.

TRIBESS, S. **Percepção da imagem corporal e fatores relacionados à saúde em idosos**. Dissertação – (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2006.

TRICHES, R. M; GIUGLIANI, E. R, J. Insatisfação corporal em escolares de dois municípios da região Sul do Brasil. **Revista de Nutrição**, Campinas, SP. v. 20, n. 2, Abr. p. 119-128, 2007.

VALENÇA, C. N; GERMANO, R. M. Percepção da autoimagem e satisfação corporal em adolescentes: Perspectiva do cuidado integral na Enfermagem. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, Fortaleza, CE. v. 10, n. 4, p. 173-180, out/dez. 2009.

VIEIRA, B. S; ARROYO, C. T. **A Imagem Corporal e a Autoestima de mulheres que procuram atendimento estético e exercícios físicos em SPA**. São Paulo - SP, s/a. Disponível em:
<<http://www.unifaife.com.br/revistasonline/arquivos/revistaeducacaofisica/sumario/23/27102012114544.pdf>>. Acesso em: 14 de março de 2014.

VILELA, J. E. M. et al Transtornos alimentares em escolares. **Jornal de Pediatria**, [s.l.], v. 80, n. 1, p. 49-54, jan./fev. 2004.

A IMPORTÂNCIA DAS CARACTERÍSTICAS EMPREENDEDORAS EM CONTABILIDADE: Um estudo de caso com os acadêmicos do Curso de Ciências Contábeis da FACTU

Tiago Vieira Sousa

Graduando em Ciências Contábeis

Gabriel Moreira

Mestre em Administração, Especialista em Administração Financeira e Controladoria.

Graduado em Ciências Contábeis. Professor e Coordenador do Curso de Ciências

Contábeis. Coordenador da CPA/FACTU

Andréia Teixeira Costa

Contadora, Especialista em Administração Financeira e Controladoria, Graduada em

Ciências Contábeis. Professora dos Cursos de Ciências Contábeis e Administração.

RESUMO

Contadores precisam entender e desenvolver seu potencial empreendedor, para, na sequência, incentivar e estimular o desenvolvimento desse potencial nos empresários com quem atuam. O estudo foi norteado pela pergunta: Qual a importância das características empreendedoras na ótica dos acadêmicos do Curso de Ciências Contábeis da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Unai – FACTU? Identifica-se como objetivo geral verificar a importância das características empreendedoras na ótica dos acadêmicos do Curso de Ciências Contábeis da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Unai – FACTU. Já os específicos foram identificar o perfil empreendedor dos acadêmicos do curso de ciências contábeis da FACTU; levantar quais são as expectativas dos acadêmicos do curso de ciências contábeis quanto ao mercado de trabalho; e, verificar a importância das características empreendedoras como suporte à inserção do profissional no mercado de trabalho. A presente pesquisa se classifica como descritiva, de abordagem quantitativa, sendo utilizado um estudo caso com aplicação de um questionário estruturado. Quanto aos principais resultados alcançados, pode-se dizer que o problema da pesquisa foi resolvido, pois a maioria dos acadêmicos sabe o que é empreendedorismo, e apresentam características importantes desse perfil.

Palavras-chave: Contabilidade. Empreendedorismo. Mercado de trabalho.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo propõe investigar, por meio de um estudo de caso realizado com os acadêmicos do curso de Ciências Contábeis da FACTU, a importância das características empreendedoras em contabilidade.

A exigência de profissionais capazes de quebrar paradigmas e se tornarem pessoas que enfrentem novos desafios e aceitem riscos, no contexto atual, pode ser uma das principais preocupações na formação acadêmica.

A pesquisa partiu de um questionamento para nortear o trabalho: Qual a importância das características empreendedoras na ótica dos acadêmicos do Curso de Ciências Contábeis da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Unai – FACTU?

Para delimitar o caminho a ser seguido na pesquisa identifica-se como objetivo geral, verificar a importância das características empreendedoras na ótica dos acadêmicos do Curso de Ciências Contábeis da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Unai – FACTU.

Como objetivos específicos, identificar o perfil empreendedor dos acadêmicos do curso de ciências contábeis da FACTU; levantar quais são as expectativas dos acadêmicos do curso de ciências contábeis quanto ao mercado de trabalho; e, verificar a importância das características empreendedoras como suporte à inserção do profissional no mercado de trabalho.

Esta pesquisa se demonstra importante e relevante para a comunidade escolar e também para a sociedade como um todo, as quais têm se preocupado com a qualidade da educação que os estudantes estão recebendo e com as constantes mudanças no mercado econômico.

A metodologia utilizada é a bibliográfica, descritiva e quantitativa. Para alcançar os objetivos e resolver o problema.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O mercado altamente competitivo tem feito as organizações se preocuparem, tendo em vista isso, buscam um diferencial para que possam obter uma vantagem competitiva em relação a seus concorrentes. Com esse pressuposto, uma boa formação contábil no Brasil pode proporcionar ao profissional da área ser o propulsor de uma revolução empreendedora.

Para Ferreira (2009, p. 2), “a gestão contemporânea empreendedora é movida a resultados”. Diante desta ótica, a fim de discorrer sobre a importância das características empreendedoras em contabilidade propôs-se um estudo de caso elaborado e trabalhado com os acadêmicos do curso de Ciências Contábeis da FACTU.

2.1A CIÊNCIA CONTÁBIL

A contabilidade é uma ciência que estuda o patrimônio das entidades. Cabe a ela o registro e análise de toda movimentação ocorrida na empresa em um dado período. Para Iudícibus e Marion (2002, p. 53), a contabilidade tem o objetivo de “[...] fornecer informação estruturada de natureza econômica, financeira e, subsidiariamente, física, de produtividade e social, aos usuários internos e externos à entidade [...]”, sendo que tais informações são apuradas “[...] dentro de um esquema de planejamento contábil em que um sistema de informação é desenhado, colocado em funcionamento e periodicamente revisto, tendo em vista parâmetros próprios”. Para fazer cumprir seu objetivo, a contabilidade utiliza relatórios com a finalidade de expor “[...] os principais fatos registrados por aquele setor em um determinado período.

É oportuno dizer que a origem da contabilidade está associada à necessidade de registro das atividades comerciais e o controle patrimonial das pessoas, desde o início das civilizações. Seu surgimento, conforme os achados arqueológicos, deram-se a partir de várias fichas de barro e fragmentos de ossos de animais, utilizados pelo homem primitivo para controlar o seu patrimônio. (SCHIMIDT; SANTOS, 2006).

A contabilidade é muito antiga, existe desde o princípio da civilização humana. Sua evolução está ligada ao desenvolvimento da humanidade. O homem percebeu que era necessário controlar, administrar e resguardar seus bens, desse modo, poderia obter lucros, através dessa necessidade surgiu a contabilidade.

Iudícibus e Marion (2002), dizem que o homem da antiguidade queria descobrir a quantidade do seu rebanho, e o quanto este crescia de um inverno para o outro, queria medir seu patrimônio, verificar se estava crescendo ou decrescendo sua riqueza, neste momento surge à contabilidade.

Sá (1998) corrobora advertindo que, a contabilidade apareceu com a civilização e jamais deixará de existir em decorrência dela. Segundo Cotrim, Santos e Zotte Jr. (2012), à medida que o homem começava a aumentar seus bens, acrescentava-lhe a preocupação em saber quanto poderiam render e qual a forma mais simples de aumentá-los, pois quando já em maior volume estas informações não eram de fácil memorização, necessitando de registros.

Hendriksen e Breda (1999), descrevem que não se sabe ao certo quem inventou a contabilidade, no entanto os sistemas de escrituração por meio das partidas dobradas surgiram nos séculos XIII e XIV, por meio do Frei Luca Pacioli. Dessa forma, o que se sabe é que com o tempo a contabilidade desenvolveu-se e desenvolve conforme o homem precisa, tornando-se cada vez mais importante com o crescimento econômico.

2.1.1 A formação do profissional contábil no Brasil

A contabilidade no Brasil iniciou-se na época colonial. Até a década de 50, predominava, no Brasil, a doutrina italiana e posteriormente migrou-se para a doutrina norte-americana, ocorrendo assim, uma evolução dos conhecimentos contábeis, permanecendo o método americano até os dias atuais.

Segundo Schimidt e Santos (2006), a contabilidade no Brasil pode ser dividida em dois grandes momentos, o período que iniciou desde a descoberta do Brasil até o ano de 1964, e o período que começou em 1964, quando foi inserido um novo processo de ensino da contabilidade no país. No campo da formação profissional brasileira, conforme os autores citados (2006), um dos momentos mais importantes, foi a criação do Instituto Comercial do Rio de Janeiro em 1856 e que, em 1863, introduziu a disciplina de escrituração mercantil para melhor qualificar seus estudantes na prática dos registros contábeis.

A primeira regulamentação da profissão contábil no Brasil ocorreu em 1931, com o Decreto 20.158, que reformulou os cursos de contabilidade existentes até então, permitiu o provisionamento dos guarda livros práticos e estabeleceu que desta data em diante somente os diplomados pudessem exercer a profissão. Novo provisionamento concedido pelo Decreto nº 21.033 de 1932. (FRANCO; MARRA, 2007).

As novas legislações e os pronunciamentos contábeis do Comitê de Pronunciamentos Contábeis (CPC) e outras entidades como a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) e a Bolsa de Valores de São Paulo (BOVESPA), vêm ditando novas regras e normas aos profissionais visando à convergência contábil com a contabilidade internacional. (CHAVES, 2007).

O Ministério de Educação e Cultura (MEC), conforme o Parecer CNE/CES 146/2002, aponta as habilidades e competências que devem compor o perfil dos concluintes dos cursos de Ciências Contábeis, dentre elas destacam-se:

- utilizar a terminologia e a linguagem própria das Ciências Contábeis e Atuariais;
- elaborar pareceres e relatórios que contribuam para o desempenho eficiente e eficaz de seus usuários.
- aplicar adequadamente a legislação inerente às funções contábeis;
- desenvolver a liderança entre equipes multidisciplinares para a captação de insumos necessários aos controles técnicos, à geração e disseminação de informações contábeis, com reconhecido nível de precisão;
- desenvolver, analisar e implantar sistemas de informação contábil e de controle gerencial;
- exercer com ética e proficiência as atribuições e prerrogativas que lhe são prescritas através da legislação específica. (BRASIL, 2002).

Assim, o perfil desejado do profissional de Ciências Contábeis está discriminado no Parecer CNE/CES 146/2002 do MEC, item 3.2.4, Curso de Graduação em Ciências Contábeis, como segue:

Perfil Desejado do Formando: O curso de graduação em Ciências Contábeis deve contemplar um perfil profissional que revele a responsabilidade social de seus egressos e sua atuação técnica e instrumental, articulada com outros ramos do saber e, portanto, com outros profissionais, evidenciando o domínio de habilidades e competências inter e multidisciplinares (BRASIL, 2002).

Com relação à formação do profissional contábil, para formar o novo perfil profissional desejado pelo mercado, é fundamental considerar atitudes e habilidades como:

Iniciativa, liderança, criatividade, autodesenvolvimento, multifuncionalidade, agilidade, flexibilidade, gerenciar o risco, educador, lógica de raciocínio, prontidão para resolver problemas, habilidade para lidar com pessoas, trabalho em equipe, conhecimento de línguas, informática e resistência emocional. (FRANCO, 1999, p.33).

Segundo Niyama (2010, p. 1) os principais passos para a revolução da contabilidade no Brasil, foram:

- a) obrigatoriedade de as companhias abertas terem suas demonstrações contábeis auditadas por autores independentes;
- b) publicação da Circular nº 179/72 pelo Banco Central do Brasil, padronizando a estrutura e forma de apresentação das demonstrações contábeis das companhias abertas; e
- c) influência da escola norte-americana de contabilidade com o início do estudo sobre princípios contábeis e a promulgação da Lei nº 6.404/76 sob esta influência.

No Brasil os princípios contábeis foram divulgados primeiro pelo Conselho Federal de Contabilidade em 1981, tendo o nome de Princípios Fundamentais de Contabilidade. Na época nem o Conselho Federal de Contabilidade (CFC) e nem o Banco Central estabeleceram quais seriam os princípios contábeis, com isso prevaleceram os princípios aceitos nos Estados Unidos. Somente em 1993 o CFC estabeleceu os princípios fundamentais de contabilidade, e logo após criou um grupo de trabalho para desenvolver normas brasileiras de contabilidade, buscando apoio nas normas internacionais de contabilidade. Assim a contabilidade no Brasil foi se evoluindo e ainda continua em constante evolução atualmente.

2.1.2 O curso de ciências contábeis da FACTU

Em face das características voltadas para a área de negócios, do avanço científico e tecnológico nos meios de produção e de informação, do acentuado número de estudantes do sexo feminino ingressando no curso, da adequação das práticas contábeis às normas internacionais e demais preocupações com os reflexos globais sobre a profissão de contador, vêm ocorrendo mudanças nas perspectivas desse público,

destacando-os dentre os demais estudantes do curso superior brasileiro. (ESCERDO; QUINTANA, 2007).

Algumas circunstâncias caracterizam o contexto geral do estudante de contabilidade, as quais se alternam entre a falta de clareza quanto à definição profissional e as dificuldades enfrentadas durante o curso superior.

As dificuldades decorrentes da formação básica e o envolvimento com outras atividades trazem dificuldades para o estudante do curso superior. Peleias et al. (2008, p. 82) mencionam, em sua investigação com alunos do 1º ano de Ciências Contábeis, que estes frequentemente têm “dificuldades financeiras, cansaço, dificuldades com as disciplinas contábeis, entre outras”, além de sublinhar que “o estudo noturno é a opção possível para muitos brasileiros”, situando-se entre eles os estudantes de contabilidade.

Nessa esteira, o Curso de Ciências Contábeis da FACTU- Faculdade de Ciências e Tecnologia de Unai, através de seu projeto pedagógico propõe o sistema de avaliação cumulativa, individualizada e que contribua, de forma efetiva, na busca da autonomia intelectual.

Nesse sentido, a administração acadêmica do curso fica a cargo do coordenador, cujas atribuições estão previstas no regimento interno da Instituição. Suas decisões são submetidas à Direção Geral e em 2ª instância ao Conselho Superior de Ensino.

Todo esse conhecimento é adquirido por meio dos conteúdos que estão assim distribuídos dentro da Ementa do Curso de Ciências Contábeis da FACTU, elaborada pela Associação de Ensino e Pesquisa de Unai – AEPU (2015), autorizada pela Portaria MEC nº 1.050/97:

- Conteúdos de Formação Básica: estudos relacionados com outras áreas do conhecimento, sobretudo Administração, Economia, Direito, Métodos Quantitativos, Matemática e Estatística;
- Conteúdos de Formação Profissional: estudos específicos atinentes às Teorias da Contabilidade, incluindo domínio das atividades atuariais e de quantificações de informações financeiras, patrimoniais, governamentais e não-governamentais, de auditorias, perícias, arbitragens e controladoria, com suas aplicações peculiares ao setor público e privado;
- Conteúdo de Formação Teórico-Prático: Estágio Curricular Supervisionado, Atividades Complementares, Estudos Independentes, Conteúdos Optativos, Prática em Laboratório de Informática utilizando softwares atualizados para Contabilidade. (FACTU, 2015).

Segundo o mencionado projeto pedagógico do curso de Ciências Contábeis da FACTU (2015), com esta proposta busca-se preparar um profissional com conhecimentos para atuar na área contábil:

- Auditoria interna e externa;
- Perícia Contábil, Arbitragem;
- Consultoria Contábil-administrativa,
- Contábil-Tributária; Magistério superior;
- Atividades de pesquisas científicas;
- Contabilidade empresarial;
- Contabilidade Governamental;
- Controladoria;
- Contabilidade de Entidades não Governamentais. (FACTU, 2015).

Desse modo, a necessidade de conquistar novos desafios leva os indivíduos a superarem as limitações, provocando transformações no indivíduo e no meio em que vive.

2.2 CONCEITO DE EMPREENDEDORISMO

O empreendedorismo, conforme o pensamento de Mendes (2009), requer atuar dentro das organizações desenvolvendo um papel otimista e inovador, capacitando os seus colaboradores com o objetivo de enfrentar obstáculos internos e externos, com o olhar além das dificuldades, tendo como foco obter um melhor resultado.

Além dessas características, o empreendedor tem um perfil de liderança dentro das empresas, como é o grande responsável em colocar em prática as inovações, métodos e procedimentos que propôs, deverá estimular os envolvidos na realização das atividades, de forma a alcançar as metas traçadas ou almejadas pelos seus administradores. (MENDES, 2009).

O empreendedor inovador é aquele que cria novos horizontes, ou seja, ele cria algo novo e único, como por exemplo, o caso do empresário Bill Gates, criador da Microsoft, revolucionou o mundo com o sistema operacional Windows. (DORNELAS, 2001).

Segundo Dornelas (2001, p. 39), o “processo empreendedor inicia-se quando um evento gerador desses fatores possibilita o início de um novo negócio”, ou seja, a decisão de tornar-se empreendedor pode ocorrer aparentemente por acaso, ou através de fatores que venham influenciar de modo injustificável e inesperado.

Assim, de acordo com o autor citado (2001), o sucesso empreendedor resulta da percepção, direção, dedicação e principalmente muito trabalho dessas pessoas empreendedoras, que fazem acontecer, e possibilitam um resultado positivo e satisfatório nas tomadas de decisões das empresas.

No Brasil o empreendedorismo vem cada vez mais ganhando força, e é possível ver claramente que há ligação entre o empreendedorismo e o crescimento econômico, e seus resultados positivos se manifestam na forma de inovação. Pode-se dizer que, o Brasil está entre os países mais empreendedores da atualidade, mais há muito o que se mudar.

De acordo com Dornelas (2001, p. 19), os:

Empreendedores são pessoas diferenciadas, que possuem motivação singular, apaixonadas pelo que fazem, não se contentam em ser mais um na multidão, querem ser reconhecidas e admiradas, referenciadas e imitadas, querem deixar um legado, uma vez que os empreendedores estão revolucionando o mundo, seu comportamento e o próprio processo empreendedor devem ser estudados e entendidos.

Dessa forma, o momento atual pode ser considerado como a era do empreendedorismo, pois, os empreendedores têm eliminado dificuldades comerciais e culturais, minimizando distâncias, globalizando e inovando os conceitos econômicos, estabelecendo novas relações de trabalho e novas oportunidades de empregos, quebrando paradigmas e como consequência, gerando uma riqueza satisfatória para a sociedade. (DORNELAS, 2001).

2.3 O EMPREENDEDORISMO E A CONTABILIDADE

Na abertura de uma empresa, o empreendedor precisa de dinheiro e tempo, é necessário também saber planejar as despesas, dentre as varias orientações burocráticas. Nesse sentido, a função do contador é muito importante desde o momento de sua constituição e durante toda sua existência, para garantir o princípio da continuidade. De acordo com os Princípios Fundamentais e Normas Brasileiras de Contabilidade (2008, 3º ed. p. 12, art. 5º) “A CONTINUIDADE ou não da ENTIDADE, bem como sua vida definida ou provável, devem ser consideradas quando da classificação e avaliação das mutações patrimoniais, quantitativas e qualitativas”.

O mercado de trabalho para o profissional de contabilidade é muito amplo (MARION, 2005). Para o autor, após a conclusão do curso e o respectivo cadastramento no órgão de classe competente, os graduados nos cursos de ciências contábeis podem se dedicar à carreira privada ou pública.

Na visão de Iudícibus e Marion (2002, p. 49) o “ramo da contabilidade será a profissão do futuro, pois tal profissional é o médico das empresas”. Todos os empreendimentos e até as microempresas necessitam de um eficaz controle de custos, pois o novo milênio abre as portas para diversas especializações no que se refere à contabilidade financeira e sua junção com outras áreas, como por exemplo, a contabilidade rural, contabilidade hospitalar, contabilidade imobiliária, contabilidade e informática, contabilidade e direito tributário, entre outras áreas.

A contabilidade possui as ferramentas para oferecer as orientações necessárias e confiáveis na abertura de uma nova empresa, porém o contador deve estar sempre preparado para aconselhar seus clientes, e ter uma relação de confiança com eles, para que de forma estratégica o empreendedor venha a sobreviver no mercado.

O contador que tiver uma visão diferenciada e empreendedora, estará mais capacitado para as mutações que o mercado de trabalho vem sofrendo, pois ele terá mais compreensão dos processos e caminhos que cercam o empreendimento desde o momento de sua concepção. (MENDES, 2009). O contador empreendedor está sempre no centro da liderança do processo, ele precisa se comunicar corretamente com as outras áreas da empresa. No entanto, ele não pode se limitar em apenas conhecimentos restritos aos temas contábeis e fiscais, o contador deve ter uma formação cultural acima da média, inteirando-se do que acontece ao seu entorno.

Portanto, Mendes (2009) diz que, “empreendedorismo é uma disciplina fundamental no currículo contábil, tornando os contadores aptos a cumprir o papel que lhes cabe ao término da universidade, ou seja, o papel de zelar pelo patrimônio da entidade, contribuindo para que a mesma tenha resultados positivos e conseqüentemente sendo um diferencial na geração de renda e riquezas, possibilitando desta maneira, o desenvolvimento econômico e sucesso da profissão que escolheu.

3 METODOLOGIA

A metodologia, conforme Richardson (1999, p.22) “deriva do grego *methodos* (caminho para se chegar a um objetivo) mais *logos* (conhecimento). Assim, a metodologia são os procedimentos e regras utilizados por determinado método”, necessário para alcançar o objetivo desejado da pesquisa, informações que serão observadas e analisadas pelo pesquisador devendo seguir procedimentos rigorosos do método científico, e segundo Macêdo (2005, p. 71), “a metodologia compreende o processo de coleta e análise dos dados da pesquisa”.

A pesquisa científica na área contábil pode ser classificada sob os seguintes preceitos: quanto aos objetivos, quanto à abordagem e quanto aos procedimentos. A metodologia utilizada é a descritiva e quantitativa.

O presente estudo é classificado em seu objetivo como uma pesquisa descritiva, pois, visa observar, registrar e analisar vários dados estatísticos extraídos de um questionário.

Quanto aos procedimentos foi utilizado um levantamento através de um questionário aplicado aos acadêmicos do Curso de Ciências Contábeis da FACTU. Marconi e Lakatos (2012) explanam que “o questionário é um instrumento de coleta dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”.

Quanto à abordagem, a pesquisa é considerada do tipo quantitativa, poisse buscou analisar e interpretar os dados em forma de números, utilizando-se de gráficos e quadros, para alcançar os objetivos e responder o problema de pesquisa proposto.

A unidade de observação foi a Faculdade de Ciências e Tecnologia de Unaí – FACTU e a unidade de análise foram os acadêmicos do Curso de Ciências Contábeis.

Utilizou-se da aplicação de um questionário com 10 (dez) questões fechadas a uma amostra proposital de 37 (trinta e sete) alunos de um total de 101 alunos matriculados no curso, sendo 3º (terceiro), 5º (quinto) e 7º (sétimo) os períodos que foram aplicados os questionários aos alunos do Curso de Ciências Contábeis da FACTU.

Deste modo, segundo Gil (2008) o questionário é um instrumento de coleta de informação, utilizado numa sondagem ou inquérito.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Seguindo as formas de abordagem buscou saber por meio deste estudo como é trabalhada e desenvolvida a importância das características empreendedoras em contabilidade, realizando um estudo de caso com os acadêmicos do Curso de Ciências Contábeis da FACTU.

A seguir estão apresentados os resultados obtidos através da pesquisa feita com os alunos do curso de Ciências Contábeis. A princípio, será apresentado um perfil dos acadêmicos pesquisados, para, após, demonstrar as respostas referentes à percepção dos acadêmicos quanto a importância do conhecimento de empreendedorismo na contabilidade como um instrumento de gestão das empresas e as perspectivas profissionais após conclusão do curso.

A primeira questão buscou-se identificar a quantidade de pessoas em relação ao gênero e a faixa etária da idade dos acadêmicos.

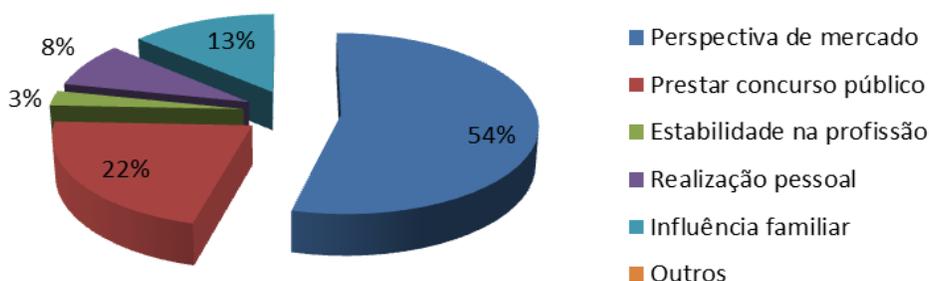
Como pode-se observar nos percentuais de gênero, existe a predominância do gênero feminino no curso, sendo que, 59% são do sexo feminino e 41% são do sexo masculino. Portanto, há um número significativamente maior de mulheres do que homens no curso de ciências contábeis, provavelmente devido a busca pelas mulheres de inserção no mercado de trabalho.

Quanto à faixa etária dos acadêmicos pesquisados, observa-se que, a maior parte dos acadêmicos entrevistados estão na faixa etária entre 18 e 27 anos, sendo 76% com idade entre 18 e 27 anos, e 24% com idades entre 28 e 37 anos.

A segunda questão foi sobre o que motivou os discentes a optarem pelo curso de ciências contábeis. Como se pode observar no Gráfico 1, a maior parte dos alunos (54%) optou pelo curso por acreditar na perspectiva de mercado, possivelmente confiando nas oportunidades que o curso virá a oferecer em termos de carreira, já que,

cada dia mais as organizações estão percebendo que o profissional de Contabilidade está cada vez mais conquistando seu espaço.

Gráfico 1: Fatores que influenciaram na escolha do curso



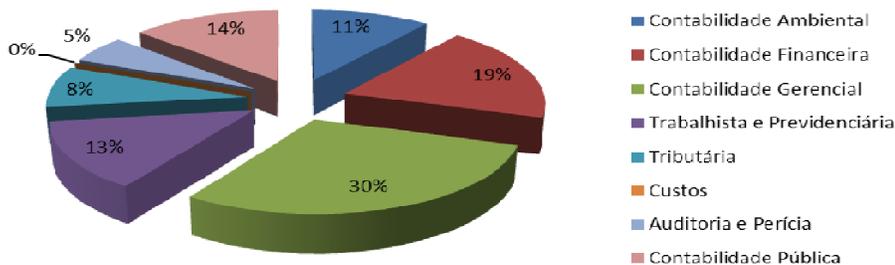
Fonte: Autor da pesquisa, 2015.

Outra parte dos alunos (22%), optaram pelo curso com o objetivo de graduar-se para prestar concurso público, certamente visando estabilidade no emprego. Em terceiro lugar (13%) está a influência familiar. Por fim, em quarto e quinto lugar está o fator referente à busca pela realização pessoal (8%) e estabilidade na profissão (3%).

Na terceira questão, quando questionados se os mesmos pretendem se especializar em alguma área, 81% responderam que sim e 19% disseram talvez. Isso demonstra o interesse dos alunos em se especializar após graduar-se. Na questão 4, para os alunos que responderam positivamente a questão anterior, foi perguntado em qual área pretendem se especializar, sendo que, 35% optaram pela área pública, confirmando dados da segunda questão, onde 22% disseram que buscam se graduar para prestar concurso público. Em segundo lugar está a área de auditoria com 27%, seguido da área tributária (13%), ambiental (8%), controladoria (8%), ensino (3%), perícia (3%) e outros (3%) que não foram citados.

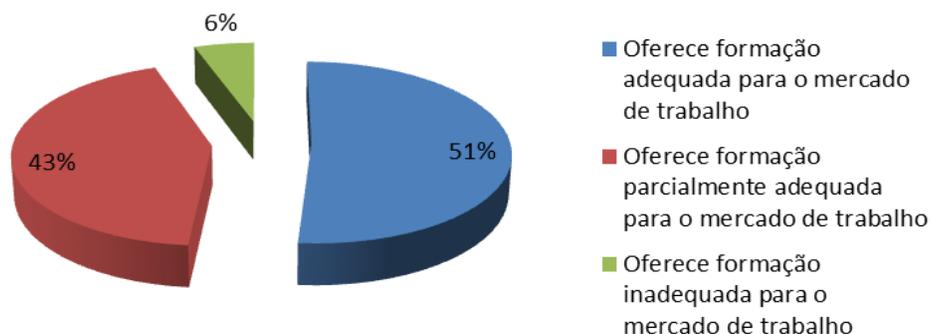
Na questão 5 buscou saber a opinião dos entrevistados sobre qual seria entre as disciplinas específicas do curso de Ciências Contábeis da FACTU a que tem maior importância na formação do contador. Como mostra o Gráfico 2, em primeiro lugar está a contabilidade gerencial, em segundo e terceiro lugar está a contabilidade financeira, trabalhista e previdenciária. Observa-se nesta questão que, para a maior parte dos alunos, a contabilidade gerencial é a disciplina de maior importância do curso, no entanto, essa não é a área em que a maior parte deles pretendem-se especializar. Conforme detectado na questão 4, os alunos se identificam mais com a contabilidade pública, optando por essa área, quando questionados em que área pretendiam se especializar.

Gráfico 2: Disciplinas específicas de maior importância do curso



Fonte: Autor da pesquisa, 2015.

Gráfico 3: Opinião sobre o curso em relação a formação que está obtendo na FACTU e as necessidades do mercado de trabalho



Fonte: Autor da pesquisa, 2015.

Na sexta questão foi perguntado sobre o curso, em relação às necessidades do mercado de trabalho e a formação que o aluno estava obtendo na FACTU. O Gráfico 3 mostra que 51% dos pesquisados responderam que, a mesma oferece formação adequada para o mercado de trabalho, enquanto que 43% responderam que a Instituição oferece formação parcialmente adequada para o mercado de trabalho e apenas 6% acreditam que a Instituição não oferece formação adequada.

Os acadêmicos foram questionados na sétima questão sobre o que é empreendedorismo, sendo constatado que, 81% dos entrevistados sabem o que é, e 19% não sabem o que é empreendedorismo.

Neste sentido, Dolabela (1999, p.68) ressalta:

O empreendedor é alguém que define por si mesmo o que vai fazer e em que contexto será feito. Ao definir o que vai fazer ele leva em conta os seus sonhos, desejos preferências, o estilo de vida que quer ter. Dessa forma consegue dedicar-se intensamente, já que o seu trabalho se confunde com o prazer.

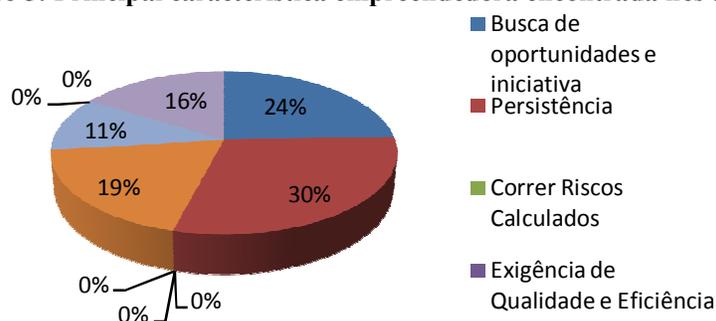
Portanto, saber o conceito de empreendedorismo é um requisito importante tanto para as empresas quanto para quem cuida do patrimônio delas, ou seja, os contadores.

Na oitava questão buscou-se descobrir se o acadêmico está percebendo alguma influência empreendedora durante o Curso de Ciências Contábeis como forma de suporte para inserção profissional no mercado de trabalho. Dentre os que afirmaram saber o que é empreendedorismo (81%) na questão anterior, mais da metade representado por 77% disseram estar sofrendo influência empreendedora durante o curso e 23% disseram que não estão sentindo essa influência. O restante dos entrevistados que afirmaram não saber o que é empreendedorismo (19%) disseram que talvez sofressem influência empreendedora durante o curso como forma de suporte para a inserção profissional no mercado de trabalho. Essa opção por “talvez” pode ter surgido devido ao fato de não saberem o real significado do empreendedorismo.

Os acadêmicos foram questionados na questão nove sobre: Ao término do seu curso de Ciências Contábeis da FACTU, você se sente preparado para o mercado de trabalho profissional contábil? Foi observado que, 54%, dos entrevistados afirmaram que sim, e 46% dos entrevistados demonstraram certa insegurança em estar ou não preparado para o mercado de trabalho, pois, 27% disseram que talvez se sentia preparado e 19% disseram não se sentir preparado.

Na questão 10 foram propostas 10 características empreendedoras de acordo com o SEBRAE, a fim de identificar a principal característica empreendedora que o aluno se auto-observava.

Gráfico 5: Principal característica empreendedora encontrada nos alunos



Fonte: Autor da pesquisa, 2015.

Observa-se no Gráfico 5, que a principal característica empreendedora encontrada nos alunos foi a persistência, com 30%, seguida da busca de oportunidades e iniciativa com 24%, 19% a busca por informações, 16% o comprometimento e 11% o estabelecimento de metas.

Pode-se observar que, o conhecimento das características empreendedoras pelos acadêmicos auxiliam na inserção do mesmo no mercado de trabalho, direcionando na determinação da área de atuação enquanto contador.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O empreendedor não é apenas aquela pessoa que abre seu negócio, vai além, ele transforma o ambiente, todo o seu entorno.

Este estudo foi realizado com o propósito de verificar a importância das características empreendedoras na ótica dos acadêmicos do Curso de Ciências Contábeis da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Unaí – FACTU, sendo que este foi pautado em três pontos.

O primeiro objetivo específico foi identificar o perfil empreendedor dos acadêmicos do curso de ciências contábeis da FACTU. De acordo com questionário aplicado considera-se que os acadêmicos estão em busca de novas oportunidades, sempre com persistência e comprometimento, estabelecendo metas e buscando novas informações.

O segundo objetivo específico buscou saber quais eram as expectativas dos acadêmicos do curso de ciências contábeis quanto ao mercado de trabalho, sendo que, 54% disseram se sentir preparados, outros 46% se mostraram inseguros para o mercado de trabalho. Confirmando a resposta ao objetivo, 51% acreditam que a Faculdade oferece formação adequada para o mercado de trabalho e 49% confirmam que a Instituição oferece formação parcialmente adequada para o mercado de trabalho.

O terceiro objetivo específico foi verificar a influência da importância empreendedora como suporte à inserção do profissional no mercado de trabalho. De acordo com o questionário verificou-se que 81% sabem o que é empreendedorismo, e dessa parte 77% afirmam estar sentindo influência empreendedora durante o curso, auxiliando positivamente na formação do acadêmico.

Assim, pode-se dizer que o problema da pesquisa foi resolvido, pois a maioria dos acadêmicos sabem o que é empreendedorismo, e apresentam características importantes desse perfil, características intrínsecas dos empreendedores.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/index.html>>. Acesso em: 13 mar. 2015.

_____. **Parecer CNE/CES 146/2002 – Homologado**. Despacho do Ministro em 09/5/2002, publicado no Diário Oficial da União nº 90, de 13/5/2002, Seção 1. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2002.

CHAVES, A. **O ciclo de formação geral e a reforma do ensino superior**. 2007. Disponível em: <<http://www.educacao.gov.br/reforma/Documentos/ARTIGOS/2005.3.7.17.4.56.pdf>>. Acessado em 21 mar. 2015.

COTRIM, Carlos; SANTOS, José Luis, ZOTTE, Junior. **A escolha da profissão: uma abordagem psicossocial**. São Paulo: Unimarco Editora, 1999.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo: transformando idéias em negócios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.

ESCERDO, P. D.; QUINTANA, A. C. Perfil do acadêmico que ingressa no curso de ciências contábeis na FURG. **Revista do CRCRS**. n. 4, out. 2007. Disponível em: <http://www.crcrs.org.br/revistaeletronica/artigos/04_escerdo_quintana.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2015.

FACTU. **Projeto político pedagógico do Curso de Ciências Contábeis da FACTU**. Unai: FACTU, 2015.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 12. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

FRANCO, H. **A Contabilidade na era da globalização**. São Paulo. Atlas. 1999.

FRANCO, H.; MARRA, E. **Auditoria contábil**. São Paulo: Atlas, 2007.

GIL, A. C. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4. ed., 11. Reimpr. São Paulo: Atlas, 2008.

HENDRIKSEN, Eldon S.; BREDA, Michael F. Van. **Teoria da contabilidade**. Tradução de Antonio Zoratto Sanvicente. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

IUDÍCIBUS, S. de; MARION, J. C. **Introdução à teoria da contabilidade para o nível de graduação**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LAKATOS, M. E.; MARCONI, A. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 9. ed. São Paulo: Altas, 2012.

MACÊDO, Manoel Moacir Costa. **Metodologia científica aplicada**. Brasília, DF: Scala Gráfica e Editora, 2005.

MARION, José Carlos. **Contabilidade empresarial**. São Paulo: Atlas, 2005.

MENDES, Jerônimo. **Manual do empreendedor**: como construir um empreendimento de sucesso. São Paulo: Atlas, 2009.

NYIAMA, J. K. **Contabilidade internacional**. 1. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

PELEIAS R. et al. **Pesquisa sobre a percepção dos alunos 1º. ano de ciências contábeis na cidade de São Paulo em relação às dificuldades por eles percebidas no período noturno**. Revista Universo Contábil, ISSN 1809-3337, Blumenau, SC, v. 4, n. 1, p. 81-94, jan./mar. 2008

RICHARDSON, R. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

SÁ, A. L. de. **História geral e das doutrinas da contabilidade**. São Paulo: Atlas, 1998

SCHIMIDT, Paulo; SANTOS, José Luiz dos. **História do pensamento contábil**. São Paulo: Atlas, 2006.

A UNIVERSALIDADE DO PENSAMENTO ÉTICO NA CULTURA PÓS-CONTEMPORÂNEA, PAUTADO NO BEM TRANSCENDENTAL

Fábio de Freitas Aguiar

Fábio de Freitas Aguiar, Bacharel em Sistemas de Informação pelo Instituto de Ensino Superior Cenequista Faculdades INESC em Unai-MG,; Bacharel em Filosofia no Seminário Maria Mater Ecclesiae do Brasil na cidade de Itapecerica da Serra-SP.

Dener Geraldo Batista Neves

Dener Neves, Mestre em Educação pela Universidade Católica de Brasília, Professor de Filosofia de da FACTU e coordenador do Núcleo de Pesquisa, Extensão e Pós graduação da FACTU, e editor das Revistas FACTU CIÊNCIA E FACTU JURÍDICA.

Maria Cecília Isatto Parise

Maria Cecília Isatto Parise, Mestre em filosofia pela Universidade de Paris I - Sorbonne, em 1990, sob orientação do Prof. Dr. Bernard Bourgeois (Dissertação: La figure de la Belle Âme dans la *Phénoménologie de L'Esprit*) e Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP, em 2014, sob orientação do Prof. Dr. Juvenal Savian (Dissertação: As colorações da alma na análise da pessoa humana segundo Edith Stein).

RESUMO

Qualquer homem possui um *ethos* dentro de sua sociedade, agora cabe somente a ele providar e manifestar este resultado, também dentro da mesma consiste a comunidade ao qual o ser é incluído, e com isso, a fundamentação de toda fenomenologia pautada no Bem Transcendental visando uma ética que está na Cultura Pós-Contemporânea, em que abriga fenômenos aos quais do saber ético na cultura antiga, se transformou na ética aristotélica, em que se fez e faz a cada instante a relação do homem em seu agir, dentro de uma moralidade e obrigatoriedade que não está vinculada em apenas numa *doxa*, mais sim, na *veritas* congênita que se aplica nas visões de cada ser, em um âmbito globalizado e, contudo, inserido a visão socrática no patamar do grande filósofo Pe. Henrique C. de Lima Vaz, no qual, dirige toda a fundamentação ética com preceitos socráticos e hegelianos, pois, as duas visões entrelaçam, visando o Bem Maior para o Homem, agora depende apenas dele para administrar a verdadeira Ética que está nos âmbitos dos Transcendentais e vinculado com esta fenomenologia do Espírito em que futuramente Hegel demonstrará com a sabedoria do Bem Transcendental pela visão do Pe. Vaz. Cabe ressaltar que este artigo, amplia a visão dos homens para que eles busquem na fenomenologia este Bem Transcendental que está em um *ethos* no qual a sociedade aplica à ética, mais o ser precisa visar esta ética sem deixar a tradição de lado. **Palavras-chave:** Ethos. Fenomenologia. Ética. Bem Transcendental.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo será desenvolvido o método Vazeniiano sobre a universalidade do pensamento ético na cultura pós-contemporânea pautado no Bem Transcendental, com isso, é de praxe realizar critérios e ter a complementariedade da observância do *ethos* na sociedade, em qual, o Henrique de Lima Vaz descreve neste documento.

Todas as etapas a serem desenvolvidos objetiva valores (*axiologia*) epistemológicos, com parâmetros e enfoques que o homem atual necessita ter, pois cada

indivíduo engloba a sua própria opinião, mais, no entanto, as vezes essa *doxa* pode ser medida não de acordo com a verdade plena que a Filosofia tenta analisar, mais sim, somente com os alqueires da própria razão, ou melhor dizendo ideologias que não são baseadas na *veritas*.

Portanto, a fenomenologia do *ethos* demonstrará que cada ser tem o seu *ethos* e ainda, o homem está vinculado dentro de uma comunidade que possui uma base solidificada, podendo esse alicerce ser alterado, mais não por completo e, sim deixando raízes profundas de uma tradição que se baseia nas premissas eternas.

Agora, do saber ético a ética, será instaurado valores, no qual Padre Lima Vaz aplica toda uma antropologia, metafísica junto com a ética socrática, porque de fato, a fenomenologia é visada em acordos que se propagam mediante as opiniões, sendo que atualmente, a sociedade acha tudo verdade, e não possui nenhum erro ou discordância nos valores, tudo é verdade.

Entretanto, a estrutura conceptual da ética demonstrará o limiar da questão e como pode ser aplicado de acordo com, a obrigatoriedade moral, liberdade e livre arbítrio, quais as suas conseqüências, escolhas e se porventura, essas escolhas são vinculados para o bem ou para o mal, pois, cada um interpreta de acordo o que tu queres, e não de acordo com o Bom, o Belo, o Uno e a Verdade, no qual, os Transcendentais vinculado ao Bem, ou simplesmente o Motor Imóvel de Aristóteles, ou então o Deus de Tomás de Aquino gera a verdade subsequente e uma *veritas* com o para si (*fursich*).

O homem para Lima Vaz é uma vertente, que se preenche por ser uma pessoa ao qual, possui liberdade e a obrigatoriedade moral que se vincula em sua interioridade, isso faz o homem ser pessoa, devido a essa interioridade que Deus ou o Sumo Bem de Platão colocou no próprio ser para manifestar a totalidade da *axiologia* em que essa estrutura dentro da sociedade, pautada no Bem Maior que abrange valores, nos quais, somente a pessoa em si (*ansichsein*) se manifesta. Portanto nesse artigo a incorporiedade está muito bem ampliada nas adjacentes que somente a do homem que é um ser sociável, pode incorporar e buscar toda abertura ao Bem Transcendental.

Todavia, este artigo que tem o enfoque no Bem Transcendental, a verdadeira ética na pós-contemporaneidade se vincula dentro de um (*nômos*) que rege toda a globalização em que o homem está inserido, portanto, o que virá logo a seguir serão contextualizações, no qual, o Pe. Lima Vaz aborda em uma temática, o símbolo que adentrará para o âmbito da sociedade atual e que hoje em dia não querem abordar a tradição socrática e manifestar o verdadeiro *ethos* pautado no Motor Imóvel de Aristóteles, que filosoficamente transmitirá a cada um a Verdade Plena.

Isso será uma abordagem da fenomenologia do *ethos* passando pelo saber ético a ética, visando uma estrutura conceptual da ética e finalizando com a moral como início para um pensamento ético universal. Isto trará para a sociedade uma verdadeira amplitude dentro das visões éticas abrindo um leque para formar verdadeiros indivíduos com uma *doxa* no Bem Transcendental.

2. RELAÇÕES DA ÉTICA NA VISÃO SOCRÁTICA E PÓS-CONTEMPORÂNEA

O desenvolvimento da Ética a partir do período Arcaico para o Antigo foi-se ampliando de acordo com as necessidades pela visão do filósofo Sócrates. Este mostrou o verdadeiro ápice ético em seus pensamentos a partir das grandes verdades propagadas de acordo com cada sociedade e cultura, pois em cada movimento são aplicadas e

constitucionalizadas através das normas, leis (*nômos*) adquirindo muitas epistemologias conforme a natureza do próprio ser.

Com isso, a pergunta de Sócrates: Como devo viver? Inicia toda a trajetória através de uma abordagem fundada em princípios eternos, voltados para o Sumo Bem, no qual todo homem tende a buscar este Bem, como por exemplo: Busque o bem e evite o mal.

No entanto, é necessário dar uma visão antropológica e metafísica, juntamente com a ética, pois, sem esses dois tipos de conhecimentos, a verdadeira ética aristotélica ficará sempre com vertentes não confiáveis e sem *veritas*, e sim, conforme as opiniões próprias de cada ser com suas inerências que não visam à verdade por completo, como a metafísica e à antropologia buscam.

Portanto, a busca do bem para si, na ética aristotélica, leva o homem a conhecer-se com ampla profundidade, pelo fato de que a sua interioridade o demonstra de forma plena, por ser corpo e alma, e também, conforme a metafísica, o sujeito está sempre propício a alavancar uma consciência moral e obrigatoriedade, mas não como sendo impostos a vivenciá-las pautada como uma verdadeira obrigação, mais sim, esse compromisso o leva a ver que, se o mesmo pratica tais atitudes, é devido o fato que o homem é livre em suas decisões mais é livre para simplesmente amar o próximo. Contudo, “o homem está condenado a liberdade”¹.

Mas como se pode falar que o homem está condenado a liberdade, sendo que ele tem opiniões próprias e escolhas que podem ser tomadas mediante as suas opiniões?

2.1 A FENOMENOLOGIA DO ETHOS

A abordagem da fenomenologia do ethos perante todos esses conceitos analisados acima, adentra no âmbito social e individual, colocando a Filosofia como o início, ou melhor, a Ciência das ciências, mas, todavia, essa gerou a ciência do ethos, no qual a civilização defronta com um tipo de ethos, pelo fato coexistente de agir, porque cada um recebe um ethos, de acordo com a sua realidade vivida e condicionada àquela sociedade.

No entanto, a ética será essa ciência do ethos, porém pensada desde Sócrates, que norteou a fenomenologia simplesmente com uma pergunta inicial: “Como devo viver?”², através desse aspecto existe dois princípios que reflete o ethos “o termo é uma transliteração dos dois vocábulos gregos *ethos* (como eta inicial) e *ethos* (como épsilon inicial).”³ O primeiro gera um duplo sentido, é um conjunto de costumes normativas sociais, o segundo causa a constância do indivíduo e sua atitude.

Nesse ponto, o indivíduo terá os seus hábitos, nos quais são manifestados através dos costumes condicionados na realidade da sociedade ou da cultura adquirida, perante a performance das autoridades.

Existem dois fatores distintos que distinguem o ethos: costumes e hábitos (C. H) mas, para haver esses C. H são necessários que cada indivíduo seja interiorizado com a questão da virtude (*areté*), mais a práxis do homem, que é o agir humano dentro do convívio social.

Portanto, na sociedade pós-contemporânea, a questão da virtude mais o agir humano dos homens demonstra uma “desrealização, a perda progressiva do real que

¹SARTRE, J. Paul. **O Ser e o Nada**. Editora Vozes. Tradução de 2008.

²VAZ, H. Cardoso de Lima. **Escritos Filosóficos IV – Introdução à Ética Filosófica 1**. 6.ed Edição. Editora LOYOLA. São Paulo, Brasil, 1999. P 96.

³Idem. **Escritos Filosóficos II Ética e Cultura**. 4.ed edição. Editora LOYOLA. São Paulo, Brasil 2004. p.12

atinge os grandes paradigmas éticos transmitidos pela tradição”⁴ porque a existência do niilismo está refletindo grandes deturpações na própria mente do ser humano, pelo fato que as pessoas esqueceram de exercer a epistemologia a busca pela verdade e não viver de acordo com seus próprios critérios.

Devido essa situação, há dois pontos vigentes atualmente: “a instrumentalização da forma” e a “renúncia à tradição”.⁵ A instrumentalização da forma é o fato de o relativismo adentrar na sociedade com ideologias que são próprias do ser humano e principalmente em busca de seus interesses pessoais. Já a renúncia à tradição, que se inicia com o filósofo Descartes, em suas *Meditações Metafísicas*, onde aplica o conceito:

Agora, pois, que meu espírito está livre de todos os cuidados, e que consegui um repouso assegurado numa pacífica solidão, aplicar-me-ei seriamente e com liberdade em destruir em geral todas as minhas opiniões⁶.

Porém, essas opiniões que estavam asseguradas pelo mesmo, conforme a tradição filosófica referente ao pensamento socrático-aristotélica, define todos os pensamentos do século XVIII até na pós-contemporaneidade, devido que Descartes alavanca o relativismo por completo e as opiniões (*dóxico*)⁷ se instauram no meio da sociedade, deixando toda uma epistemologia concreta e verídica de forma duvidosa.

Nesse ponto culminante, o ethos é a permanência e a historicidade de uma cultura ou sociedade desde as mais primitivas até as maiores organizações sociais do mundo. O ethos é tradição, porém, ele pode ser alterado de acordo com os C e H, que tal organização modifica, mas sem deixar por completo àquela tradição do mesmo.

No caso das culturas se manifesta essencialmente, o (*to agathon*) ou melhor, o Bem, que é a *areté* mais a práxis que o homem, em todo o contexto social e individual, com a objetividade e subjetividade interligadas à comunidade e o homem por si.

O Bem determina vários fatores transcendentais que serão aplicados por Aristóteles conforme os Universais. Bem, o Belo, o Verdadeiro e o Uno. Portanto se vincula os universais da forma mais grandiosa conforme vários autores e filósofos apoiam que “a verdade é o ser enquanto conhecido, o bem enquanto fim, o belo enquanto objeto de prazer”⁸, por isso, todo ser está essencialmente ligado ao Bem, e, sempre busca o bem para si, e nunca o mal.

Neste âmbito antropológico e metafísico no qual a ética deve vincular-se existe “uma circularidade causal se estabelece entre tradição e educação ou entre costume e o hábito, o ethos e a práxis: do ethos a práxis recebe sua forma, da práxis o ethos recebe seu conteúdo existencial”⁹. E nesses caracteres, a práxis deve ser entendida como bom-senso e o ethos como as virtudes cardeais mais o bem em si.

Portanto a *fenomenologia* do ethos é essa busca que o indivíduo, que está vinculado com o ethos de forma objetiva e a práxis na sua subjetividade, pelo agir e o pensar simultaneamente, vinculará a intersubjetividade que é o seu relacionamento com

⁴ VAZ, H. Cardoso de Lima. **Escritos Filosóficos IV – Introdução à Ética Filosófica 1**. 6ª Edição. Editora LOYOLA. São Paulo, Brasil 1999. p. 36

⁵ *Ibid.*, p.36-37

⁶ DESCARTES, Renné. Coleção Pensadores – **Meditações**. P. 257-258

⁷ ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Dóxico. (al. Doxisch; it. Dosico). De Doxa (opnião). Husserl indica com esse adjetivo todos os caracteres próprios da crença(ou doxa) (Ideen, I, §103).p 345

⁸ LECLERCQ, Jacques. **As Grandes Linhas da Filosofia Moral**. Editora Herder. Tradução portuguesa do Cônego Luiz de Campos, do original francês: Les Grandes Lingnes de laPhilosophieMorale. São Paulo 1967. P.214

⁹ VAZ, H. Cardoso de Lima. **Escritos Filosóficos IV – Introdução à Ética Filosófica 1**. 6.ed Edição. Editora LOYOLA. São Paulo, Brasil 1999. p. 42-43.

fatores religiosos, sociais, políticos antropológicos entre outros que mostram uma amplitude de conhecimentos e vivência do ethos na mesma cultura. Porque cada cultura tem o seu próprio ethos como: tribo indígena, camponeses, urbanistas entre outras, cada grupo possui suas normas, leis, e preceitos que devem ser obedecidos de acordo com o bem vinculado à autarquia que manifesta sua autoridade através de um contrato ou “pacto” realizado entre os cidadãos para que a paz esteja imersa no contexto civilizatório.

2.2 DO SABER ÉTICO A ÉTICA

Conforme os caracteres mencionados acima, referentes à *fenomenologia* do ethos, agora, cabe ressaltar que a ética por ser a ciência do ethos, adentra na sociedade quando há questões a serem trabalhadas e causa uma crise ética nos princípios fundamentais de uma organização, sociedade ou cultura no qual o homem está inserido.

No entanto, quando esta crise começa a gerar conflitos étnicos internos inicia a mudança do ethos, porém, sem deixar por completo a sua tradição, e com isso, o ethos da sociedade ou cultura se modela de acordo com o pensamento atual e as condições no qual o homem vive e tenta sempre se adaptar.

No passado, pode dizer que durante a Segunda Guerra Mundial houve a crise étnica referente que no mundo dos judeus, sua cultura e seu modo de viver o seu ethos foi quebrado, destruído por completo e então aconteceu o que toda a sociedade, até nos dias atuais, sabe todo o massacre de um povo.

Naquele momento, o saber ético que era vivido para os judeus da forma exercida como: medo, tensão, ruína e, no entanto, toda essa nação foi sendo desestruturada. Agora no mundo pós-contemporâneo, a crise é mais complicada ainda, pelo fato que há muitas diversidades no mundo globalizado.

O homem pensa que a sua *doxa* é a verdade por completo, e, não concorda com a verdade plena sendo inserida e instaurada nos acordos de uma Filosofia Aristotélica, mas se contenta com o universo niilista, relativista e subjetivista, e sem interioridade, no qual a antropologia que se volta para o homem, em seu estudo tenta moldar uma antropologia filosófica pautada nos princípios eternos. O homem, atualmente, prefere avaliar com sua própria opinião, que às vezes não tem fundamento sólido, mas acha que é a sua própria verdade.

Com efeito, o saber ético dando início aos jônicos no período pré-socrático, visando uma reta razão, pois “o que era explicável pela particularidade do mito passar a ser explicado segundo as exigências da universalidade da razão”¹⁰, no qual todo o pensamento grego na Filosofia inicial alavanca visões universais no qual se pode tirar conceitos éticos fundamentais que predominam até nos dias atuais.

O pensamento do logos demonstrativo no qual abrange toda uma realidade provinda através da Palavra mencionada e pensada, dar-se-á início as transposições entre saber ético para a ética, no entanto, a ética inicia seu percurso como um pensar do ethos no qual o homem vive perante as leis e normas quantitativas, mais a partir da ética instaura a forma qualitativa, pois o homem passa a pensar de forma transcendental no que diz respeito a valores humanos.

O lado intelectual do homem começa a transmitir efeitos bombásticos, pelo fato, da criação e elaboração de conceitos que no futuro iria se realizar por completo. Porém, o pensamento atual distorceu toda uma visão de saber ético e de ética, por questões

¹⁰VAZ, H. Cardoso de Lima. **Escritos Filosóficos IV – Introdução à Ética Filosófica 1**. 6ª Edição. Editora LOYOLA. São Paulo, Brasil 1999. P.58

insignificantes, no qual o século XXI com a mentalidade que as pessoas demonstram que cada um tem a sua ética, então, se cada um possui a própria ética, onde se encontra o fundamento ético universal?

Pois, se cada um vive por conta própria, então não se necessita de uma ideia central, como exemplo: os políticos podem roubar os dinheiros das pessoas, os jovens podem se drogar até obter uma overdose, e um estuprador pode matar quantas mulheres quiserem, pois estarão vivendo a sua própria ética. Mas quando se retrata desses assuntos abriga uma polêmica enorme, e, ainda as pessoas demonstram que é necessário viver uma ética descente, mas onde está a ética fundamentada nos pensamentos eternos que são: o bem, o belo, o verdadeiro esses universais estão pautados para uma finalidade, prazer e conhecimento, adquirido conforme a epistemologia concretizada?

Isto deveria ser a ética do saber ético na pós-contemporaneidade, no qual, o período pós-contemporâneo deturpa todos os seguimentos aristotélicos que as pessoas deveriam viver. Todavia, o grande filósofo Sócrates com seus pensamentos mais simples, porém muito intelectual, demonstrou uma concepção normativa que toda a sociedade posteriormente deveria seguir no âmbito do saber ético para a ética e esse modo de ver o mundo que o mesmo demonstrou fez com que durante dezenas de séculos o mundo andasse voltado para religião e sabedoria de vida. Atualmente não se vive mais esse método aplicado por Sócrates, cujo pensamento é analisado principalmente pelo Padre Lima Vaz nos tempos contemporâneos e são esses fatores logo abaixo:

Entre o universal da convenção com sua frágil necessidade à mercê do aleatório das liberdades, e o universal da natureza, cuja rígida necessidade impõe às liberdades sua dura lei, às razões do saber ético, consubstanciadas na necessidade histórica dos costumes e, mediante a educação, regendo o exercício das liberdades individuais, parecem não encontrar expressão adequada no universo da razão demonstrativa, ou seja, categorias e conceitos que lhe se próprios e uma lógica específica do agir que os articule em discurso coerente. Tal o desafio diante do qual se encontrou Sócrates, entre os extremos do convencionalismo e do naturalismo, ao ensaiar a proposição de um terceiro paradigma que irá tornar-se efetivamente o modelo fundamental da reflexão ética no Ocidente.¹¹

Nessa visão socrática pode refletir a sociedade pós-contemporânea, os grandes erros e desafios que precisam ser corrigidos e afrontados, mediante as leis positivas, eternas e divinas, nesses três aspectos a lei positiva é a mais complicada de vivenciar, mas este assunto será retratado logo mais a frente.

2.3 A ESTRUTURA CONCEPTUAL DA ÉTICA

A Ética é constituída por leis, liberdades e o Bem, com isso, a fenomenologia do ethos e o saber ético à ética podem abordar uma vasta gama de conceitos sobre o que a mesma deve realizar no homem e o que prejudica paulatinamente o ser como pessoa racional e vivente neste planeta e que possui uma sabedoria de vida e tradição que vem desde os antepassados.

No entanto, a estrutura conceptual da ética vem demonstrar como o homem em si, pode formar a tua opinião, porém, concreta e verídica, mas com base na ética cultural no qual se vive. Os costumes e hábitos da sociedade definem como se deve agir a

¹¹VAZ, H. Cardoso de Lima. **Escritos Filosóficos IV – Introdução à Ética Filosófica 1**. 6.ed Edição. Editora LOYOLA. São Paulo, Brasil 1999. P.62.

natureza daquele lugar, portanto é de caráter extrínseco que o homem venha a praticar a tua práxis operante dentro da ética, mas não de forma obrigada, mas sim, sabendo que tal prática a ser exercida antropológicamente mostrará estruturas de atos humanos nos quais o homem realiza com a pura consequência e consciência que tal ato é bom ou mau para o sujeito operante.

A obrigatoriedade moral, no qual anteriormente se falava, revela algo a mais, devido que, se o homem tem a possibilidade de realizar atos voluntários e involuntários no qual está predestinado em partes o bem que o ser atua se manifesta de caráter ético, antropológico e metafísico, porque se a ação for boa em ajudar um mendigo sem demonstrar as pessoas, o sujeito foi extremamente ético, o bem que realizou ao pobre foi completamente metafísico e o ato de agir em demonstrar o carinho e afeto mesmo sendo somente com uma moeda ou almoço sem menor intenção foi antropológico, portanto a operação humana está no sujeito que o pratica e realiza tal função por ser livre e inteligente o ser tende a visar a questão, pois será demonstrado a obrigatoriedade moral neste aspecto.

Porque obrigatoriedade moral? Pela questão que se é livre e se tem o livre arbítrio, pode dizer o que se quer viver conforme as premissas maiores que existem no mundo, contudo deve-se dizer que a obrigatoriedade não implica em você ser preso igual a um escravo, mas sim em querer o bem ao outro e demonstrar seus afetos porque todo homem busca o seu fim último que está vinculado no bem, na verdade, no belo e no uno.

Então, existem dois fatores que complementam a vida do homem com nobreza que são:

2.2.1 Aspecto Estrutural que demonstra toda especificidade do agir humano.

2.2.2 Aspecto Teleológico que será o desenvolvimento com as normas aplicadas, porém em busca de um fim último que se baseia nas premissas eternas que estão vinculadas ao motor imóvel para Aristóteles; Deus para Tomás de Aquino, ou até mesmo o Sumo Bem para Platão.

Neste viés, pode-se abranger que a estrutura conceptual da ética enfoca principalmente nestes dois aspectos estrutural e teleológico que serão aplicados, com base no ethos de cada sociedade, através das constâncias que a *práxis* e a *techné* que são duas artes muito parecidas, no entanto, diferentes pela seguinte questão: *práxis* se volta para a finalidade do homem, enquanto a *techné* se volta para o fim da fabricação que será a causa final que Aristóteles mostra em seu livro da metafísica.

Devido esses dois fatores, e, ao longo de um processo dedutivo e indutivo que a própria filosofia pesquisa e questiona o ser humano em sua totalidade dentro da obrigatoriedade moral, se vincula no apreço do Bem na busca deste fim último e na própria felicidade do homem.

Neste caso, o padre Lima Vaz cita:

A profunda intuição platônica já assinalara a natureza vinculante do Bem, indicando uma das articulações conceptuais e fundamentais do pensamento ético segundo a qual a relação entre finalismo constitutivo da práxis ética e o fim que propriamente o define é uma relação absolutamente original na qual se entrelaçam a necessidade do fim e a liberdade do agir na aceitação de um fim.¹²

¹²VAZ, H. Cardoso de Lima. **Escritos Filosóficos IV – Introdução à Ética Filosófica 1**. 6.ed Edição. Editora LOYOLA. São Paulo, Brasil 1999. P.73.

Com isto, quando o homem visa “o Bem, sendo o melhor necessariamente obriga ou liga o individuo que age racionalmente”¹³ conforme, os padrões que uma sociedade que aspira e permeia o ser como o centro do universo.

No entanto, com base nesses conceitos da estrutura ética; *práxis, techné*; aspecto estrutural, aspecto teleológico; bem e fim último; esses passos mostram o quanto a Ética originária desde Sócrates, se dividiu em duas etapas ao longo do tempo, principalmente na contemporaneidade:

2.2.3 A linha da ética como sendo disciplina a ser exercida na cidadania e principalmente, para demonstrar as pessoas o quanto é necessário, esta Ciência do ethos que abrange todos os aspectos, que a sociedade desenvolve e mostra com suas teses e paradigmas que são pressupostos para a vida de qualquer pessoa.

2.2.4 A ética pautada em normas a serem aplicadas e observadas pelos homens que possuem direitos e deveres nesta sociedade através de “uma assembleia de homens, que possam reduzir suas diversas vontades, por pluralidade de votos, a uma só vontade”¹⁴ que se realiza com base em um pacto conforme todos os cidadãos exercem a função em busca do seu próprio bem com uma obrigatoriedade moral a ser exercida, porém, sem deixar pensar que é um fardo pesado que está realizando, ou mesmo uma obrigação no sentido negativo.

Nesta visão da estrutura conceptual da ética deve ser demonstrada ainda, um pouco mais abrangente porque se o homem possui esta obrigatoriedade moral, nesse amplo olhar tende a falar que ele é o sujeito livre e que possui uma dialética na qual pode demonstrar vários valores e conceitos, voltados para o seu próprio autodeterminismo.

Portanto, se o homem é um espírito encarnado com corpo e alma, a ética que ele precisa desempenhar é simplesmente o Bem comum que todo cidadão está à procura sendo livre, possuindo inteligência e sendo diferente um do outro.

É preciso que todos estejam voltados para o mesmo sentido de ética na filosofia socrática, que está sendo dissolvida por um niilismo e materialismo que na pós-contemporaneidade, atinge tanto o indivíduo como em sociedade e empresas na qual o relativismo está impregnado dentro de uma sociedade que não sabe o que se deve realizar e fazer. Principalmente, porque atualmente as escolas e o mundo ensinam aos jovens que eles devem ser simplesmente egocêntricos e não elaboram um mecanismo de defesa para que estes mesmos estejam propícios a defender tais argumentos como: drogas, prostituição, aborto e mostrar o caráter aristotélico que vem desde os antigos e, passou a ser ignorado desde Descartes com o seu próprio método no qual é preciso destruir todo um edifício de verdades plenas e criar a sua própria opinião as tais *doxas* sem fundamentos, e com isso refaz com que as verdades absolutas ficam a mercê e completamente vulneráveis numa sociedade materialista.

2.4 A MORAL COMO INÍCIO PARA UM PENSAMENTO ÉTICO UNIVERSAL

No campo ético pode-se dizer que a moral é um fruto permanente, no qual o homem é condicionado a viver. Existem vários autores que tentam separar ética da moral, porém esta pesquisa de separar as duas veio a se realizar com base nos filósofos

¹³ Ibid., p 73

¹⁴ MALMESBURY, Thomas Hobbes de. **Leviatã ou Matéria forma e poder de um Estado Eclesiástico e Civil**. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva – Coleção Pensadores. Editora Nova Cultura. P.144.

modernos que analisavam a postura da moral como: normas, regras e obrigatoriedades impostas pelo próprio homem e, a ética o meio que o homem tende a possuir uma postura na frente da sociedade conforme o seu grupo, tribo, classe social ou etnia.

Mas, na visão de Padre Lima Vaz, moral e ética são a mesma coisa, porque a ciência do ethos que é a ética conduz o homem a vivenciar o bem que tende para um fim preciso, devido, que todas as coisas possuem um fim suscetível que devem se realizar perante a criação feita através do “Demiurgo”,¹⁵ no qual os gregos da Idade Antiga prescreveram que tudo transcorre conforme a natureza dada a tal coisa. Como para Heráclito “o rio não passa duas vezes pelo mesmo lugar, ou Devir”¹⁶, pois está sempre em constante movimento.

Porém, a ética universal feita por Sócrates e sendo moldada pelos seus discípulos Platão e Aristóteles, no qual a pergunta básica como anteriormente já foi feita “Como devemos viver”¹⁷, faz com que o homem se torne um instrumento totalmente humano e capaz de socializar com as pessoas e demonstrar que a moral, apesar de possuir regras, normas (*nômos*), estas leis de obrigatoriedade moral na pós-contemporaneidade se volta para o homem com caráter específico de auxiliá-lo e demonstrar toda a sua trajetória desde os pré-socráticos até nos dias atuais que o desenvolvimento da mentalidade humano referente ao homem ético e moral se retrata, conforme as características de uma antropologia voltada para a interioridade do homem.

Porque se não existir o bem maior, não há sentido em buscar as suas próprias respostas com base nos fundamentos morais da humanidade aplicados dentro de qualquer civilização, assim, norteia-se que o ser depende estritamente da sua própria consciência para verificar se tais atos humanos são bons ou maus perante a própria consciência do homem, porque a prática, o ensino e a família são as bases fundamentais para que o ser humano cresça e desenvolva a ética com postura de acordo com o meio em que se vive.

No entanto, é necessário mesmo o vínculo do homem na sociedade, precisa se aperfeiçoar e criar laços compatíveis para que seu aprendizado esteja pautado na ética socrática que é a base fundamental na moral humana.

Portanto, o caráter humano começa a ser analisado com critérios da moralidade, através dos atos que o homem faz e publicamente concretiza. Agora, se esses atos, no qual o indivíduo realiza volta-se com base de senso moral, a concepção humana dos verdadeiros valores da filosofia aristotélica mostrará que a humanidade tende crescer ou a diminuir seus ideais perante a constância das atitudes humanas para com o próximo.

Uma verdadeira moral fundada e solidificada em terreno firme mostrará que os atos que um homem realizará, conscientemente, julgam a sua própria intelectualidade. Se punir a pessoa sabe que prejudicou alguém ou a si mesmo, devido que terá o peso na

¹⁵DEMIURGO (gr. ὁ δὲμιοργός; lat. Demiur-gus; in. Demiurge, fr. Démiurge, ai. Demiurg; it. Demiurgo). O artífice do mundo. Essa palavra tem origem em Timeu, de Platão; nessa obra, a causa criadora do mundo é atribuída a uma divindade artífice que cria o mundo à semelhança da realidade ideal, utilizando uma matéria informe e resistente que Platão chama de "matriz do mundo" (Tim., 51 a). A obra criadora do D. (analogamente à de um artesão humano) não investe mas pressupõe os princípios constitutivos da própria natureza, que são: le as formas ideais eternas.

¹⁶DEVIR ou VIR-A-SER (gr. Τίγνεται; lat. Fieri; in. Becoming; fr. Devenir, ai. Werden; it. Divenire).

1. O mesmo que mudança (v. MOVIMENTO).

2. Uma forma particular de mudança, a mudança absoluta ou substancial que vai do nada ao ser ou do ser ao nada.

¹⁷VAZ, H. Cardoso de Lima. **Escritos Filosóficos IV – Introdução à Ética Filosófica 1**. 6.ed Edição. Editora LOYOLA. São Paulo, Brasil 1999. P 96

consciência, do contrário ele terá realizado obras sensacionais na sociedade e cultura na qual habita.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Universalidade do pensamento ético na cultura pós-contemporânea pautado no Bem Transcendental, descreve fatores importantes para a convivência do homem, e, como ele deve agir perante a sociedade atual.

Com isso, toda a dimensão dos costumes éticos e hábitos nos quais, os seres humanos desenvolvem e almejam alcançar o Bem para si, molda uma trajetória da fenomenologia do ethos, fazendo com que desencadeie aos seres a busca pela renúncia e a tradição. Pelo fato, que a verdadeira essência se porta dentro da interioridade do próprio homem. Mais, com a vinda do século XVIII o filósofo Descartes deturpou completamente esta visão.

Porém, hoje perante, o século XXI, existe o grande filósofo Padre Henrique C. de Lima Vaz, no qual, trouxe todo o âmbito do ethos que é a tradição por completo de uma sociedade, mais podendo ser modificado, sem deixar desfragmentar a verdadeira essência da *traditio conditam*. Pois os universais embelezam toda sociedade, comunidade ao qual o homem vive, e é por causa disso, que a fenomenologia do ethos se aplica no indivíduo, buscando a sua intersubjetividade para poder conviver com a gama de pessoas que possuem pensamentos e constantes dúvidas, referente ao que é ético e o que não é.

Todavia, sempre ouve e haverá conflitos éticos, no mais tardar ou no âmbito interno das pessoas. Entretanto, o saber ético para a ética molda por completo a Ciência das ciências, fazendo com que toda a sociedade tenha um conhecimento amplo sobre o que é a *veritas* e a *doxa*. Pelo fato, que todo homem deve buscar a verdade plena que consiste em temeres e em uma ampla visão sobre o que é o Bem, o Belo, o Uno e o Verdadeiro, que para Aristóteles era o Motor Imóvel, e no qual movia todas as coisas.

Agora, a busca do Bem Transcendental dentro dessa universalidade ética, no período atual faz com que a ética seja qualidade, ou melhor, qualitativa, e não quantidade, pois qualquer homem consegue transcender-se e compreender o que é bem e o mal para si.

Lima Vaz, desenvolve no ápice hegeliano a questão da ética vinculada com a própria consciência, no entanto, o período pós-contemporâneo que simplesmente com o niilismo relativiza toda a sabedoria de Sócrates, porém Vaz, vem intervir e mostrar que a ética é paulatinamente socrático-aristotélico, pelo fato que o homem tem a consciência do que realiza mediante os fatores externos.

Portanto, toda estrutura conceptual da ética que foi desfragmentada na pós-contemporaneidade, hoje é preciso voltar às origens do Bem Transcendental, e sabendo que a antropologia, metafísica juntamente com a ética engloba valores fundamentais para que o homem se situe e amplie a sua visão somente para o Bem e o Belo, porque sabendo que ele é um espírito encarnado, isso já mostra o quanto à interioridade e a ética está vinculado no mesmo patamar de conhecimento.

Por fim, sabendo que ética e moral para Henrique de Lima Vaz são a mesma coisa, enquanto, modernistas e contemporâneos, distorcem essa visão. O Homem precisa do caráter humano, dentro dos critérios de moralidade e especificidade no Bem Transcendental, porque a Universalidade ética dos antigos são bases para que as pessoas das próximas gerações fluam e busquem as verdades plenas que se encontra no Bem Transcendental.

Com isto, fica a pergunta: A universalidade do pensamento ético na cultura pós-contemporânea pautada no Bem Transcendental pode abranger valores clássicos, no limiar da intelectualidade humana, e prejudicando uma sociedade ou comunidade, e sem critérios éticos voltar-se e a consciência não ficar deturpada, com um processo de pensamento em que os valores são completamente relativizados por uma mentalidade niilista?

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007

DESCARTES, René. Coleção Pensadores – Meditações. **Coleção os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

LECLERCQ, Jacques. **As Grandes Linhas da Filosofia Moral**. Editora Herder. Tradução portuguesa do Cônego Luiz de Campos, do original francês: Les Grandes Lignes de La Philosophie Morale. São Paulo 1967

MALMESBURY, Thomas Hobbes de. *Leviatã ou Matéria forma e poder de um Estado Eclesiástico e Civil*. **Coleção os Pensadores**. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1987.

SARTRE, J. Paul. **O Ser e o Nada**. São Paulo: Vozes, 2008.

VAZ, H. Cardoso de Lima. **Escritos Filosóficos II Ética e Cultura**. 4.ed edição. São Paulo: . LOYOLA, 2004.

VAZ, H. Cardoso de Lima. **Escritos Filosóficos IV – Introdução à Ética Filosófica 1**. 6.ed. São Paulo:LOYOLA, 1999.

INFLUÊNCIA DO PÚBLICO FEMININO NA DECISÃO DE COMPRA DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO NA CONSTRUMATOS DE ARINOS-MG

Cláudia Aparecida Machado

Mestre em Marketing, Especialista em Qualidade e Agricultura Empresarial, Graduada em Administração. Professora e Coordenadora do NAC. Instrutora do SENAR MINAS e Consultora Empresarial e Rural.

Lidiane Campos dos Santos

Mestre em Administração, Especialista em Gestão Agroindustrial, Graduada em Administração. Coordenadora e Professora do Curso de Administração e NPG. Consultora Empresarial.

Talita Leal da Silva

Graduada em Administração

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar de forma teórica sobre comportamento do consumidor quanto a influência do público feminino na ConstruMatos de Arinos-MG loja de materiais de construção, pois entender o comportamento do consumidor é algo que toda empresa quer compreender, é um fator determinante para o aumento da satisfação dos seus clientes, para o aumento das vendas, e por consequência um diferencial competitivo nas lojas. Esse trabalho objetiva identificar quem tem poder de decisão na hora da compra, o homem ou a mulher. Devido ao crescimento do público feminino a sociedade está sendo marcada pela grande revolução do conhecimento. O trabalho contempla um estudo de caso na loja de materiais de construção. A estrutura do trabalho inclui uma revisão teórica de conceituados autores os quais expressam suas opiniões sobre os seguintes temas: comportamento do consumidor, administração mercadológica, as influências no processo de compra, as diferenças no comportamento masculino e feminino, processo de compra e sobre a satisfação do cliente. Utilizou-se como metodologia uma pesquisa descritiva de cunho quantitativa e qualitativa. Entretanto as pesquisas buscam analisar a influência desse público na decisão de compra. Os dados foram tabulados por meios de gráficos. Com a interpretação dos dados, conclui que a mulher tem o poder de decisão na hora de comprar os materiais de construção.

Palavras-chaves: Consumidor. Mulher. Compra. Influência..

1 INTRODUÇÃO

Com o crescimento do público feminino a sociedade contemporânea está sendo marcada por grandes transformações, provocada pela revolução do conhecimento da tecnologia e, levando em consideração a nova realidade, o público feminino está cada vez ocupando seu espaço na sociedade. Como as mulheres são mais detalhistas, mais exigentes nas suas escolhas, tornam-se mais consumistas e adotando sempre um comportamento diferente, são grandes influenciadoras na hora da compra. Pelo poder de decisão que têm focam na satisfação e realização dos seus desejos e necessidades.

A construção civil é uma das áreas que está em crescimento devido à vontade de se ter própria casa, além de ser uma necessidade básica do ser humano, configura na realização de um sonho. Por se tratar de um sonho, as pessoas ficam mais detalhistas e exigentes na hora de comprar a matéria-prima que será utilizada, e principalmente na qualidade de mão de obra.

Com o propósito de estudar mais detalhadamente sobre o comportamento do consumidor optou-se por fazer esse estudo na loja de materiais de construção ConstruMatos de Arinos-MG.

Feitas estas colocações, este trabalho tende a responder a seguinte questão norteadora: **A empresa ConstruMatos atende a expectativa do público feminino na decisão de compra dos materiais de construção?**

Nesse sentido o objetivo geral desse estudo foi diagnosticar o grau de influência do público feminino na decisão de compra de materiais de construção na ConstruMatos.

Almejando alcançar esses objetivos foi aplicado um formulário as consumidoras. Utilizou-se a pesquisa descritiva, mediante estudo de caso, no qual foi abordado um método quantitativo, sendo para coleta de dados a técnica escolhida foi o questionário, aplicado para 67 mulheres que compram na loja, onde se deu esse estudo de caso.

2 COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR

Para entender melhor o comportamento do consumidor, deve-se entender e compreender as atividades físicas e mentais de cada indivíduo. Esses comportamentos podem ser por vontade própria ou por impulso, sendo que cada um resulta em comportamentos diferentes, levando-se em consideração o comportamento feminino, pois é bem diferente do homem.

Como diz Cobra (2009, p.82) “o marketing tem o objetivo de satisfazer as necessidades e desejos dos seus consumidores, deve-se compreender seu comportamento que inclui entender suas atividades físicas e mentais”.

O ser humano é impulsionado a adquirir um produto ou serviço, e o comportamento leva a entender porque o consumidor compra através dos impulsos. Sobretudo as mulheres têm uma atração irresistível por lojas.

Todo processo de compra é caracterizado pelo comportamento do consumidor, passando por vários fatores, cada indivíduo pode ter uma reação diferente, como explosiva, emocional e emotiva, satisfação ao adquirir algo para a sua necessidade ou que tanto desejava.

A compra de um determinado produto desejado pode causar um comportamento emocional, levando consigo a satisfação de comprar algo que tanto almejou. O indivíduo é estimulado a comprar por fatores tais a educação, cultura e ambiente, os quais podem influenciar na decisão de compra. Pois toda necessidade causa um estímulo diferente, para entender-las existem várias teorias de motivação humana.

Para Karsaklian (2000, p.11) “ser consumidor é ser humano. Ser consumidor é alimentar, vestir, divertir-se e viver”.

O marketing trabalha nas necessidades, desejos e demanda de um determinado público alvo para atingir sua satisfação ao produto ou serviço oferecido (KOTLER, 2000). Por isso o indivíduo é impulsionado a comprar.

As empresas estão cada vez mais preocupadas em entender seus consumidores, por isso elas precisam conhecer mais os consumidores para entender o que levam a escolher tal produto.

A cultura e os desejos do indivíduo são os principais influenciadores na hora da decisão de compra (KOTLER, 2000).

Todos nós passamos por três processos antes de consumir durante ao longo da nossa vida. Esses papéis precisam ser compreendidos, mas esses papéis variam de pessoa para pessoa. O usuário é o que consome diariamente, o comprador é o que

compra mais não consome diariamente, o pagador é diferente do consumidor, porque nem sempre que compra consome, ou seja, paga por algo que não consome.

As funções do consumidor se desempenham todo dia, toda semana, todo mês, todo ano e até mesmo todo minuto e segundo, faz parte da vivência.

Passando por esse processo o consumidor passa a ter um comportamento diferenciado transformando em mudanças diferentes sobre sua expectativa de compra. Para a realização da compra o consumidor é influenciado por vários fatores até passar para o processo de compra, são grandes influenciadores na hora da decisão de compra.

2.1 INFLUÊNCIA NO PROCESSO DE COMPRA

Os diversos fatores que agem no indivíduo na hora da decisão de compra, a influência do consumidor se dá devido às novas tendências modernas, e por isso os consumidores sentem mais influenciados a comprar. Na simplificação metodológica podem assegurar vários determinantes na hora da decisão de compra. Esses determinantes são fatores que envolvem as características do consumidor. São eles: culturais, sociais, pessoais e psicológicos.

Os fatores que exercem a maior e mais profunda influência é o fator cultural. Pois a cultura está em cada lugar, em cada estado, país, estilos de vida. O fator social, que é de grande importância no comportamento do consumidor, é grandes referências na sociedade, pois poderá levar a maioria de pessoas influenciadoras diretas e indiretamente na vida social.

Dentre outros fatores que poderão influenciar no comportamento do consumidor é necessário citar o fator pessoal que leva em consideração seu modo de viver, seus hábitos e suas decisões ao longo da vida, são características vivenciadas.

Esses fatores são os determinantes essenciais para influenciar no processo de compra, passando por essas diversificações, podendo influenciar diretamente ou indiretamente na decisão de compra.

Passando por esses fatores que podem influenciar no comportamento do consumidor, próximo tópico mostra a diferença do comportamento feminino com o comportamento masculino, comparando seu modo de agir e pensar, sempre reagindo de maneiras diferentes.

2.2 DIFERENÇAS DO COMPORTAMENTO FEMININO E MASCULINO

O comportamento masculino e feminino é totalmente diferente, e não são universais, pois cada gênero desenvolve um estímulo diferente, podendo reagir sempre de maneiras diferentes. A diferença entre o homem e a mulher está na forma de vestir, falar, e o modo de agir e pensar, tendo sempre interesse e habilidades diferentes.

A mulher usa a emoção e o coração e os homens são mais racionais e frios, tendo em vista valores e crenças diferentes. Com relação a essas diferenças, são ressaltadas as necessidades de uma nova forma para a compreensão dessa relação, pois há uma necessidade de construir uma particularidade entre o gênero masculino e feminino incorporando e articulando suas diferenças.

Araújo (2005), diz que o feminismo transgrediu a ordem que atribuía ao masculino o direito de definir o feminino como seu avesso. Desde muitos anos atrás o público feminino vem conquistando seu espaço, lutando pela sua igualdade, mesmo com tanta desigualdade, o gênero feminino esforça para defender seu gênero, pois estava sempre assimilando os modelos masculinos.

Elas queriam ocupar os espaços dos homens, comportando como eles, agindo como eles, falando como ele. Mas acabaram enfrentando com uma crise de identidade ao saber que esses comportamentos eram considerados umas perdas do feminismo. Levando- à inferioridade gerando um mal estar, onde levou a fazer uma revisão do feminino. (ARAÚJO, 2005).

Com essa revisão feminista, foram usadas varias estratégias para defender a igualdade com capacidade de assemelharem aos homens, mas com direito e deveres diferentes.

As mulheres são diferentes dos homens, com valores e fundamentos diferentes, levando em consideração alguns valores como o relacionamento interpessoal, o cuidado a atenção com outro, o afeto, a gratidão. Sabe-se que a identidade feminina vem interagindo com outro, sendo mais intuitivas e sensíveis. Com seu espaço conquistado elas se vêem a confrontar com os modos e exigências no mundo dos homens, marcando competitividade e eficiência.

Do ponto de vista de Charbel (1996) a principal diferença entre homens e mulheres se encontra na forma pela qual o cérebro é utilizado. Apontando que nos homens predominam o lado esquerdo, responsável pelas funções do raciocínio lógico. E as mulheres usam tanto o esquerdo como o direito, deflagrando os mecanismos da emoção, tendo uma relação mais emocional de todas as formas, já os homens são mais frios.

Pode- se observar que há diferenças entre homens e mulheres, cada um dos gêneros segue sua distinção.

As características atribuídas aos homens e mulheres são determinadas pelo gênero, que são grandes influenciadores da classe social, da cultura, da educação, e, como característica individual, a personalidade. Como nem todos os homens são compreensivos, objetivos e seguros de si mesmo, da mesma maneira as mulheres, nem todas são seguras, agressivas e objetivas. Existem possibilidades de mudanças na relação dos dois gêneros, na medida em que vão se libertando, vão construindo novas formas de relacionar, agir e comportar, permitindo que ambos possam ser determinados, usando autonomia, sendo dependentes, fortes, objetivos, seguros e sensíveis, etc.

A relação não será de conflitos; ao contrário, sendo um espaço de luta onde estão os jogos diferentes, poderes e desejos (ARAÚJO, 2005).

O comportamento feminino está a cada dia ocupando seu espaço no mercado, mostrando que o gênero feminino pode oferecer e conquistar o que deseja, levando consigo uma personalidade guerreira, que vai à luta pelos seus direitos.

Com essa garra e determinação, o público feminino vem tomando espaço também na hora de fazer compras, sendo a maior influenciadora na hora de decidir o que comprar algum produto ou serviço, pois é um público mais exigente e observador na hora de escolher. Exemplo: a reforma da casa, a maioria das mulheres está à frente desses tipos de serviços, pois são bastante exigentes e detalhistas quanto à qualidade da mão de obra e dos materiais.

A mulher tendo um comportamento diferenciado do homem mostrará a influência feminina no processo de compra, pois é uma grande influenciadora na hora da compra sempre ligando com o emocional.

2.3 A INFLUÊNCIA FEMININA NO PROCESSO DE COMPRA

Nos últimos anos o público feminino tem sido uma grande influenciadora no processo de compra, pois elas dão importância às relações interpessoais, emocionais e

interesses. Mulheres adoram descobrir novidades, buscando sempre o melhor e inovação, já os homens não ligam para essas circunstâncias, e por esse motivo os homens dão à oportunidade às mulheres liderar na hora da escolha.

As mulheres de hoje são diferentes das de antigamente, elas são modernas, não existem mulheres como de antigamente, aquele tempo de tricotar com a mãe, vizinhas e amigas durante uma conversa, os valores mudaram, devido ao desenvolvimento do conhecimento e tecnológico, com isso, muitas coisas mudaram.

Kauffman (2009) diz que desde a época das nossas avós, muita coisa mudou. Não existem tempos como naquela época, hoje a mulher conquistou seu espaço e assumiu o papel de profissional, deixando seus valores e crenças para trás, como o papel da mãe e dona de casa, deixando seu universo doméstico, e tornando uma mulher do tempo moderno.

Com essa evolução tecnológica, a mulher assumindo seu papel diante a sociedade ela se torna mais consumista, aumentando esse consumo elas se tornam mais exigentes, pois esse processo de escolha na hora da compra é levado em considerações, vários fatores como internos e externos, refletindo no seu comportamento de compra.

Por ser uma grande influenciadora na decisão de compra, ela se torna mais criteriosa, suas necessidades e desejos são diferentes dentro de um novo ciclo de consumo. As mulheres consomem mais que os homens, e com esse consumo crescendo as empresas estão aprendendo a lidar com essas consumidoras excessivas.

Segundo uma matéria publicada na Revista Pequenas Empresas e Grandes Negócios, Lima (2010), as mulheres movimentam mais que os homens no consumo.

Esse processo de compra é longo para as mulheres e curto para os homens. Para ilustrar que se afirma o exemplo: o homem vai a uma loja comprar uma calça, ele olha experimenta se serviu e se gostou já compra, em poucos minutos. A mulher gasta mais tempo para decidir o que comprar, porque existe um processo a fazer antes de decidir.

“Sabemos que as mulheres têm a maior atividade econômica do que nunca, as mulheres não podem ser abordadas com as mesmas estratégias tradicionais que funcionam com os homens”. (POPCORNR; MARIGOLDO, 2000 *apud* SILVA E SERRALVO, 2006).

Essas consumidoras são fáceis de fidelizar, elas valorizam o relacionamento com a empresa e o profissional. Existem vários tipos de consumidoras, é fundamental que as empresas conheçam mais esse público adaptando as necessidades e desejos delas para obterem sucesso. (LIMA, 2010).

Toda empresa precisa desenvolver estratégias e política específica para essa consumidora atual, que está a cada dia crescendo no mercado, atraindo esse público com seus produtos com qualidade e eficiência que é de suma importância para a mulher.

2.4 PROCESSOS DE COMPRA

O processo de compra ocorre quando o comprador está prestes a comprar, mas antes de tomar essa decisão passa por diversas fases que estão associadas aos motivos de prazer ou à vontade de comprar para adquirir algum produto ou serviço. Essa fase está ligada à motivação de satisfazer sua necessidade ou desejo. Esse processo passa pelo processo psicológico, fator pelo qual o consumidor passa a entender porque comprar, observando e analisando os produtos ou serviços que o levam a tomada de decisão da compra.

Segundo Las Casas (2008), a primeira parte de um processo de compra é a identificação das necessidades.

Primeiro faz a identificação do produto, antes de decidir comprar ou tomar a decisão de compra.

Karsaklian (2000, p. 196) já conclui que “a natureza e a composição de unidade familiar se conjugam com o ambiente sociocultural para desenhar um quadro de vida e um modo de repartição do poder e do prestígio entre seus diferentes membros”. A família se conjuga no processo de compra, pois há diferentes opiniões sobre o que comprar, escolhendo as características de cada produto.

E para fazer esse processo é preciso de cinco modelos de estágio importantes na hora de decisão da compra, até passar pelo comportamento pós- compra que é de grande importância para as organizações e conhecer o comportamento dos seus clientes após a compra.

O modelo do processo de compra faz parte do dia a dia de cada indivíduo, pois antes de fazer as escolhas precisa passar por essas etapas nesse processo, para ter a satisfação de compra às empresas precisam fazer uma pesquisa pós compra, só assim saberá seus consumidores estão satisfeitos com produtos e serviços oferecidos.

Passa se pelo processo de reconhecimento do problema é quando a necessidade é identificada como um desejo ou uma vontade de ter o produto ou serviço. A busca de informação do consumidor tende ser mais precisa, caso esteja interessado a comprar o produto. Para obter uma informação o consumidor faz uma pesquisa geral. A avaliação de alternativas são as etapas que os consumidores passam com o produto, a informação adicionada é para chegar ao resultado final, que é a compra do produto. São atitudes que o consumidor estabelece em relação às diferentes características de algum procedimento de avaliação.

Na decisão o consumidor poderá modificar sua escolha podendo aceitar ou rejeitar uma compra, envolve o conhecimento diretamente ou indiretamente. Após a compra o profissional desempenha o papel de compreender o consumidor, se este está satisfeito ou insatisfeito com a qualidade da compra. Mantendo sempre a expectativa de querer voltar pela sua preferência.

3 METODOLOGIA

Para atingir os objetivos proposto no presente estudo, foi utilizado uma pesquisa descritiva de caráter quantitativo, sendo para coleta de dados foi utilizado o formulário com nove questões semiestruturada aplicada para 67 mulheres aleatoriamente, onde se deu o estudo de caso na loja de materiais de construção.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Conforme a pesquisa aplicada na Loja ConstruMatos em Arinos- MG, da primeira à terceira questão se refere ao perfil das clientes.

Na primeira questão, ao perguntar a idade, 6% têm menos de 20 anos, 30% tem de 25 a 30 anos; 24% de 31 a 35 anos; enquanto 40 % têm mais de 30 anos. A faixa etária com maior consumo está com a idade acima de 30 anos

A segunda questão refere- se à escolaridade das consumidoras ao perguntar sobre a escolaridade 36% têm o ensino médio completo; 25% o ensino médio incompleto; 18% outros cursos, como pós-graduação, curso superior; 12% ensino fundamental incompleto e 9% possuem o ensino fundamental completo. Quanto ao grau de escolaridade mostra que 18% têm um curso superior ou pós-graduação, bastante relevante pela quantidade de consumidoras questionadas.

A terceira questão questionou sobre a renda mensal de cada consumidora, mostra que 45% tem uma renda mensal de 1 salário, enquanto 21% ganham de 1 a 2 salários mensais, 25% acima de 2 salários e 9% com menos de 1 salário. As maiorias das consumidoras ganham um a dois salários mínimos.

A quarta questão propôs levantar sobre o objetivo da compra na loja ConstruMatos, 43% compram mais utilidades; 39% disseram para reforma; e, 18% para construção.

Gráfico 1- Objetivo da Compra de Materiais de Construção

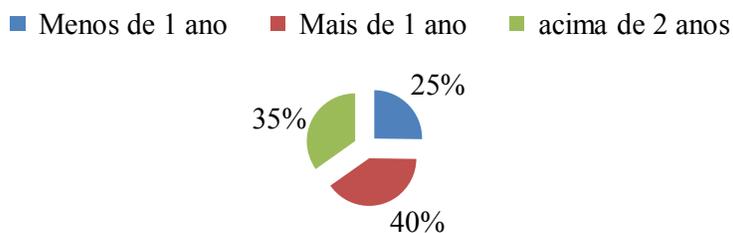


Fonte: Autora da pesquisa, 2014.

Observa-se que a maioria das consumidoras compra utilidades domésticas, em consideração à construção vindo conseqüentemente com uma porcentagem bem favorável.

Na questão dois foi perguntado quanto tempo tem que a cliente compra na Loja ConstruMatos de Arinos-MG, 34% responderam que compram acima de 2 anos na loja; 25% acima de 1 ano; 15% de 1 ano que é cliente da loja; e, 26% menos de 1 ano que compram na ConstruMatos. E essa questão mostra que suas clientes são bem resistentes às mudanças como mudar de loja para fazer suas compras de materiais de construção.

Gráfico 2- Quanto tempo compra na ConstruMatos



Fonte: autora da pesquisa, 2014.

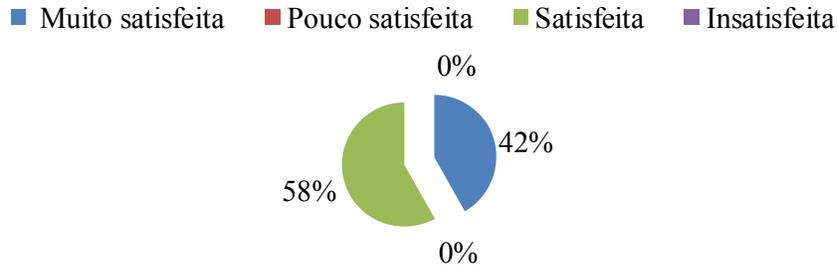
Essas consumidoras são fáceis de fidelizar, pois elas valorizam o relacionamento com a empresa. Existem vários tipos de consumidoras, dada essa importância do papel feminino no mercado atual, é fundamental que as empresas conheçam mais esse público, adaptando as necessidades e desejos para obterem sucesso (LIMA 2007).

O gráfico revela que a maioria das clientes compra na loja acima de 2 (dois) anos, isso mostra que elas são bastante resistentes às mudanças. Mesmo a empresa com pouco tempo no mercado, ela já tem uma clientela fiel.

Na terceira pergunta, foi questionado como as consumidoras avaliam o atendimento da loja, 58% responderam que estão satisfeitas com o atendimento e 42%

muito satisfeita, isso mostra que a qualidade do atendimento está acima de tudo, pois teve uma relevância importante para as clientes.

Gráfico 3- Como você avalia o atendimento



Fonte: autora da pesquisa, 2014.

O atendimento pode ser visto como um diferencial na loja, uma vez que a empresa compreende e supera as expectativas dos clientes, pode servir como preferenciais para os clientes na decisão de compra.

A satisfação do cliente é fundamental para criações de necessidade e desejos, procurando valorizar o público alvo, para atingir a satisfação dos consumidores. (Las Casas 2006).

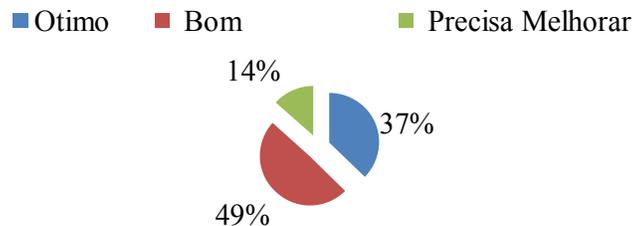
Na quarta questão questiona-se os fatores que contribuem para a satisfação em relação à qualidade do produto oferecido pela loja ConstruMatos, 97% estão satisfeitas e 3% insatisfeitas.

Cobra (2009) diz que estudar o comportamento após a compra é tão importante quanto compreender a expectativa antes de comprar. Portanto é essencial fazer uma pesquisa entre seus consumidores para fazer uma avaliação corretiva.

Pode-se dizer que o valor é quando cada indivíduo está disposto a desembolsar pelo produto oferecido para sua satisfação ou para atender suas necessidades, e a satisfação ocorre quando suas necessidades e desejos são supridos.

O próximo fator que contribui para a satisfação refere-se ao preço, 49% disseram que o preço está bom; 37% acha que está ótimo o preço oferecido e, 14% acham que os preços precisam melhorar.

Gráfico 4: Preço



Fonte: autora da pesquisa, 2014.

O consumidor decide comprar baseado na sua renda esperada, preço esperado e benefícios esperados. (KOTLER, 2003).

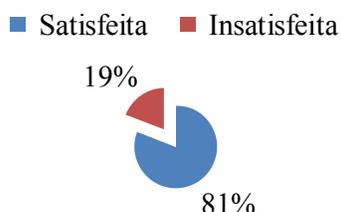
O mesmo autor, Kotler (1998) afirma que a escolha dos produtos para suprir suas necessidades e desejos é realizada perante as condições econômicas.

Em foco ao estudo que se refere a preço, Kotler (1998, 2003) também diz que o consumo está diretamente ligado à renda e condições econômicas, o que resulta a escolha dos produtos que realmente atendem suas necessidades.

No diagnóstico, pode-se ver que o preço está favorável à loja, pois totalizou 86% das clientes afirmaram que o preço está bom e consecutivamente ótimo.

O próximo fator contribuinte para a satisfação das consumidoras são as condições de pagamentos ficando com 81% estão satisfeitos e 19% estão insatisfeitos com as condições oferecidas.

Gráfico 5- Condições de pagamento



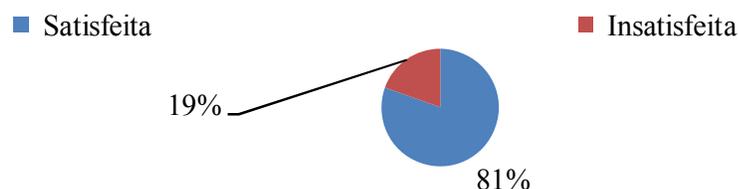
Fonte: autora da pesquisa, 2014.

As condições de pagamento são de grande importância para o cliente, pois dependem dessas condições para fazer uma compra. As condições de pagamento na ConstruMatos mostram que a maioria das consumidoras está satisfeita, pois ela estabelece uma condição favorável para a cliente de acordo com sua necessidade, fazendo as formas de pagamento bem favorável a consumidora.

No quesito a entrega, mostra que 90% estão satisfeitos e 10% insatisfeitos é um fator bastante relevante quanto à qualidade da entrega de mercadorias as suas consumidoras.

No próximo fator refere-se às diversificações dos produtos, mostra que 81% estão satisfeitas com as variedades oferecidas e 19% insatisfeitas.

Gráfico 6- Diversificações dos produtos

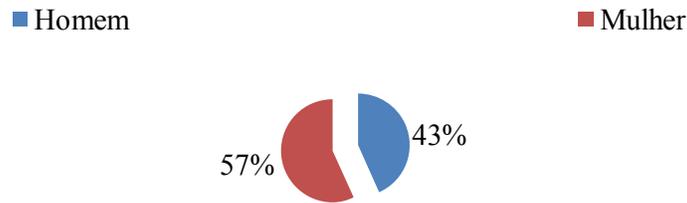


Fonte: autora da pesquisa, 2014.

Neste contexto mostra que a diversidade dos produtos oferecidos pela loja é de suma importância para a consumidora, pois são essas variedades que fazem um grande diferencial na empresa, competitividade é muito alta devido às novas tendências que surgem no mercado.

Na última pergunta, foi perguntado sobre o poder de decisão na hora da compra, quem tem esse poder o homem ou a mulher, ficando com 57% a mulher e 43% o homem.

Gráfico 7- O poder de decisão é do Homem ou da Mulher?



Fonte: autora da pesquisa, 2014.

Pode-se notar que a maior influenciadora nos dias de hoje são as mulheres, pois elas são consumidoras exigentes e muito detalhistas na hora de escolher o produto.

“Sabemos que as mulheres têm a maior atividade econômica do que nunca, as mulheres não podem ser abordadas com a mesma estratégia tradicional que funcionam com os homens”. (POPCORN; MARIGOLDO, 2000 *apud* SILVA E SERRALVO, 2006).

Mesmo ganhando um salário mínimo, elas representando a maioria das mulheres, estão sempre fazendo alguma reforma e comprando utilidades, pode-se observar que se elas tivessem mais de um salário ou até mesmo dois salários acima o que elas não fariam?

Isso mostra que as mulheres estão com o poder de decisão na hora de fazer uma construção ou reforma da sua casa própria ou algum imóvel.

A relação entre o homem e a mulher não é uma relação de conflitos, ao contrario, é um espaço de luta, onde estão em jogos diferentes, poderes e desejos diferentes (ARAÚJO, 2005).

Isso mostra que a mulher está cada dia lutando pelos seus ideais, sendo uma grande influenciadora na hora de tomar a decisão de compra, a mulher dá mais importância às relações interpessoais, emocionais e interesses, buscando sempre novidades e o melhor para seu bem-estar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender o comportamento do consumidor não é uma arte fácil de compreender na atualidade, já que o mercado permite a interação mais eficiente e eficaz no mercado. Favorecendo não só em atender as necessidades e desejos das consumidoras e sim satisfazendo de forma contínua. O estudo do comportamento das consumidoras na compra de materiais de construção pode funcionar como instrumento para a empresa.

O primeiro objetivo específico apresentado, identificar as características do consumidor, foi possível observar que as características do público feminino é forte em relação aos homens, pois elas estão a cada dia assumindo o papel da mulher moderna com as características fortes e relevantes, também é importante ressaltar que as mulheres são grandes influenciadoras na decisão de compra, alicerçando na satisfação das suas necessidades e desejos.

O segundo objetivo específico foi identificar o comportamento do consumidor no processo de compra. Pôde-se notar que o comportamento na hora da compra existe por vários fatores que o leva a comprar, são fases associados ao prazer, vontade e motivos de adquirir algo para satisfazer suas necessidades. Percebe-se que no processo de compra há cinco estágios a passar, como reconhecendo o problema vindo com a

busca de informação sobre o produto, podendo avaliar as alternativas que têm, até acontecer a decisão de compra chegando ao comportamento do consumidor pós-compra, que é de grande importância para a empresa, pois ela está atenta na satisfação das suas clientes.

O terceiro objetivo específico, indicar os fatores que influenciam no processo de compra, esses fatores é de suma importância para o consumidor, devido às novas tendências os consumidores estão atentos nas modernidades podendo ser um grande influenciador na hora da compra. E as mulheres estão atentas as essas modernidades que fazem a cabeça de muitas, são determinantes que envolvem nas características de cada consumidor.

É importante ressaltar que os grandes influenciadores para atrair cliente são o fator cultural e fator social. Nota-se que no fator cultural são crenças e valores aprendidos interferindo nos hábitos de consumo. O fator social são os grupos influenciadores na hora da compra, pois a família está em primeiro lugar gerando uma grande influência, a importância da família na decisão de compra seja mais participativo.

Por fim, o quarto objetivo específico propôs pesquisar a influência do público feminino no processo de compra, nota-se que a influência desse público cresce a cada dia, pois elas dão importância nas relações interpessoais, emocionais e interesses. Elas são grandes influenciadoras na hora do processo de compra, são mais exigentes e criteriosas ao comprar algum produto para sua satisfação, ou por vontade, ou desejo. Entretanto, pode se dizer que de acordo com o questionário a ConstruMatos oferece produtos que possuem preço e qualidade satisfatória.

Após a apuração dos dados foi possível detectar alguns pontos fortes e pontos fracos, que mesmo assim devem ser trabalhados constantemente. O ponto forte analisado se refere à qualidade do produto, ficando com 97% satisfeitas com a qualidade dos produtos oferecidos pela loja. Sobre as diversificações dos produtos com uma porcentagem bem satisfatória, em sequência vinda com as condições de pagamento, que é de grande importância para as consumidoras, pois as condições econômicas contam muito na hora da compra.

Pode-se concluir que as consumidoras da loja de materiais de construção, a Loja tem o conhecimento sobre materiais de construção levando a maior porcentagem sobre os homens, com 57% as mulheres têm o poder de decidir os materiais que irão usar na reforma ou construção, elas estão conquistando seu espaço a cada dia. Elas tendem a escolher pela empresa e pela preferência na hora da compra de materiais de construção.

Afirma-se que a ConstruMatos atende a expectativa das consumidoras, pois os resultados da análise foram bem favoráveis para a empresa, surpreendendo pelo conhecimento das consumidoras.

Para finalizar, fica a sugestão para a empresa ConstruMatos oferecer mais promoções para suas consumidoras, traçando novas estratégias para reter mais clientes.

Para implementar este estudo, sugere aos interessados, o estudo mais amplo do poder de decisão de compra do público feminino, aplicando a pesquisa em outras lojas de materiais de construção no Noroeste Mineiro.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria de Fátima; Diferenças e igualdades nas relações de gênero: revistando o Debate. – **Psic. Clin.** Rio de Janeiro, vol. 17, n.2, p.41-52, 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652005000200004> Acesso em 11 fev. 2014.

COBRA, Marcos. **Administração de marketing no Brasil.** 3 ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

CHARBEL Nino El- Hani. Diferenças entre homens e mulheres: biologia ou cultura? *Revista Veja*. 22 de março de 1995. São Paulo. Disponível em <<http://www.usp.br/revistausp/29/22-charbel.pdf>> Acesso em 11 fev. 2014.

KARSAKLIAN, Eliane. **Comportamento do consumidor.** São Paulo: Atlas, 2000.

KAUFFMAN, Marcela. **Redes sociais: o reflexo do comportamento da mulher moderna.** Portal dos Administradores, 06 de Novembro de 2009. Disponível em <<http://www.administradores.com.br/noticias/negocios/redes-sociais-o-reflexo-do-comportamento-da-mulher-moderna/27474/>> Acesso em 11 fev. 2014.

KOTLER, Philip. **Administração de marketing.** Tradução Mônica Rosemberg, Brasil Ramos Fernandes, Claudia Freire;- São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2003.

_____. **Administração de marketing.** 10. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2000.

LAS CASAS, Alexandre Luzzi. **Plano de marketing para micro e pequenas empresas.** 6 ed. São Paulo; Atlas 2008.

LIMA, Ari. **O Poder de Compra da Mulher;** Portal dos Administradores, 01 de Outubro de 2010. Disponível em <<http://www.administradores.com.br/artigos/marketing/o-poder-de-compra-das-mulheres/48642/>> Acesso em 11 fev. 2014.

SILVA, Helena do Carmo da Silva Fragra; SERRALVO, Francisco Antônio Serralvo: **Fatores determinantes do comportamento do consumidor feminino: o caso American Girl.** Disponível em <<http://www.unisantos.br/mestrado/gestao/egesta/artigos/54.pdf>> Acesso em 11 fev. 2014.

A PERCEPÇÃO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM DA ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA NO MUNICÍPIO DE CABECEIRA GRANDE-MG ACERCA DA ATENÇÃO INTEGRAL À SAÚDE DO IDOSO

Jessik Mayara Santos Andrade Ribeiro

Bacharel em Enfermagem

Renata Silveira Lúcio

Mestre em Enfermagem e professora do curso de Enfermagem

RESUMO: Esta pesquisa teve como tema a percepção da equipe de enfermagem da estratégia saúde da família no município de Cabeceira Grande-MG acerca da atenção integral à saúde do idoso. O crescente aumento da população idosa e os complexos problemas de saúde que a envolvem tornam evidente a necessidade de atenção adequada e integral à sua saúde, e espera-se que a equipe de enfermagem da Estratégia de Saúde da Família possa trazer contribuições para melhoria da qualidade de vida da população idosa. O estudo apresenta como problemática: a atuação da equipe de enfermagem da Estratégia Saúde da Família do município de Cabeceira Grande favorece a integralidade do atendimento as necessidades de saúde do idoso? O objetivo geral deste estudo objetivou relatar o entendimento dos profissionais de enfermagem sobre atenção integral e necessidades de saúde dos idosos, da Estratégia Saúde da Família do município de Cabeceira Grande – MG. E tem, portanto, como objetivos específicos: descrever o que é atenção à saúde do idoso na percepção da equipe de enfermagem, investigar como é realizada a consulta de enfermagem ao idoso na Estratégia Saúde da Família, identificar o papel da equipe de enfermagem frente ao envelhecimento, apontar as dificuldades que a equipe de enfermagem encontra para prestar atenção integral a saúde do idoso, elencar os recursos disponíveis na comunidade voltados à atenção à saúde do idoso. A pesquisa refere-se a uma metodologia com pesquisa de campo, caráter descritivo de abordagem qualitativa, aplicada por meio de um questionário, a amostra da pesquisa consistiu em sete profissionais de enfermagem de uma de uma Estratégia Saúde da Família do município de Cabeceira Grande-MG e aconteceu entre os dias 15 do mês de setembro a 03 do mês de outubro do ano de 2014. Deste modo este estudo proporcionou um amplo conhecimento em relação à atuação da equipe de enfermagem na integralidade da atenção a saúde do idoso, e foi possível observar através do estudo um grande número de ações e políticas de saúde voltadas a esse público e a importância da Estratégia Saúde da Família (ESF) no atendimento aos cuidados a saúde do idoso, já que a ESF é considerada a porta de entrada nos serviços de saúde.

Palavras-chave: Integralidade. Saúde do idoso. Equipe de enfermagem.

1 INTRODUÇÃO

Através deste estudo buscou-se apresentar a percepção da Equipe de Enfermagem da Estratégia Saúde da Família (ESF) no município de Cabeceira Grande-MG acerca da atenção integral à saúde do idoso. O interesse em realizar esta pesquisa surgiu tendo em vista o aumento considerável da população idosa e por ser a Estratégia Saúde da Família e seus profissionais de enfermagem o contato mais próximo com esta população.

O Brasil foi considerado um país onde a juventude era predominante, atualmente, encara outra realidade onde se vê um aumento na população idosa de forma rápida e crescente, o que, de um modo geral, indica que existe melhoria na saúde e qualidade de vida dessa população, nesse sentido faz-se necessária uma abordagem ao tratamento diferenciado e integral à saúde da população idosa uma vez que ela compõe o público mais frequente nos serviços de saúde.

Diante do exposto, cabe ressaltar que esta pesquisa se justifica pela necessidade de entender como se dá a atuação da Equipe de Enfermagem dentro da ESF no cuidado e atenção integral a saúde da população idosa, uma vez que esta vem crescendo em passos largos. Sua relevância se caracteriza pela necessidade de conhecer a realidade dos cuidados prestados a essa população já que a enfermagem compõe o grupo de profissionais da linha de frente de grande parte dos serviços de saúde.

A Estratégia Saúde da Família, no que tange aos aspectos do envelhecimento, proporciona suporte aos profissionais da rede de atenção básica desenvolvendo uma abordagem integral e contextualizada da atenção à saúde do idoso. Baseado no contexto apresentado o problema deste trabalho busca responder: A atuação da equipe de enfermagem da Estratégia Saúde da Família do município de Cabeceira Grande favorece a integralidade do atendimento às necessidades de saúde do idoso?

Assim sendo, realizar tal investigação teve como principal objetivo: relatar o entendimento dos profissionais de enfermagem sobre atenção integral e necessidades de saúde dos idosos, da Estratégia Saúde da Família do Município de Cabeceira Grande – MG.

Diante do exposto, vale revelar alguns dos motivos pelo qual a pesquisa apresenta relevância social: espera-se com este trabalho trazer uma contribuição a um assunto tão importante, que é o crescimento do envelhecimento populacional e chamar a atenção do profissional de enfermagem quanto à necessidade de um atendimento integral da população idosa.

2.O ENVELHECIMENTO E A SAÚDE DO IDOSO

Envelhecer é um artifício natural, refere-se a uma fase da evolução humana e se dá através de mudanças físicas, psicológicas e sociais que incide na particular idade de cada indivíduo com sobrevida prolongada. Esta é uma fase de reflexão sobre a própria existência, de conclusão de muitos objetivos outrora desejados, mas também de muitas perdas, onde a saúde destaca-se como um dos aspectos mais afetados. (MENDES, 2000).

Baseado nesta mesma premissa, Porth (2004) afirma que o envelhecimento é um processo natural que ocorre lentamente ao longo da vida e traz alterações biopsicosociológicas únicas, estas mudanças geram necessidades de cuidados especiais aos idosos, é preciso focar atenção para essa faixa etária, pois a previsão para o futuro é de um aumento contínuo da população de adultos idosos.

O envelhecimento nos dias atuais é uma realidade que não deve ser ignorada em grande parte das sociedades desenvolvidas e em desenvolvimento, é um fenômeno que aumenta progressivamente tornando-se temática acentuada do ponto de vista científico e de políticas públicas, promovendo a mobilização de pesquisadores e promotores de políticas sociais, na discussão do desafio que a longevidade humana está colocando para as sociedades. (MORAIS, RODRIGUES, GERHARDT, 2008).

Para Assis (2004, p.11) o envelhecimento é definido como:

O envelhecimento humano é um fato reconhecidamente heterogêneo, influenciado por aspectos socioculturais, políticos e econômicos, em

interação dinâmica e permanente com a dimensão biológica e subjetiva dos indivíduos. Desta forma, a chegada da maturidade e a vivência da velhice podem significar realidades amplamente diferenciadas, da plenitude à decadência, da gratificação ao abandono, sobretudo em presença de extremas disparidades sociais e regionais como as que caracterizam o Brasil contemporâneo.

A população brasileira envelhece rapidamente. São agrupados à população cerca de 650 mil novos idosos, assim surge a necessidade de reorganizar os modelos sociais para garantir a saúde no envelhecimento como uma preferência, visando, manter e promover a autonomia e independência dos idosos, direcionando medidas coletivas e individuais de saúde para esse fim. (BRASIL, 2006a).

A Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) define envelhecimento como:

Um processo seqüencial, individual, acumulativo, irreversível, não patológico, de deterioração de um organismo maduro, próprio a todos os membros de uma espécie, de maneira que o tempo se torne menos capaz de fazer frente ao estresse de meio ambiente e, portanto, aumente sua possibilidade de morte (BRASIL, 2006a, p.8).

Tratando-se de envelhecimento, é importante ressaltar que essa etapa da vida deve ser acompanhada de saúde e satisfação para o indivíduo. Para esse acontecimento é necessária a existência de condições sociais, de atenção à saúde, que abarque todo o processo através do qual se constitui o envelhecer, bem como a valorização dos anseios do idoso. (KUZNIE, 2009).

Muitos ainda vêem o envelhecimento como uma fase de perdas, onde poucas são as vantagens e aquisições às quais se podem gozar. Segundo Caldas et al., (2003a, p.309):

Libertar-se do conceito do envelhecimento como uma fase de perdas é, ao menos, um processo extremamente doloroso, quando existe uma cultura dominadora investindo numa visão de mundo na qual as pessoas idosas são incapazes e principalmente improdutivas. Reconhecer que ela é dominadora é um primeiro passo para perceber, aceitar e dialogar com uma outra visão de mundo - a da velhice bem-sucedida, que deve não se concentrar na preparação dos profissionais da gerontologia, mas estender-se para todos, inclusive para aqueles que possuem uma consciência mais apurada desta realidade - os próprios idosos.

Compreende-se através dos autores citados que o envelhecimento é a fase da vida onde o ser humano necessita de uma atenção centrada no afeto, individual e de forma integral, buscando promover uma velhice saudável, evitando doenças que estão associadas ao processo de envelhecimento e favorecendo melhoria na qualidade de vida.

O envelhecimento da população, nos dias em que vivemos, pode-se dizer que é um dos maiores desafios e grande conquista da humanidade, demonstrado pelo aumento da expectativa de vida do homem no mundo evidenciado pelo aumento significativo do número de pessoas com 60 anos e mais nos países pobres quanto nos países ricos.

De acordo com dados das projeções estatísticas da Organização Mundial de Saúde (OMS), de 1950 a 2050, a população idosa no Brasil saltará 16 vezes em relação à população total que aumentará somente 5 vezes, alocando-a em termos integrais na sexta posição de idosos no mundo com um saldo de 32 milhões de pessoas com 60 anos e mais. (BRASIL, 2002).

Carvalho e Garcia (2003) argumentam que na década de 60, a população brasileira era predominantemente jovem, com cerca de 50% abaixo de 20 anos e 3% acima de 65 anos. Ao final desta década, foi possível observar a redução da fecundidade de forma acelerada e generalizada, chegando a níveis compatíveis com crescimento nulo de 2000, ocasionando a desestabilização da estrutura etária confirmada com envelhecimento populacional.

Garantir um acesso aos serviços de saúde de boa qualidade para a população idosa evidencia-se como novo desafio para o planejamento da atenção à saúde. Conhecer as necessidades da terceira idade, sobretudo na comunidade em que vivem e se relacionam, assim como dos fatores que determinam o uso de serviços de saúde e as condições sociais, tornam-se de extrema relevância para auxiliar o planejamento da atenção à saúde da população idosa. (MATOS, COSTA, 2007).

O conceito de qualidade ainda pode ser empregado para uma reflexão sobre o atendimento das necessidades de saúde e ainda representa a satisfação do indivíduo com o serviço, à preparação do pessoal do serviço de saúde, com a segurança, a aparência agradável e com os serviços fornecidos pelas unidades de saúde e a adequação dos equipamentos que contribuem para a prestação dos serviços. (STARFIELD, 2004).

Para Freire (2000, p.22), é importante ressaltar alguns princípios que influenciam na qualidade de vida da pessoa idosa:

A melhoria da qualidade de vida dos idosos torna-se um desafio no século XXI, na medida em que pode ocasionar conseqüências inquietantes nos níveis econômicos, social, epidemiológico e familiar, necessitando de uma concentração de esforços nas diferentes áreas profissionais objetivando um maior conhecimento sobre o fenômeno de envelhecimento e principalmente como envelhecer de forma saudável priorizando esses esforços na manutenção da independência e autonomia do indivíduo.

A saúde do idoso juntamente com a qualidade de vida está sobre a influência de numerosos fatores, mais do que em qualquer outra faixa etária, e é por isso que devemos considerar variáveis de diferentes áreas do saber no intuito de avaliar e promover a saúde do idoso, isso deve englobar uma atuação interdisciplinar e multiprofissional onde toda a equipe é responsável pela qualidade de vida desse idoso.

2.1 A INTEGRALIDADE DA ATENÇÃO À SAÚDE DO IDOSO

A integralidade na atenção à saúde é uma das diretrizes que compõem o Sistema Único de Saúde (SUS) e sua implementação dirige ações que contestem às demandas e necessidades de saúde da população, nos distintos níveis de atenção e complexidade, nos diferentes enfoques do processo saúde-doença e nas diferentes extensões do ser cuidado. (FURUYA et al., 2001).

Trata-se de um princípio essencial e consiste na atenção completa às inúmeras necessidades de saúde do sujeito naquela ocasião, englobando desde a conexão da equipe até a interação com os demais pontos de atenção. É a garantia ao usuário da realização de ações de promoção, prevenção, tratamento e reabilitação, com garantia de acesso aos níveis de complexidade que compreende o sistema de saúde. (ESPIRITO SANTO, 2008).

Segundo Pinheiro (2006), a incorporação do princípio da integralidade em saúde nos textos da legislação brasileira serviu à necessidade de se firmar, no campo da saúde coletiva, um conceito que apontasse para a superação das dicotomias históricas entre preventivo e curativo, individual e coletivo e do conflito entre saúde pública e

assistência médico hospitalar, como um dos princípios do SUS, impõe novos padrões de relacionamento entre serviços, profissionais e usuários e se efetiva através da relação entre os diversos atores com suas diferentes perspectivas e interesses, no interior das instituições e nos vários níveis de atenção do sistema de saúde. (RIBAS, 2004).

“A integralidade pode ser definida como uma ação global que resulta da interação democrática entre os atores do cotidiano de suas práticas, na oferta de cuidados de saúde nos diferentes níveis de atenção do sistema.” (PINHEIRO, 2003, p. 8).

No Brasil, o direito à universalidade e integralidade à saúde foram alcançado através da Constituição de 1988 e reafirmado pela criação do SUS mediante as (LOS) Leis Orgânicas da Saúde (Lei 8080/90 e 8142/90). Esse direito pode ser compreendido pelo acesso universal e igualitário aos serviços de saúde e ações de promoção, proteção e recuperação e reabilitação da saúde, o que garante a integralidade da atenção. (COSTA, 2009).

O SUS tem, em seus princípios doutrinários, um padrão de atenção à saúde que prioriza a descentralização, a equidade, a universalidade, a integralidade e o controle social, ao mesmo passo em que agrupa em sua organização a territorialidade com a finalidade de promover o acesso das demandas populacionais aos serviços de saúde. (ALMEIDA, 2010).

A Constituição Brasileira (1988, p.117), agrupa no artigo 196 uma concepção estendida de saúde, entendida como direito de cidadania: “A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação.”

Outra dimensão da integralidade da atenção é aquela relativa à articulação interna de cada serviço de saúde, seja ele um centro de saúde, um ambulatório etc. A partir dessa perspectiva, a integralidade da atenção deve ser pensada em rede como objeto de reflexão e de novas práticas de saúde e de sua gestão. Seria, portanto a expressão do esforço da equipe de saúde em traduzir e em atender, da melhor forma possível, tais necessidades, sempre complexas e devendo ser captadas em sua expressão individual. Cada atendimento, por conseguinte, deveria estar comprometido com a maior integralidade possível, na perspectiva de que a integralidade pretendida só será alcançada como fruto do trabalho solidário da equipe de saúde, com seus múltiplos saberes e práticas (CECÍLIO, 2001, p.15).

O princípio da integralidade fundamenta-se na atenção focada no indivíduo, sua família e contexto social e não em parcela de ações ou enfermidades. Implica em um sistema de saúde conectado nos seus diversos níveis, permitindo ao cliente acesso aos recursos necessários à conservação da saúde, e em que a entrada do usuário no sistema de saúde seja de responsabilidade dos profissionais que compõe a equipe da atenção primária. (ESPIRITO SANTO, 2008).

O conceito de integralidade remete à perspectiva da integração de serviços por meio de redes assistenciais, reconhecendo a interdependência dos atores e organizações, em face da constatação de que nenhuma delas dispõe da totalidade dos recursos e competências necessárias para a solução dos problemas de saúde de uma população em seus diversos ciclos de vida. (HARTZ, CONTANDRIOPOULOS, 2004).

Tendo em vista a necessidade dessa integralidade da assistência à saúde do idoso, foram criadas as políticas nacionais de saúde do idoso, que tem como propósito

atender ao idoso em sua totalidade através da promoção e proteção da saúde do idoso, elas são a garantia da autonomia, independência, integração e participação do idoso na sociedade.

Segundo a afirmativa de Motta e Aguiar (2006, p. 366), “para avançar na direção da integralidade é importante identificar os obstáculos no trato com a população idosa.”

A atenção integral à saúde da pessoa idosa baseia-se na melhoria da qualidade da assistência e no aumento de sua resolutividade com a participação de todos os profissionais da rede. Deve estar baseada na realidade assistencial caracterizada por carência de profissionais especialistas no atendimento aos idosos, ou seja, o profissional a ser utilizado não deverá necessariamente ser o geriatra, mas todos os profissionais disponíveis na rede. (MINAS GERAIS, 2006).

O atendimento integral à saúde da população idosa não pode ficar restrita a apenas um nível de atenção, seja ele especializado ou não, mas deve ser buscado no esforço e junção dos vários saberes de uma equipe multiprofissional, nos espaços dos serviços de saúde.

De acordo com Motta e Aguiar (2006), só se pode alcançar a integralidade da atenção à saúde do idoso quando o trabalho se articula quebrando a fragmentação entre os saberes e práticas, existe a necessidade de se desarticular o foco da atenção primária como local excepcional da integralidade na medida em que esta não se realiza em um único serviço. (CECÍLIO, 2001).

O Brasil vem se organizando para atender com qualidade e integralidade a demanda da população idosa. Deste modo, começou a se criar Políticas de Atenção ao Idoso. Em 1994, foi anunciada a Política Nacional do Idoso; em 1999, criou-se a Política Nacional de Saúde do Idoso; em 2002, foi proposta a organização e implantação de Redes Estaduais de Assistência a saúde do idoso; em 2003, foi criado o Estatuto do Idoso elaborado com a participação de entidades de defesa dos interesses dos idosos. (COSTA, 2009).

Para dar continuidade ao avanço da atenção à saúde do idoso, em fevereiro de 2006 foi criado o Pacto pela Vida, um compromisso entre os gestores do SUS em torno de prioridades que apresentam impacto sobre a situação de saúde da população, nesse documento a saúde do idoso aparece como uma das seis prioridades pactuadas entre as três esferas de governo, sendo apresentada como ação de implementação de algumas diretrizes da Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa. (BRASIL, 2006a).

O Estatuto do Idoso, no seu Art.15, coloca que seja assegurada a atenção integral a saúde do idoso, através do Sistema Único de Saúde (SUS), tendo o idoso direito ao acesso universal e igualitário, em conjunto articulado e contínuo das ações e serviços, para a prevenção, promoção, proteção e recuperação da saúde, incluindo a atenção especial às doenças que afetam principalmente os idosos. (BRASIL, 2003a).

De acordo com Costa (2009) a função da política de saúde é colaborar para que as pessoas possam alcançar a terceira idade com melhores condições do estado de saúde favorecendo um envelhecimento ativo e saudável o que acarretará em boa qualidade de vida.

No intuito de responder com eficácia o que se propõem no Estatuto do Idoso, no que tange aos cuidados com a saúde e ao que é recomendado pelo Sistema Único de Saúde, a implantação de redes de atenção integral à saúde do idoso, que admitam prestar uma assistência continuada à população idosa, onde a atenção primária é o centro da coordenação das redes da atenção, melhorando as condições de vida dessa população. (ALMEIDA, 2010).

Segundo Holanda (2007), a ESF aparece como uma estratégia para

reorganização do paradigma tradicional, por intermédio da definição de novas bases e critérios para assistência na atenção básica na saúde em conformidade com os princípios do SUS, ela representa um nível de atenção do sistema de saúde, a porta de entrada para acolher a maioria das necessidades e problemas direcionados a atenção à pessoa e não à doença, de forma que haja ampliação na capacidade de atendimento para maioria das condições. (ALMEIDA, 2009).

Uma das propostas da ESF em função da melhoria da qualidade de vida da população idosa é causar a mudança do olhar dos profissionais de saúde visando cumprir o que se estabelece na PNSPI que é a manutenção da capacidade funcional e a autonomia do idoso, de preferência junto à família e a comunidade em que vivem. (MINAS GERAIS, 2006).

Segundo o Ministério da Saúde, a Atenção Básica tem a Saúde da Família como estratégia prioritária para sua organização de acordo com os preceitos do Sistema Único de Saúde, fixando uma nova dinâmica de atuação nas unidades básicas, com definição de responsabilidades entre os serviços de saúde e a população e entre os diversos níveis de complexidades. (BRASIL, 2006a, HOLANDA, 2007).

A partir dos anos 90, o Brasil passou a experimentar um processo de reorganização do setor saúde, com base na revalorização das políticas e ações de saúde com vistas a garantir melhoria na qualidade de vida de sua população. (PROTTI, 2002). Desde que foi criada, a Estratégia Saúde da Família priorizou como ponto principal de ação o estabelecimento de vínculos e a criação de laços com a população a qual o presta atendimento não só de compromissos, mas especialmente de corresponsabilidades. (HOLANDA, 2007).

Para Protti (2002) no que se refere aos aspectos do envelhecimento, a Estratégia Saúde da Família, visa proporcionar apoio aos profissionais da rede de atenção básica desenvolvendo uma abordagem integral e contextualizada da atenção à saúde do idoso.

Uma das responsabilidades da ESF é atenção à saúde do idoso. O cuidado comunitário ao idoso deve basear-se na família e na Atenção Básica, por meio da Estratégia Saúde da Família, a qual deve representar para o idoso o vínculo com o sistema de saúde. (MINAS GERAIS, 2006).

A Estratégia Saúde da Família, em suas diretrizes principais, busca a integralidade da assistência mediante o envolvimento responsável de todos os profissionais de saúde, baseado no conhecimento dos usuários da área adscrita, como forma de pensar a atenção aos usuários nos aspectos promocionais, preventivos e de recuperação da saúde. (PROTTI, 2002).

Considera-se que os idosos possuem conhecimento próprio e vivenciam o envelhecimento a partir de conceitos e valores advindos de sua cultura e experiência. Nesse sentido, os papéis desenvolvidos pela equipe de enfermagem e idosos carecem definir condutas lógicas, que considerem a individualidade e especificidade de cada ser humano. (KUZNIER, 2007).

Cabe a atenção do profissional à mudança do perfil populacional em sua área de abrangência, com o aumento progressivo da população idosa fruto da queda da fecundidade e redução da mortalidade em todos os grupos etários. A ele é requerida uma atenção especial ao idoso e uma participação ativa na melhoria de sua qualidade de vida, abordando-o, como apregoa a Estratégia em destaque, com medidas promocionais de proteção específica, de identificação precoce de seus agravos mais frequentes e sua intervenção, bem como, com medidas de reabilitação voltadas a evitar a sua apartação do convívio familiar e social. (SILVESTRE, COSTA NETO, 2003, p.844).

A atenção à saúde da pessoa idosa na ESF seja por demanda espontânea, ou através da busca ativa por meio de visitas domiciliares, deve consistir em um processo diagnóstico multidimensional. A equipe de saúde da ESF é responsável pela atenção à saúde de toda população idosa que está na sua área de abrangência. A ESF está adequada na visão ativa de intervenção em saúde, ou seja, não necessita esperar que a população procure os serviços de saúde para intervir, no entanto, ela vai ao encontro das necessidades de saúde da população. (BRASIL, 2006a, OLIVEIRA & TAVARES, 2009).

Segundo Silvestre e Costa Neto (2003, p. 844) “a Estratégia de Saúde da Família, de acordo com seus princípios básicos referentes à população idosa, aponta para a abordagem das mudanças físicas consideradas normais e identificação precoce de suas alterações patológicas.”

A ESF compreende um espaço privilegiado para atenção integral à saúde do idoso, pois, é a porta de entrada nos serviços de saúde, além disso, sua proximidade com a comunidade e a atenção domiciliária permite operar de forma contextualizada na realidade de vida do idoso no seio familiar. (OLIVEIRA, TAVARES, 2009).

Em busca da melhoria do atendimento às necessidades de saúde da população idosa, o acolhimento deve ser feito de modo a promover um atendimento com postura eficaz, segurança e ética, analisando suas particularidades como decorrências do próprio envelhecimento, a equipe precisa tratá-los como pessoas que necessitam de uma atenção individual exigida por essa fase da vida. (MINAS GERAIS, 2006).

Sabe-se que a ESF é responsável por uma série de ações que favorecem a sociedade dentre elas está a atenção à saúde do idoso, assim, compete aos profissionais que ali atuam dirigir suas atenções a essa população, com a finalidade de promover a saúde e prevenir agravos. A equipe de saúde deve ter a sensibilidade de identificar fatores de risco que acometem à população idosa, incitando a participação dos familiares no cuidado a saúde do idoso, visando inseri-lo no ambiente familiar e no convívio com a sociedade, buscando melhor qualidade de vida dessa população. (PROTTI, 2002).

3 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada na Estratégia Saúde da Família no município de Cabeceira Grande – MG, em acordo com autorização da instituição, a partir da aprovação do projeto pela enfermeira responsável pela instituição. Cabe ressaltar, que a instituição referida conta com 10 profissionais que compõem a equipe de enfermagem, sendo 2 (dois) enfermeiros distribuídos da seguinte forma: um enfermeiro responsável técnico (RT) e um enfermeiro da Estratégia Saúde da Família (ESF) e 8 (oito) técnicos em enfermagem.

O questionário foi elaborado com nove perguntas abertas e aplicado entre os dias 15 de setembro a 03 de outubro do ano de 2014, em dias alternados conforme a escala dos profissionais de modo que todos participassem da pesquisa, a princípio foi estipulado um prazo de sete dias para coleta de dados, no entanto, devido a disponibilidade reduzida para os profissionais responderem a pesquisa, fez-se necessário estipular um prazo maior para devolução dos questionários.

Com relação ao cenário de realização da pesquisa, esta ocorreu na Estratégia Saúde da Família Dona Eliezer Martins Ferreira na cidade de Cabeceira Grande-MG, no

Noroeste do estado de Minas Gerais, situado à Avenida São José s/nº, bairro Centro, que foi inaugurada em 20 de julho de 2001 como Unidade de Básica de Saúde Mista com atendimento diurno e noturno, e a partir de 28 de dezembro de 2007 foi reinaugurada como Estratégia Saúde da Família com Saúde Bucal. Atualmente, funciona como ESF nos turnos diurnos e atendimento noturno de urgência.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta etapa do estudo estão dispostos os dados obtidos na pesquisa de campo. A análise e interpretação dos dados foram confeccionadas tendo como referência as respostas do questionário aplicado aos sujeitos da pesquisa. A pesquisa foi realizada com sete profissionais da equipe de enfermagem da ESF do município de Cabeceira Grande-MG. O questionário apresentou nove perguntas relacionadas à atenção integral à saúde do idoso.

Na primeira pergunta os profissionais foram interrogados sobre: **“O que você entende por atendimento integral à saúde do idoso?”**. Elaborou-se uma categoria mediante semelhança das respostas dos entrevistados de modo a contextualizar os dados obtidos.

Quadro 1 – Como o profissional entende o atendimento integral a saúde do idoso

Categoria 1: Afetividade	
E1	“O idoso deve sempre ter prioridade, ser respeitado, ter atenção especial e carinho e deve ser observado como um todo, preservando seu bem estar espiritual, psico e social.”
E2	“É o atendimento especial diferenciado com qualidade, respeito, através da equipe multidisciplinar atendendo com carinho não somente o idoso, mas sua família.”
E3	“O idoso além de tudo, merece todo nosso respeito, nossa atenção, carinho e humildade, por mais que cada um já sofreu na vida, temos que ter bastante atenção com esse público”.
E4	“Atendimento especial com carinho, respeito, atenção dando prioridade sempre que ele procura”.
E5	“Ações de prevenção e promoção da saúde do idoso, o trabalho é baseado no carinho, respeito e na promoção do envelhecimento saudável.”
E6	“É um atendimento especial baseado no carinho, com respeito, e prioridade nas atividades preventivas sem prejuízos na assistência”.
E7	“Deve ser efetuado com muito respeito e carinho pela equipe para que o cuidado seja efetivo em todos os aspectos de sua saúde emocional, fisiológica e social”.

Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Percebe-se através da leitura e interpretação das falas dos entrevistados que todos têm uma definição unânime sobre o que é o atendimento integral a saúde do

idoso, nota-se entre as respostas desta categoria que há uma predominância nos termos atenção especial, carinho e respeito, o que é confirmado por Caldas (2003b), que diz que o idoso tem merecido atenção especial e de maneira respeitosa visando atender todas as suas necessidades de saúde, pois o processo de envelhecer saudável implica cuidados de promoção, prevenção, educação, intervenção.

A assistência de enfermagem deve ser caracterizada através de ações e comportamentos de cuidar que agrupem o espírito científico à emoção, sensibilidade e habilidade técnica. O cuidado da equipe de enfermagem pode assumir as mais variadas formas de expressão, demonstrando também interesse, zelo e valorização do outro. (SILVA, 1998).

A afetividade deve ser à base do atendimento ao idoso, uma vez que esse público depende de uma atenção diferenciada, a equipe deve demonstrar interesse, saber falar e ouvir com paciência o que eles têm a dizer e buscar resolver suas queixas sempre visando à qualidade no atendimento.

Essa dimensão afetividade faz parte da ação terapêutica do cuidado e pode ser citado pela relação de confiança no tratamento com carinho, conversar, tocar, escutar, olhar, apoiar, demonstrando gentileza, compreensão, interessar-se, aconselhar entre outros. (GONZAGA, ARRUDA, 1998 apud PROCHET, SILVA, 2011).

O segundo questionamento aos profissionais foi: “**Em sua opinião como deve ser o atendimento ao idoso?**”. Na formulação dos dados dessa questão foi elaborada apenas uma categoria:

Quadro 2 – Atendimento ao idoso na visão dos profissionais

Categoria 1: Prioridade	
E1	“O idoso deve ser atendido com prioridade, respeito, sem discriminação de qualquer natureza. A família, o Estado e a sociedade devem assegurar seus direitos de cidadão.”
E2	“O idoso deve ter prioridade no atendimento, ouvir com paciência em ambiente tranquilo.”
E3	“É prioritário o atendimento ao idoso graças a Deus, hoje em cada local o idoso tem a sua prioridade bem merecida.”
E4	“Com respeito e ter prioridade nos atendimentos.”
E5	“O atendimento deve ter prioridade, mais integralidade e agilidade nos sistemas de saúde, porque possuem dificuldade no acesso e deslocamento nos serviços de saúde.”
E6	“Prioritário e com respeito”.
E7	“Um atendimento priorizado e personalizado de acordo com a idade, ou seja, que atenda todas as necessidades de idoso, que não seja somente com remédios”.

Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Analisando as respostas dos entrevistados nota-se que eles entendem que, para que haja a integralidade na atenção à saúde do idoso, o atendimento deve ser priorizado, respeitoso e depende de um pouco mais de carinho por parte da equipe, melhor acessibilidade, agilidade e acolhimento diferenciado uma vez que se trata de um público com necessidades especiais. Atualmente, o idoso consome mais serviços de saúde quando comparado com as demais faixas etárias.

No que diz respeito à prioridade no atendimento ao idoso é um direito conquistado e assegurado por lei conforme preceitua o parágrafo único, inciso I, do artigo 3º do Estatuto do Idoso “é garantido ao idoso o atendimento preferencial e individualizado junto aos órgãos públicos e privados prestadores de serviço à população”. (BRASIL, 2003a, p.8). Este direito é também assegurado pela Lei n.º 10.048/00 e pelo Decreto n.º 5.296/04 que a regulamentou.

A saúde do idoso e a integralidade apresentam como desafios a constituição de um vínculo entre o idoso e os profissionais; a acessibilidade aos serviços de saúde; a disposição de alternativas tecnológicas para confrontar os problemas de saúde; atender as prioridades de saúde de forma ampliada; compreender as necessidades de saúde relacionadas ao envelhecimento, através da convivência com o idoso. (COSTA, FACOLLI, 2007).

A atenção integral à saúde do idoso deverá ser estruturada, baseada em padrão de linhas de cuidado, focados no usuário, com base em seu seus direitos e suas necessidades, prioridade e desenvoltura, aumentando e facilitando o acesso em todos os níveis de atenção, munidos de condições primordiais e infra-estrutura física adequada, bem como, profissionais qualificados para boa qualidade no atendimento e que o mesmo gere a satisfação do usuário. (COSTA, 2009).

Corroborando com os autores citados, a prioridade no atendimento ao idoso, faz toda diferença na qualidade da assistência prestada a essa população, priorizando o atendimento esta-se cumprindo o princípio de integralidade que é assegurado ao idoso e toda comunidade.

A terceira pergunta trata da consulta de enfermagem ao idoso, os profissionais foram questionados sobre: “**Como é realizada a consulta de enfermagem ao idoso na ESF?**”.

Ao analisar as respostas obtidas, constatou-se uma divergência nas colocações dos sujeitos pesquisados, que discursaram acerca da realização da consulta de enfermagem, sendo assim, foi necessária a elaboração de duas categorias.

Quadro 3 – Forma como é realizada a consulta de enfermagem

Categoria 1: Sistematização e avaliação dos sinais vitais .

E1	“Sempre com respeito, de forma sistematizada através de coleta de dados e anamnese, verificando PA, glicemia capilar e suas necessidades especiais.”
E2	“A consulta é sistematizada, primeiro escutar suas queixas com atenção, verificar presença de doenças crônicas, avaliar sinais vitais, realizar exame físico a fim de resolver a queixa.”
E3	“Classificando os idosos quanto cada atendimento baseado na sistematização da assistência no seu histórico de doenças e queixas sempre que procuram à unidade, monitorando glicemia, pressão arterial, sinais vitais, cada um tem seu jeito de atender.”

E7	“É sistematizada através da escuta ao idoso, investigando o que o fez procurar a unidade de saúde, realizando exame físico, controlando sinais vitais, atenção doenças com hipertensão e diabetes, porém, na maior parte das vezes já vão direto a consulta médica.”
-----------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

A consulta de enfermagem é definida como a atenção prestada ao indivíduo, à família, e à comunidade de modo sistemático e contínuo, realizada pelo profissional enfermeiro com a finalidade de promover a saúde, mediante o diagnóstico e tratamento precoce. (SCHIMITH, LIMA, 2004).

Nesta categoria, percebe-se pelas falas dos entrevistados que a consulta de enfermagem é feita de forma sistematizada, isso possibilita que a atenção seja integral, pois a consulta sistematizada abrange um atendimento ao idoso desde a queixa até as intervenções de enfermagem para a solução do problema. A consulta de enfermagem é uma oportunidade ampla de conhecimentos do estado de saúde do idoso, por meio dela o enfermeiro tem uma atuação de forma direta com o cliente. Desse modo, existe oportunidade de ensinar práticas com o objetivo de promover a saúde do idoso e prevenir doenças, visando à melhoria da qualidade de vida.

Segundo Potter e Perry (2006), a sistematização da consulta de enfermagem através do desenvolvimento do processo de enfermagem compreende a construção do histórico de enfermagem, o diagnóstico onde identificamos os problemas do cliente, a prescrição de enfermagem, a implementação das prescrições e a evolução do cliente, durante a consulta de enfermagem, estabelecemos as ações necessárias ao cuidado de saúde do idoso.

A segunda categoria foi elaborada por meio das respostas que se refere aos fatores físico, mental e social que envolvem a saúde do idoso, a avaliação desses fatores, fazem parte da consulta de enfermagem e possibilitam a avaliação do estado de saúde do idoso:

Quadro 4 – Aspectos avaliados na consulta de enfermagem

Categoria 2: Aspectos físico, mental e social.	
E4	“Baseado na sua queixa, com atenção aos seus problemas de saúde física e mental”.
E5	“Favorecendo o levantamento da problemática vividas sendo estes de saúde física mental e social, procurando minimizar os problemas, além, das orientações para a saúde.”
E6	“Preventiva na saúde mental e física.”

Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Nesta segunda categoria os entrevistados entendem que a consulta de enfermagem deve estar voltada aos aspectos físico, mental e social associados aos idosos, cabe salientar que se trata de uma observação muito coerente uma vez que a população idosa está mais sujeita a desenvolver problemas que envolvem tais aspectos, doenças mentais como Demência e Alzheimer, bem como, problemas de mobilidade devido ao avançar da idade, podem ser avaliados na consulta de enfermagem.

Na atenção básica, o enfermeiro como membro da equipe de saúde deve conhecer a realidade dos idosos e suas famílias, tanto nos aspectos físicos, mentais, sociais e demográficos, devendo realizar assistência integral e contínua a todos os membros incluindo a assistência domiciliar como local de atenção. Deve também, analisar as informações coletadas na consulta de enfermagem e elaborar o plano assistencial estabelecendo metas. O enfermeiro deve participar ativamente do cuidado prestado ao idoso, abordando mudanças físicas, mentais e sociais consideradas normais e identificando precocemente as alterações patológicas (BRASIL, 2006a; PAPALÉO NETTO, 2002).

O Estatuto Nacional do Idoso – Lei N°10.741 de 01 de Outubro de 2003 declara que a pessoa idosa goza de todos os direitos fundamentais e inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta lei, assegurando-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades para a preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade (BRASIL, 2003b).

A quarta pergunta refere-se às ações que devem ser realizadas pela equipe de enfermagem visando o atendimento das necessidades de saúde do idoso, e aponta o seguinte questionamento:

As ações realizadas no ESF pela equipe de enfermagem têm atendido a todas as necessidades de saúde do idoso incluindo manutenção e reabilitação da capacidade funcional?” Para esta questão foram elaboradas três categorias:

Quadro 5: Elementos que impedem o atendimento a todas as necessidades de saúde do idoso

Categoria 1: Falta interação	
E1	“Não, por falta envolvimento ente as equipes, nem sempre o idoso tem o atendimento voltado à reabilitação, mesmo tendo profissionais fisioterapeutas não é possível uma reabilitação adequada”.
E2	“Não, falta interação entre a própria equipe para realizar ações, falta estrutura física, recursos materiais, e profissionais qualificados, pelo fato da nossa unidade ser mista utilizamos os mesmos profissionais para a ESF e atendimento de urgência.”

Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Segundo a Secretaria do Estado da Saúde de Minas Gerais (2006, p.51) em relação às ações realizadas pela equipe de saúde:

As ações direcionadas ao idoso devem estimular a inter-relação e o convívio social, respeito à individualidade, autonomia, independência, o fortalecimento dos laços familiares, numa perspectiva de prevenção ao asilamento, melhoria da qualidade de vida, o acesso aos direitos de cidadania e a efetiva participação social do idoso, assegurando o envelhecimento ativo e saudável.

Observa-se nas afirmações dos pesquisados, nessa categoria, que as ações não são realizadas por falta de afinidade entre a equipe, o que configura uma deficiência no atendimento ao idoso, uma equipe que não se relacionada bem, não consegue atender as necessidades dos usuários de maneira significativa e eficiente. A equipe precisa manter

um bom relacionamento para que o atendimento seja de qualidade e atenda o que é afirmado pelo autor citado acima.

Matos, Pires e Campos (2009) estudaram as relações entre a equipe de saúde e concluíram que um bom relacionamento contribui para uma organização de novas formas de trabalho, do vínculo e acolhimento ao paciente. As relações experimentadas entre os envolvidos, profissionais e usuários, minimizam problemas e conflitos e se traduzem em satisfação e qualidade da assistência.

Segundo Neri (2006), quanto ao tratamento do idoso na ESF, a equipe de enfermagem deve estar preparada, integrada e consciente de que sua atuação interfere na qualidade e na satisfação do atendimento.

Ainda referente à quarta pergunta foi necessária a elaboração da segunda categoria mediante as respostas dos entrevistados que discutem sobre a inexistência de programação para realização das ações:

Quadro 6 – Inexistência de programação para realização das ações

Categoria 2: Inexistência de programação	
E3	“Não estão atendendo as necessidades, sabemos que falta muitas coisas a serem feitas aqui, não temos programações tipo um divertimento com eles, me parece que se esqueceram do idoso.”
E6	“Não, faltam programação para melhoria da saúde do idoso.”
E7	“De acordo com minha análise não, uma vez que até então não existe um programação específica voltada aos idosos, o atendimento se dá somente quando procuram a unidade para consulta ou quando são encaminhados para fisioterapia.”

Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Considerando as características pertencentes ao processo de envelhecimento e sendo a população idosa aquela que depende de um cuidado diferenciado, a equipe de enfermagem, especialmente o enfermeiro, precisa estar preparado para oferecer um cuidado integral ao idoso, deverá realizar ações para melhorar a qualidade de vida e a assistência prestada a essas pessoas, utilizando de programações próprias para essa faixa etária. Analisando as falas dos entrevistados desta categoria onde os mesmos afirmam que as ações não são realizadas por falta de programação específicas para os idosos, pode se identificar que a equipe de enfermagem desconhece ou não coloca em prática a Política Nacional de Saúde da População Idosa que traz um grande número de ações que cabe ao enfermeiro juntamente com a equipe de enfermagem, desenvolver frente à atenção à saúde do idoso, as quais são norteadas pela PNSPI.

O papel do enfermeiro e sua equipe é muito relevante na atenção da saúde do idoso, portanto existe a necessidade de conhecimento da PNSPI, porque nela estão contidas as diretrizes norteadoras de todas as ações no setor saúde para atenção integral a saúde da pessoa com 60 anos e mais, e estão também indicadas as responsabilidades das instituições para o alcance da proposta. A PNSPI traz orientações sobre a metodologia contínua de avaliação que deve acompanhar seu desenvolvimento, considerando possíveis ajustes determinados pela prática. (RODRIGUES et al., 2007).

A terceira categoria foi formulada com base nas afirmações dos entrevistados que dizem que a falta de estrutura física adequada impede a realização de ações com os idosos.

Quadro 7 – Estrutura física inadequada para realização das ações

Categoria 3: Estrutura física inadequada	
E4	“Não, pois falta estrutura física e equipe de enfermagem adequada.”
E5	“Não, o sistema de saúde não tem favorecido, falta estrutura física, material, e equipe adequada.”

Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Na fala dos sujeitos que apontam para as ações que visam uma atenção adequada à saúde do idoso, pode-se constatar, ainda, que as atuais estruturas físicas da ESF, bem como, a adequação da equipe de enfermagem ambos não são suficientes para o atendimento dessa parcela da população, havendo evidências da necessidade de comporem a equipe profissionais capacitados para o atendimento integral ao idoso.

Nascimento e Chagas (2010) apontam que para a realização de ações que atendam as necessidades de saúde do idoso é fundamental uma boa estrutura física para garantir a segurança dessa clientela e recursos materiais para elaboração de atividades com essa clientela, no entanto, não são mais significativos que a essência humana. Mudanças na saúde dos idosos implicam em mudanças nos conceitos dos profissionais, da perspectiva de atuação, da reformulação das equipes com profissionais capacitados para atender esse público e dos métodos assistenciais.

Mazo, Lopes e Benedetti (2001) chamam a atenção dos órgãos governamentais para a consignação de áreas físicas e atividades de lazer dirigidas ao público idoso, em cumprimento à Política Nacional do Idoso. Também atentam para as questões de acessibilidade, tais como: presença de rampas, corrimões, piso antiderrapante e outras, nessas áreas físicas para evitar acidentes.

Na quinta pergunta que levanta um questionamento sobre as responsabilidades de equipe com o idoso, foi realizado o seguinte questionamento: **Quais as responsabilidades da equipe de enfermagem frente ao envelhecimento?**

Na amostragem dos dados obtidos nota-se a similaridade das respostas elaboradas pelos sujeitos da pesquisa, o que tornou possível a elaboração de duas categorias:

Quadro 8 – Visita domiciliar como responsabilidades da equipe de enfermagem frente ao envelhecimento

Categoria 1: Visita domiciliar	
E1	“São varias acompanhamento domiciliar, conhecer os hábitos de vida, realizar atividades educativas, mas não estamos oferecendo de forma integral, precisamos rever nossos conceitos e oferecer um envelhecimento de qualidade.”
E2	“Atualmente realizamos apenas visitas domiciliares, algumas atividades educativas como palestra em sala de espera.”

E6	“Agilidade no sistema de saúde, acompanhamento domiciliar, prevenção de outros agravos, palestras com idosos e familiares.”
-----------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

De acordo com Andrade e Lobo (2007, p.13) as visitas domiciliárias surgem como:

Alternativas de diminuir gastos orçamentais com internações hospitalares. Através do planejamento das visitas domiciliárias e da avaliação dos registros gerados, é possível aprimorar o atendimento integral pela equipe multidisciplinar e prestar um bom atendimento a esta parcela da população.

Através da análise das respostas desta categoria observa-se que os profissionais têm a visita domiciliar como uma responsabilidade da equipe frente o envelhecimento, sem dúvidas a visita domiciliar é um instrumento muito importante no acompanhamento da saúde do idoso, através dela a equipe tem a oportunidade de acompanhar o idoso fora das dependências da ESF e permite que a equipe tenha conhecimento das reais condições de saúde do idoso e de sua família.

Assim, a visita domiciliar se justifica pela necessidade de atenção integral à saúde do idoso, buscando melhorar a qualidade de vida do idoso e de sua família, além de permitir que a equipe de enfermagem tome conhecimento das condições reais de vida da população assistida como alimentação, moradia, saneamento e possa intervir junto à comunidade e propor soluções coletivas às secretarias municipais de saúde. (DUARTE; DIOGO, 2000).

A segunda categoria foi elaborada mediante dados obtidos pelas falas dos entrevistados que enfatizam as ações educativas e de lazer como uma responsabilidade da equipe frente ao envelhecimento.

Quadro 9 – Ações educativas e lazer como responsabilidades da equipe de enfermagem frente ao envelhecimento

Categoria 2: Ações educativas e lazer.	
E3	“Ações educativas, visita domiciliar, distração, lazer etc. quanto a essas responsabilidades estamos precisando de mais atenção.”
E4	“Compromisso com a saúde do idoso, atividades ao ar livre, lazer e estar atentos sobre os riscos que estão expostos. Trabalhar junto com a família através de orientações, palestras e das visitas domiciliares orientado quanto aos cuidados com a pessoa idosa.”
E5	“Realizar uma assistência adequada, através de ações educativas com palestras, orientações, os profissionais não devem se prender apenas nos aspectos fisiológicos do envelhecimento, realizar caminhadas, atividades educativas, acompanhar o idoso fora das dependências da unidade.”
E7	“Incentivar através atividades diversificadas e educativas, palestras, atividade física, dentre outras, que as pessoas enquanto mais jovens se cuidem se preparam para um envelhecimento saudável.”

Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Através das falas dos entrevistados dessa categoria foi possível perceber que as responsabilidades da equipe frente ao envelhecimento está baseado na oferta de ações educativas e atividades diversificadas como caminhadas ao ar livre, palestras, entre outras. Uma das alternativas mais importantes para garantir a autonomia e independência do idoso, assim como envelhecer de forma saudável e ativa são as ações educativas e atividades diversificadas, onde o idoso possa exercitar o corpo e a mente, essas ações podem ser ministradas pela equipe de enfermagem na busca de ofertar melhor qualidade de vida aos idosos.

Os profissionais de saúde devem orientar os idosos a adotar atitudes saudáveis visando melhora na qualidade de vida. Algumas dessas atitudes podem ser elencadas: realização de atividade física regular, consultas para avaliação dos níveis de pressão arterial e uso de medicamentos e os cuidados com o ambiente em que o idoso vive. O profissional de enfermagem pode participar de forma ativa no desenvolvimento destas atividades, atuando como educador em saúde, por meio de palestras com os idosos e seus familiares. (MACHADO et al., 2009).

Assim, fomentar ações de Educação em Saúde é fundamental para que ocorra maior aproximação neste espaço que auxilia o idoso a ter domínio sobre as questões que venham melhorar seu desempenho diário em diferentes funções, sendo que, a educação em saúde visa promover o desenvolvimento do conhecimento. Com isso melhora a qualidade de vida e saúde das pessoas envolvidas neste processo. (MARTINS et al., 2007).

A sexta pergunta questiona sobre: **Quais as prioridades da equipe de enfermagem para melhoria da atenção integral à saúde da população idosa?** Elaborou-se duas categorias mediante semelhança das respostas dos entrevistados de modo a contextualizar os dados obtidos.

Quadro 10 – Capacitação dos profissionais como prioridades da equipe de enfermagem para melhoria da atenção integral à saúde da população idosa

Categoria 1: Capacitação de profissionais	
E1	“Necessita de profissionais que acompanhem em exercícios como caminhadas, reuniões com outros idosos, passeios, lazer em geral, e prevenção de agravos, promoção da saúde dos idosos.”
E5	“Enxergando o idoso como um todo, os profissionais devem estar sensibilizados e capacitados as necessidades dessa população, portando nossa prioridade é proteger o idoso e promover a saúde dos mesmos”.
E7	“Por não existir um programa específico, nem profissionais capacitados para o atendimento ao idoso, os mesmo são atendidos de forma geral como os outros usuários, visamos à promoção da saúde e prevenção de agravos.”

Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

A análise das informações desta categoria mostra que os profissionais defendem que, para que haja uma atenção à saúde do idoso com qualidade, os profissionais da equipe devem ser capacitados para lidar com essa parte da população que necessita de um atendimento específico com algumas particularidades. Cabe

ressaltar que uma equipe com profissionais qualificados e com experiência na atenção ao idoso, trará grandes benefícios na qualidade de vida do idoso atendido na ESF que é a porta de entrada no serviço de saúde.

Conforme afirma Diogo (2004), devem-se expandir as capacitações em gerontologia, formando profissionais cada vez mais capacitados para atuar na atenção à saúde dos idosos, principalmente nas ESF's, tendo em vista que estas são consideradas as portas de todo sistema de saúde.

Corroborando com o autor acima, Piccini et al., (2006) diz que os profissionais de saúde que atuam na ESF devem estar capacitados em termos de conhecimento, habilidades e atitudes para elaborar e operar protocolos para ações programáticas específica às necessidades da população idosa de maneira integrada com as demais da rede de cuidado social. Esta exigência se torna mais relevante quando se identifica a carência de especialistas e de serviços especializados neste núcleo de conhecimento à disposição do SUS.

A segunda categoria foi formulada com base nas afirmações dos entrevistados que dizem que a prioridade de equipe é a prevenção e promoção da saúde dos idosos visando melhoria na atenção a saúde desta parcela da população.

Quadro 11 –Prevenção e promoção da saúde como prioridades da equipe de enfermagem para melhoria da atenção integral à saúde da população idosa

Categoria 2: Prevenção e Promoção de saúde	
E2	“Realizar busca ativa de seus riscos e danos, compreendendo os aspectos funcionais, sociais, emocionais visando à promoção, prevenção, cura e reabilitação das condições de saúde.”
E3	“A prioridade é com prevenção de novas patologias e agravo das que já estão acometidos e promover saúde os nossos idosos precisam urgente de uma boa caminhada, dias de lazer, juntamente com todos os companheiros da saúde.”
E4	“Orientar e observar os riscos aos quais está exposto buscando prevenir novos agravos, treinar e educar aos cuidados com alimentação uso de medicação e aos fatores relacionados ao risco de quedas.”
E6	“Abranger a prevenção, promoção e proteção da saúde do idoso.”

Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Nesta última categoria, percebe-se pela fala dos entrevistados que a prioridade na melhoria da atenção à saúde dos idosos está na prevenção e promoção da saúde dessa população. A população idosa talvez seja a mais exposta a riscos tais como: acidentes, doenças crônicas, infecções, entre outras. Realizar ações de prevenção à saúde desses idosos com certeza deve ser uma prioridade da equipe de enfermagem que atua na ESF visando diminuição da probabilidade de ocorrência de riscos, ou que ocorra de forma menos grave nos indivíduos ou nas coletividades. A promoção da saúde deve ser permanente buscando a erradicação de ocorrência de agravos na saúde do idoso.

A promoção da saúde é vista por Santos et al., (2008 p. 650) como:

[...] um processo de capacitação da comunidade, visando à melhoria de suas condições de vida e saúde. As ações de promoção resultam da combinação de ações do Estado nas respectivas políticas públicas de saúde; das ações

comunitárias; de ações dos próprios indivíduos, para o desenvolvimento das suas habilidades e de intervenções para as ações conjuntas intersetoriais.

A Promoção da Saúde dos idosos deve levar em conta um bom funcionamento mental, físico e social, bem como, a prevenção de enfermidades e incapacidades (COSTA, FRACOLLI, 2007). As equipes de enfermagem devem atuar de maneira persistente em ações de promoção e prevenção para a saúde do idoso, desenvolvendo assim, hábitos saudáveis e edificando um perfil de idoso com maior qualidade de vida e satisfação.

A Promoção da saúde do idoso é uma das principais diretrizes da Política Nacional da Saúde de Pessoa Idosa, configura uma das ações da equipe de enfermagem junto a ESF que deve ser encarada como uma prioridade frente ao idoso, buscando através da promoção da saúde do idoso garantia de melhores condições de vida e saúde a essa faixa etária que necessita de atenção especial e integral.

Na sétima pergunta os profissionais foram questionados sobre: **“Envelhecer é um processo fisiológico e natural pelo qual todos os seres vivos passam e é, sem dúvida, a maior fase do desenvolvimento humano. Como a equipe de enfermagem atua para a promoção do envelhecimento ativo e saudável?”.** Elaborou-se para esta pergunta uma categoria mediante semelhança das respostas dos entrevistados de modo a contextualizar os dados obtidos.

Quadro 12 – Atuação da equipe de enfermagem para a promoção do envelhecimento ativo e saudável

Categoria 1: Não atua	
E1	“Não atua ativamente, oferece o mínimo de assistência, alguns profissionais não atende o idoso com atenção e carinho.”
E2	“Infelizmente não realizamos atividades que promovam o envelhecimento saudável.”
E3	“Não participam, os nossos idosos faltam estar pedindo socorro, precisamos de pessoas especialmente dedicadas a elas e que saibam trabalhar com idosos.”
E4	“Não realizamos nenhuma ação que promova o envelhecimento saudável.”
E5	“Atendemos suas necessidades quando procuram a ESF não atuamos efetivamente na promoção do envelhecimento saudável.”
E6	“A equipe não realiza atividades voltadas para o envelhecimento saudável só atendemos as queixas dos idosos quando procuram.”
E7	“Até o presente momento não há nenhuma atividade/intervenção como os idosos que promova o envelhecimento ativo e saudável.”

Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

A promoção do envelhecimento ativo e saudável é uma das diretrizes essenciais que compõem a PNSPI. Segundo Gordilho et al., (2000) a promoção do envelhecimento ativo e saudável está voltado ao desenvolvimento de ações que orientem os idosos e as pessoas que estão adentrando essa faixa etária em relação à importância da melhoria de suas habilidades funcionais, através da adoção precoce de hábitos saudáveis de vida, a

eliminação de comportamentos nocivos à saúde, além de orientação aos idosos e seus familiares quanto aos riscos ambientais favoráveis a quedas.

Os dados desta categoria revelam que 100% dos profissionais entrevistados afirmam que a equipe não realiza nenhuma atividade ou ação que promova o envelhecimento ativo e saudável. Tal informação demonstra que a equipe não atende os idosos em sua totalidade. É papel da equipe de enfermagem, especialmente do enfermeiro, criar formas de atuação com os idosos que os ajudem a manter sua independência e um envelhecimento saudável, melhorando assim sua qualidade de vida.

Nunes et al., (s/d, p. 373) enumeram algumas maneiras de atuação do enfermeiro na promoção do envelhecimento ativo e saudade :

Durante seu trabalho, o enfermeiro pode contribuir para a promoção do envelhecimento ativo e saudável ao articular seus saberes com o de outros profissionais; ao realizar a escuta ativa e estimular os idosos a desenvolverem suas atividades normais e a colocarem suas habilidades em prática, a partir de oficinas e palestras reflexivas e motivadoras.

Na oitava pergunta os profissionais foram questionados sobre: **Quais as dificuldades vivenciadas pela equipe de enfermagem na atenção integral a saúde do idoso na ESF de Cabeceira Grande?** Na amostragem dos dados foi possível a formulação de duas categoriais.

Quadro 13 – Desinteresse da equipe como dificuldade na atenção integral a saúde do idoso

Categoria 1: Desinteresse da equipe	
E1	“Falta de interesse e compromisso dos profissionais, a grande maioria visam apenas o próprio bem.”
E2	“Afinidade entre a equipe, falta de interesse para desenvolver atividades que traga melhorias para os idosos.”
E3	“Falta motivação, basta às pessoas competentes arregaçarem as mangas que as coisas acontecem.”
E7	“A realidade do nosso município é de que não houve um empenho da equipe e do gestor para criar uma política de atendimento específica para idosos.”

Fonte: Dados da pesquisa, 2014

Ao analisar esta questão percebe-se que os profissionais de enfermagem se deparam com dificuldades que podem ser resolvidas através do dialogo entre o coordenador da equipe e seus membros, acredita-se que os profissionais que trabalham como o seu semelhante, devem tratá-lo como ser humano, ou seja, com igualdade, aproximação, respeito, demonstrando interesse em resolver seu problema, tentando fazer o melhor. O profissional de enfermagem deve sempre acolher o idoso de forma humanizada, com amor e respeito, pois, ele é o contato mais próximo que o idoso tem na ESF. Agindo com desinteresse no atendimento ao idoso a equipe mostra que desconhece as políticas de humanização.

Humanizar em saúde é atender as necessidades do outro com responsabilidade, levando em conta seus desejos e interesses, envolve valorização dos diferentes sujeitos implicados no processo de produção de saúde, estabelecendo vínculos solidários,

participação coletiva no processo de gestão e a indissociabilidade entre atenção e gestão. Humanização é o processo de produção de saúde proporcionando um atendimento integral ao usuário (BRASIL, 2004; BRASIL, 2003b).

Todos os profissionais da ESF devem oferecer ao idoso e sua família uma atenção humanizada com orientação, acompanhamento e apoio domiciliar. Para a efetivação de uma assistência humanizada, os profissionais devem planejar e programar as ações, estar preparados para lidar com as questões do processo de envelhecimento e buscar sempre o máximo de autonomia dos usuários. (BRASIL, 2006a).

A Categoria 2 foi elaborada por meio das respostas distintas ao que se refere aos fatores que dificultam o atendimento integral ao idoso, na amostragem de dados da oitava pergunta.

Quadro 14 – Ausência de profissionais capacitados como dificuldade na atenção integral a saúde do idoso

Categoria 2: Ausência de Profissionais Capacitados	
E4	“Deficiência de profissionais especializados e centro de convivência e lazer para idosos.”
E5	“Falta de profissional especializado, treinamentos e recursos financeiros.”
E6	“Faltam profissionais capacitados para realizar atividades.”

Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

De acordo com Fonte (2002, p. 156) “se não houver recursos humanos treinados especialmente para atender os idosos, não haverá uma atenção integral, integrada, digna e eficaz.”

Corroborando com autor e com as afirmações da equipe a falta de profissionais capacitados e treinados para atender os idosos, torna-se um empecilho para que haja um atendimento de qualidade e integral que traga a satisfação do idoso e atenda a todas as suas necessidades de saúde, no entanto, não é necessário que somente profissionais especializados façam este atendimento, cabe a própria equipe se mobilizar e requerer capacitações e treinamentos que tragam conhecimentos específicos para atender esse público.

As necessidades de capacitação são as carências de preparo profissional das pessoas, ou seja, a diferença entre o que uma pessoa deveria saber e fazer e aquilo que ela realmente sabe e faz (CHIAVENATO, 2005). Por esta razão a capacitação de pessoas na organização deve ser uma atividade contínua, constante e ininterrupta.

Na nona pergunta os profissionais foram interrogados sobre: “**Existem recursos na comunidade direcionados à saúde do idoso? Quais?** Foi possível a elaboração de apenas uma categoria mediante os dados colhidos.

Quadro 15 – Recursos na comunidade direcionados à saúde do idoso

Categoria 1: Ausência de recursos	
E1	“Em nossa sociedade não, mas já temos previsão de uma academia ao ar livre já para este ano, formação de grupos de auto massagem e outros projetos para ser implantados.”
E	“Não, até o momento não dispomos de recursos voltados à saúde do idoso.”

2	
E	“Ainda não, este ano terá a academia de saúde ao ar livre.”
3	
E	“Não, mas será implantada no município a academia ao ar livre.”
4	
E	“Não, que eu saiba.”
5	
E	“Não.”
6	
E	“Que eu tenha conhecimento não.
7	

Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

O que pode ser observado na análise das respostas para esta categoria, é que 100% dos profissionais afirmam que na comunidade não existe recurso direcionado à saúde do idoso. Conclui-se que a administração do município de Cabeceira Grande-MG não desenvolveu nenhum projeto voltado para atenção à saúde do idoso na comunidade, mas o que os entrevistados afirmam é que a previsão da implantação de uma academia de saúde ao ar livre que poderá atender a essa parcela da população, uma vez que a atividade física favorece o envelhecimento ativo e saudável.

A finalidade das academias ao ar livre é oferecer aos cidadãos a possibilidade de praticarem uma atividade física sem precisar pagar diretamente por isso. Os equipamentos encontrados nas academias ao ar livre são destinados à prática de atividades para indivíduos da terceira idade, embora possam ser utilizados por pessoas de várias faixas etárias. A prática regular de exercícios é muito importante, principalmente para os indivíduos da terceira idade, visto que apresenta vários benefícios que se manifestam em todos os aspectos no organismo. (NOGUEIRA, FERNANDES, 2013).

Corroborando com a fala do autor, a academia ao ar livre é um ótimo recurso na comunidade para oferecer saúde e qualidade de vida de toda população, a prática de exercício físico traz muitos benefícios à saúde, principalmente, aos indivíduos da terceira idade que necessitam da adoção de hábitos saudáveis na busca de favorecer um envelhecimento saudável e melhor qualidade de vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante as discussões do elemento de estudo aqui evidenciado, a pesquisa envolveu informações com a finalidade de buscar respostas para a problemática que deu origem a este estudo: A atuação da equipe de enfermagem da Estratégia Saúde da Família do município de Cabeceira Grande favorece a integralidade do atendimento as necessidades de saúde do idoso?

Levando em consideração a hipótese levantada no início do estudo em relação às respostas dessa problemática que seria a atuação da equipe de enfermagem não está contribuindo para a integralidade do atendimento as necessidades de saúde dos idosos, foi possível confirmar tal hipótese uma vez que os resultados apontaram que os profissionais pesquisados têm conhecimento de como deve ser realizado o atendimento integral ao idoso, porém, demonstram não ter afinidade entre a própria equipe de enfermagem e não dispõem de profissionais capacitados para o trabalho com a população idosa. A falta de interação entre a Equipe de Enfermagem e o pequeno

número de profissionais capacitados da Estratégia Saúde da Família de Cabeceira Grande-MG, são causadores de má qualidade na atenção integral a Saúde do Idoso.

O desempenho da equipe de enfermagem diante da assistência nos cuidados ao idoso deve objetivar sempre a melhoria na qualidade de vida e promoção do envelhecimento ativo e saudável, através da manutenção da autonomia e capacidade funcional, para que haja a integralidade na atenção a saúde do idoso, a equipe deve estar atenta a todas as alterações inerente a essa faixa etária, o profissional de enfermagem torna-se essencial dentro da ESF, portanto, é necessária uma máxima dedicação por parte desses profissionais, considerando os pacientes idosos dignos de um cuidado mais humanizado que atenda todas suas necessidades de saúde.

Deste modo, é importante salientar que o objetivo principal deste estudo consistiu em relatar o entendimento dos profissionais de enfermagem sobre atenção integral e necessidades de saúde dos idosos, da Estratégia Saúde da Família do Município de Cabeceira Grande – MG. Dessa forma é válido salientar que o objetivo proposto por este estudo foi alcançado, sendo possível perceber que os profissionais que compõem a equipe de enfermagem compreendem o conceito de atenção integral à saúde do idoso, definem como atendimento prioritário baseado no respeito, carinho e dedicação, visando a promoção, prevenção, proteção e recuperação da saúde. O idoso tem direito a atenção integral à saúde, através do SUS, com acesso universal e igualitário, garantido pelo Estatuto do Idoso e pela PNSPI.

Perante os resultados desta pesquisa, percebe-se que existe um déficit na assistência prestada aos pacientes idosos relativo à atenção integral a saúde do idoso pela equipe de enfermagem a ESF, podendo ser esclarecido e confirmado mediante as repostas do questionário, sendo que os profissionais ao serem indagados quanto ao que é o atendimento integral ao idoso houve afinidade entre as repostas, o que pode favorecer a qualidade do atendimento, porém, os profissionais afirmam não realizá-lo de maneira satisfatória, foi constatado também que a equipe não realiza nenhum tipo de ação direcionada à saúde do idoso referente à atenção as necessidades de saúde, sendo que enfermeiro é um profissional que atua diretamente na realização das ações voltadas para a saúde do idoso, por isso, torna-se importante o conhecimento de estratégias amplas que visam a melhoria da qualidade de vida, a autonomia e independência destas pessoas, nota-se que a equipe de enfermagem desconhece as diretrizes existentes na PNSPI que é considerada como guia das possíveis ações a serem realizadas para a promoção da saúde da pessoa idosa, pode-se perceber através das respostas dos entrevistados que a ESF não dispõe de profissionais capacitados para o atendimento individualizado ao idoso em suas particularidades, o que prejudica diretamente a qualidade da assistência prestada a essa faixa etária.

Outro ponto que prejudica a realização de um atendimento integral e de qualidade é a falta de interação entre a equipe e também a falta de motivação dos profissionais, sendo que um bom relacionamento entre a equipe contribui para uma organização de novas formas de trabalho, do vínculo e acolhimento ao paciente favorecendo um atendimento com qualidade e resolutividade, foi averiguado que a equipe dá prioridade e tem como responsabilidades a visita domiciliar e a prevenção e promoção da saúde do idoso, no entanto, ao analisar as respostas observou-se que a equipe não atua na promoção do envelhecimento ativo e saudável, sendo que esta é uma das diretrizes da PNSPI e uma atribuição da Atenção Básica, foi constatado que a ESF não possui uma estrutura adequada para realização de atividades com os idosos e que a comunidade não dispõe de recursos que poderiam ser utilizados pelos idosos, o que se percebe é que a assistência à saúde do idoso não vem sendo realizada de modo adequado, confirmando assim a hipótese desenvolvida no início do estudo.

Assim, este estudo possibilitou um amplo conhecimento referente à atuação da equipe de enfermagem da Estratégia Saúde da Família na atenção integral a saúde do idoso, fazendo-se necessário um estudo detalhado ao que se refere aos pacientes idosos e a atuação da equipe enfermagem na busca da integralidade do atendimento a essa população, no campo de atuação dos profissionais de enfermagem da ESF, à saúde do idoso, deve visar cuidados para manutenção do seu estado de saúde com uma expectativa de vida ativa, junto a seus familiares e a comunidade onde vivem, tendo em vista sua independência funcional e sua autonomia.

Entretanto, reconhecendo a relevância da temática estudada acredita-se na necessidade de um aprofundamento mediante ao estudo abordado, espera-se que outros acadêmicos da área da saúde possam prosseguir o estudo dedicando esforços na busca de elementos que auxiliem nos atendimentos oferecidos aos idosos nas Unidades de Saúde, de modo a garantir o que se determina no Estatuto do Idoso no que tange a integralidade do atendimento ao idoso reconhecendo-os como merecedores de uma assistência de melhor qualidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Aline Geisy de. **Atenção Integral á saúde do idoso na atenção primaria**. 2010. Dissertação – (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais. 2010. Disponível em: <<http://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2521.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2012.

ANDRADE, Marilda; LOBO, Eric Leonard. A importância da visita domiciliária para o idoso portador de doença crônica após a alta hospitalar. **Informe-se em promoção da saúde**, v.3, n.2.p.12-14, 2007. Disponível em: <www.uff.br/promocaoadasaude/visita.pdf>. Acesso em: 24 out. 2014.

ASSIS, M. Aspectos sociais do envelhecimento. In: SALDANHA, A.L.; CALDAS, C.P. (orgs). **Saúde do idoso: a arte de cuidar**. 2 ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2004, p.11-21.

BATISTA, Maria Aparecida da Silva; SILVA, Francisco de Assis Batista. **A consulta de enfermagem ao idoso: aspectos relevantes**. 2007. Disponível em: <revistafacessa.senaaires.com.br/index.php/periodicos/rt/.../4/0>. Acesso em: 04 abr. 2012.

BELTRÃO, K. I.; CAMARANO, A. A.; KANSO, S. **Mudanças nas condições de vida dos idosos rurais brasileiros: resultados não-esperados dos avanços da Seguridade Rural**. 2004. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_alap/PDF/ALAP_2004_288.PDF>. Acesso em: 05 set. 2014.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol. Univ.** Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=BBO&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=32528&indexSearch=ID>>. Acesso em: 20 out. de 2014.

BORBA, Carla Porto; SANTOS, Acácia Henrique; ANDRADE, Patrícia de Melo; MELO, Silva Maria de. **O papel da enfermagem no envelhecimento**: uma realidade educacional. Disponível em:<<http://189.75.118.67/CBCENF/sistemainscricoes/arquivosTrabalhos/o%20papel%20da%20enfermagem%20no%20envelhecimento.pdf>>. Acesso em: 21 maio. 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. **Atenção à saúde da pessoa idosa e envelhecimento**. Brasília-DF: Ministério da Saúde, 2010, 44 p.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Envelhecimento e saúde da pessoa idosa**. Brasília-DF: Ministério da Saúde, 2006a.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção a Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Atenção Básica**. Brasília-DF: Ministério da Saúde, 2006b, p.61.

_____. Ministério da Saúde. **HumanizaSUS**: gestão participativa e co -gestão. Textos Básicos de Saúde, on line. Brasília-DF, 2004. Disponível em:<<http://.saude.gov.br>>. Acesso em: 20 out. 2014.

_____. **Decreto nº 5.296 de 2 de dezembro de 2004**. Regulamenta as Leis nºs 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. **Diário Oficial da Republica Federativa do Brasil**. Brasília-DF, 02 dez. 2004. Seção 1, p. 5. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm>. Acesso em: 20 out. 2014.

_____. Ministério da Saúde. **Estatuto do idoso**. Brasília-DF: Ministério da Saúde; 2003a.

_____. Ministério da Saúde. **HumanizaSUS**: Política Nacional de Humanização. Brasília-

CARVALHO, José Alberto Magno de; GARCIA, Ricardo Alexandrino. O envelhecimento da população brasileira: um enfoque demográfico. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n.3, maio/jun. 2003. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/csp/v19n3/15876.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2012.

CARVALHO, Rosangela Rodrigues de. **Política nacional de saúde da pessoa idosa: competência dos cuidadores de pessoas dependentes**. Dissertação – (Pós Graduação) - CEFOR. Brasília, 2011. Disponível em:<<http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/6228/politica-nacional-carvalho.pdf?sequence=4>>. Acesso em: 10 maio. 2012.

CECÍLIO, L. C. O., 2001. As necessidades de saúde como conceito estruturante na luta pela integralidade e equidade na atenção em saúde. In: PINHEIRO, R; MATTOS, R.A. **Os Sentidos da Integralidade na Atenção e no Cuidado à Saúde**. 3ª ed. Rio de Janeiro: ABRASCO, 2006.

Disponível em: <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=1147933&pid=S1413-8123200700040001800011&lng=en>. Acesso em: 24 abr. 2012.

CHIAVENATO, I. **Gestão de pessoas: o novo papel dos recursos humanos nas organizações**. Rio de Janeiro: Campos; 2005.

COSTA, C.R; FRACOLLI, L.A. O processo de enfermagem em atenção primária à saúde. In: SANTOS, A.S, MIRANDA, S.M.R.C, organizadoras. **A enfermagem na gestão em atenção primária à saúde**. Barueri, SP: Manole; 2007. p. 147-65.

COSTA, G.D; COTTA, R.M.M; FERREIRA, M.L.S.M; REIS, J.R;FRANCESCHINI, S.C.C. Saúde da família: desafios no processo de reorientação do modelo assistencial. **REBEN**, v.62, n. 1, jan/fev. 2009, p. 113-8. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v62n1/17.pdf>>. Acesso em: 03 set. 2014.

COSTA, Maria Fernanda Baeta Neves Afonso da. **Atenção integral a saúde do idoso na atenção primária: os sistemas brasileiro e espanhol**. 2009. Dissertação – (Doutorado) - Universidade de São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/7/7141/tde-11012010-145216/>>. Acesso em: 24 abr. 2012.

FACHIN, O. **Fundamentos de Metodologia**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

FONTE, Isolda Belo. **Diretrizes internacionais para o envelhecimento e suas consequências no conceito de velhice**. São Paulo: 2002. 1-15. Disponível em: <www.abep.nepo.unicamp.br>. Acesso em: 15 out. 2014.

GORDILHO, Adriano; NASCIMENTO, João Sérgio; SILVESTRE Jorge; RAMOS, Luiz Roberto, FREIRE, Margarida Paes Alves; ESPINDOLA, Neidil; MAIA, Renato; VERAS, Renato; KARSCH, Ursula. **Desafios a serem enfrentados no terceiro milênio pelo setor saúde na atenção ao idoso**. Rio de Janeiro: UnATI, 2000. p. 90.

HARTZ, Z. M. A; CONTANDRIOPOULOS, A. P. Integralidade da atenção e integração de serviços de saúde: desafios para avaliar a implantação de um “sistema sem muros”. **Cadernos de Saúde Pública**, v.20 n.2, 2004, p.331-336. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v20s2/26.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2012.

HOLANDA, Vânia do Perpetuo Socorro Bastos Contanhêde. **Atenção à saúde do idoso na prática diária da equipe do programa saúde da família**. Dissertação – (Mestrado) - Universidade Federal do Maranhão, 2007. Disponível em: <<http://www.academicoo.com/artigo/atencao-a-saude-do-idosona-pratica-diaria-da-equipe-do-programa-de-saude-da-familia-sao-luis-2006>>. Acesso em: 17 maio. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Sinopse do Senso Demográfico de 2010**. Rio de Janeiro, 2011.

Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default_s_inops.shtm>. Acesso em: 04 ago. 2014.

_____. **Estudos e pesquisas informações demográficas e socioeconômicas: perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil 2000**. Rio de Janeiro, 2002. p. 24. Disponível em: <www.ibge.gov.br/home/estatistica/.../perfilidoso/perfidosos2000.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2014.

JARDIM, Viviane Cristina Fonseca da Silva. **Perfil epidemiológico de mulheres idosas participantes de grupos de convivência**. Dissertação (Mestrado) - Centro de Pesquisas Ageu Magalhães, Recife, 2007. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=527776&indexSearch=ID>>. Acesso em: 11 maio. 2012.

KUZNIER, Tatiane Prette. O significado do envelhecimento e do cuidado para o idoso hospitalizado e as possibilidades do cuidado de si. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2007. 124f. Disponível em: <www.ppgenf.ufpr.br/DissertaçãoTatianeKuznier.PDF>. Acesso em: 16 set. 2014.

MACHADO J.C; RIBEIRO R.C.L; LEAL, P.F.G; COTTA, R.M.M. Avaliação do declínio cognitivo e sua relação com as características socioeconômicas dos idosos em Viçosa-MG. **Rev Bras Epidemiol**, v.10, n.4, 2007, p.592-605. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/rbepid/v10n4/16.pdf>. Acesso em: 15 out. 2014.

MACHADO, T. R. et al. Avaliação da presença de risco para queda em idosos. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v.11, n.1, p. 32-38, 2009. Disponível em: <www.fen.ufg.br/revista/v11/n1/pdf/v11n1a04.pdf>. Acesso em: 23 out. 2014.

MARTINS, J. de J.; BARRA, D.C.C.; SANTOS, T.M.; HINKEL, V.; NASCIMENTO, E. R.P. do; ALBUQUERQUE, G.L.; ERDMANN, A.L. Educação em saúde como suporte para a qualidade de vida de grupos da terceira idade. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, 2007 Mai-Ago; v.9, n.2, p. 443-456. Disponível em: <www.fen.ufg.br/revista/v9/n2/pdf/v9n2a12.pdf>. Acesso em: 23 out. 2014.

MATOS, D.L; LIMA-COSTA, M.F. **Tendência na utilização de serviços odontológicos entre idosos brasileiros e fatores associados**: um estudo baseado na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (1998 e 2003). **Cad Saúde Pública**, v.23, n.11, 2007, p.2740-8. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v23n11/20.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2014.

MATOS, E; PIRES, D.E.P; CAMPOS, G.W.S. **Relações de trabalho em equipes interdisciplinares**: contribuições para a constituição de novas formas de organização do trabalho em saúde. **Rev. Bras. Enferm**, v.2, n.6, dez. 2009. Brasília (DF). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v6n6/a10v6n6.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2014.

MAZO, G. Z; LOPOES, M. A; BENEDETTI, T. B. **Atividade física e o idoso**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

MENDES, M.R.S.S.B. **O cuidado com os pés: um processo em construção.** Dissertação – (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina; 2000.
Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000094&pid=S0103-2100200500040001100002&lng=>. Acesso em: 01 set. 2014.

MENDES, W. Home Care: **uma modalidade de assistência à saúde.** Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <www.crdeunati.uerj.br/publicacoes/textos_Unati/unati4.pdf>. Acesso em: 02 set. 2014.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Saúde. **Atenção à saúde do idoso.** Belo Horizonte: SAS/MG, 2006. 186 p.

MOTTA, Luciana Branco da; AGUIAR, Adriana Cavalcanti de. **Novas competências profissionais em saúde e o envelhecimento populacional brasileiro:** integralidade, interdisciplinaridade e intersetorialidade. 2006.
Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232007000200012> Acesso em: 17 maio. 2012.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

1.0. GERAIS

O principal objetivo da Revista FACTU CIÊNCIA é promover a divulgação da produção intelectual do corpo docente e discente da Faculdade e também de profissionais externos à instituição. A revista fará as publicações de artigos originais, revisões literárias, resenhas de assuntos correlatos à diversas áreas.

2.0. CONDIÇÕES PARA A PUBLICAÇÃO

Todos os textos serão submetidos à Comissão Editorial da Revista, o material enviado deverá ser inédito e não poderá ser enviado a outras publicações. Os originais não serão devolvidos.

A extensão de cada trabalho deverá seguir os seguintes critérios:

- Artigos: máximo de 20 laudas;
- Revisões literárias: máximo de 20 laudas;
- Resenhas: de 3 a 5 laudas;

O trabalho deverá ser formatado em MSWord 2007, obedecendo às seguintes recomendações: o trabalho deve ser apresentado em papel branco, formato A4 (21 cm x 29,7 cm), digitados na cor preta com exceção das ilustrações, no anverso da folha. Deve ser utilizada a fonte tamanho 12 (times new roman) para o texto e tamanho 10 para citações de mais de três linhas, notas de rodapé, paginação, legendas das ilustrações e tabelas. Títulos serão destacados em negrito e caixa alta, subtítulos devem estar em caixa alta sem negrito, o uso de itálico deve ser limitado a palavras ou expressões em outro idioma, no decorrer do texto palavras (não expressões) podem ser destacas utilizando-se negrito.

Todos os trabalhos devem ser apresentados em formato digital em que conste apenas o trabalho a ser examinado, acompanhado de 02 (duas) vias impressas, juntamente de uma carta encaminhada ao Editor da Revista autorizando sua publicação. O nome do arquivo deve ser o nome do autor, ex: seunome.doc.

As traduções deverão vir acompanhadas de autorização do autor e do original do texto. Quadros, tabelas, gráficos, ilustrações e fotos devem ser apresentados em folhas separadas com os respectivos títulos, comunicação da fonte e em condições ótimas para reprodução (para formatação desses elementos solicitar o Manual de Normas para publicação da FACTU).

3.0. APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

Página de rosto: a primeira página de cada artigo deverá indicar o título, o nome completo dos autores (máximo cinco), maior titulação e local(s) de trabalho.

Resumo: na segunda folha deverá constar um resumo em português de, no máximo, 150 palavras. O resumo deverá especificar o objetivo, uma breve descrição da metodologia, os apontamentos principais e as conclusões.

Palavras-chave: após o resumo em português, na mesma folha, é essencial uma lista de 3 a 5 palavras em português que descreva o conteúdo do trabalho.

Abstract: na terceira folha deverá constar o resumo em inglês, com no máximo 150 palavras, seguindo as mesmas especificações do resumo em português.

Texto: os artigos originais que contiverem coleta de dados **em campo** deverão obedecer, em linhas gerais, à seguinte seqüência: introdução; referencial teórico; metodologia; resultado e discussão dos dados; considerações finais e referências. As

revisões bibliográficas deverão obedecer a seguinte sequência: introdução, desenvolvimento, considerações finais e referências.

Para resenhas é dispensado o resumo.

4.0. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

As referências são alinhadas somente à margem esquerda do texto, sem o uso de recuo, digitadas em espaçamento simples e separadas entre si com espaço duplo. Devendo ser apresentadas em ordem alfabética em lista no final do trabalho, de forma complementar pode ser apresentada em nota de rodapé.

Indica(m)-se o(s) autor(es) pelo último sobrenome em letras maiúsculas, seguido do(s) prenome(s) e outros sobrenomes, abreviado(s) ou não. Recomenda-se adotar um padrão quanto ao uso ou não da abreviação.

PADRÃO DE UMA REFERÊNCIA:

<p>SOBRENOME, Prenomes do autor. Título: subtítulo. ed. Local: Editora, ano. FONSECA, Maria Guadalupe Piragibe da. Iniciação à pesquisa no direito: pelos caminhos do conhecimento e da invenção. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.</p>

5.0 CITAÇÕES

As citações podem ser diretas ou indiretas, sejam obtidas de documentos ou de canais informais. As fontes de que foram tiradas as citações são indicadas pelo sistema alfabético ou pelo sistema numérico, no entanto, qualquer que seja o método adotado, deve ser seguido consistentemente ao longo de todo o trabalho. Existem alguns tipos de citação que explicaremos a seguir:

5.1 CITAÇÃO DIRETA

É a **transcrição literal** de um texto ou parte dele, conservando-se a grafia, pontuação, uso de letras maiúsculas e idioma. É usada somente quando um pensamento significativo for particularmente bem expresso, ou quando for absolutamente necessário e essencial transcrever as palavras de um autor. As transcrições no texto devem aparecer entre aspas quando inferior a 3 três linhas ou destacadas graficamente se superior.

a) **citação de até três linhas:** a citação de até três linhas deve ser inserida no parágrafo, entre aspas, tamanho da fonte 12, não se esquecendo de mencionar Autor, ano e página, conforme modelo a seguir:

b)

Ex.1

Segundo Paulus (1775, p. 46) O “tratamento obtido pela nobreza portuguesa na corte de Madri deveu-se à exímia intervenção de D. Francisco.”

OU

Ex. 2

O “tratamento obtido pela nobreza portuguesa na corte de Madri deveu-se à exímia intervenção de D. Francisco.” (PAULUS, 1775, p. 46).

b) **citação com mais de três linhas:** a citação com mais de três linhas deve aparecer em parágrafo distinto, a 4 centímetros da margem do texto terminando na margem direita. Esta **deve** ser apresentada **sem aspas**, deixando-se espaço simples entre as linhas e 2 (dois) espaços simples entre a citação e os parágrafos anterior e posterior, conforme modelo:

Ex. 1:

Um objetivo é um alvo que precisa ser atingido para a organização poder atingir suas metas. Os objetivos são, por natureza, mais específicos que a definição da missão e são, na realidade, a tradução da missão em termos específicos e concretos com os quais se possa medir os resultados. Estabelecem-se muitos objetivos-marcos de execução das missões e da busca da consecução das metas. (STONER, 1985, p. 70).

Ou

Ex. 2:

Para Stoner (1985, p. 70),

Um objetivo é um alvo que precisa ser atingido para a organização poder atingir suas metas. Os objetivos são, por natureza, mais específicos que a definição da missão e são, na realidade, a tradução da missão em termos específicos e concretos com os quais se possa medir os resultados. Estabelecem-se muitos objetivos-marcos de execução das missões e da busca da consecução das metas..

5.2 CITAÇÃO INDIRETA

Também conhecida como **paráfrase**, é redigida pelo autor do trabalho com base em idéias de outro autor ou autores. Deve-se sempre indicar a fonte de onde foi tirada a idéia. As citações indiretas podem aparecer sob a forma de paráfrase, isto é, citação livre do texto, ou em forma de condensação que é a síntese dos dados retirados da fonte consultada, sem alterar fundamentalmente a idéia do autor, conforme exemplo a seguir.

Ex. 1

A palavra programa implica, um papel ativo, consciente e racional desempenhado por administradores na formulação da estratégia da organização e a estratégia é o programa geral para a consecução dos objetivos de uma organização (STONER, 1985).

Ou

Ex. 2

Segundo Stoner (1985), a palavra programa implica, um papel ativo, consciente e racional desempenhado por administradores na formulação da estratégia da organização e a estratégia é o programa geral para a consecução dos objetivos de uma organização.

5.3 CITAÇÃO DE CITAÇÃO

É a menção a um documento ao qual não se teve acesso, mas do qual se tomou conhecimento apenas por citação em outro trabalho. Esta forma de citação só deve ser usada na total impossibilidade de acesso ao documento original. A indicação é feita pelo sobrenome do autor original, ano da obra, seguido da expressão apud e do sobrenome do autor da obra consultada, ano da obra e página de for citação direta. Somente o autor da obra consultada é mencionado nas referências conforme exemplo a seguir:

NO TEXTO:

Segundo Mintzberg (1982 *apud* STONER, 1985, p. 70)

ou

(MINTZBERG, 1982 *apud* STONER, 1985, p. 70)

NA REFERÊNCIA:

STONER, J. A. F. **Administração**. 2. ed. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil, 1985. p. 68-87.

ENVIO

Os interessados em apresentar qualquer publicação para avaliação, que sejam diretamente ligados a Faculdade, como docentes e discentes, deverão entregar diretamente a Comissão Editorial na própria sede da Faculdade. Já os profissionais externos deverão enviar para o seguinte endereço:

**Faculdade de Ciências e Tecnologia de Unai – FACTU
Comissão Editorial da Revista FACTU-Jurídica
Rua Rio Preto, 422 - Centro
CEP: 38.610-000 - Unai - MG**

Editor:

aldeia88@gmail.com

nupex@mail.com